



**PPGL**

Programa de Pós-Graduação  
em Lingüística



Universidade Federal de São Carlos

***PRESENT PERFECT: UMA QUESTÃO DE ASPECTO***

**UM ESTUDO SOBRE O CONTEXTO NA COMPREENSÃO DA NOÇÃO DE  
ASPECTO SUBJACENTE AO *PRESENT PERFECT* SIMPLES EM INGLÊS**

**Sabrina de Paula Espino**

**São Carlos  
2007**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

***PRESENT PERFECT: UMA QUESTÃO DE ASPECTO***

**UM ESTUDO SOBRE O CONTEXTO NA COMPREENSÃO DA NOÇÃO DE ASPECTO  
SUBJACENTE AO *PRESENT PERFECT* SIMPLES EM INGLÊS**

Sabrina de Paula Espino

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Ensino-  
Aprendizagem de Línguas

Orientador: Prof. Dr. Ademar da Silva

São Carlos  
2007

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

E77pp

Espino, Sabrina de Paula.

*Present perfect*: uma questão de aspecto : um estudo sobre o contexto na compreensão da noção de aspecto subjacente ao *present perfect* simples em inglês / Sabrina de Paula Espino. -- São Carlos : UFSCar, 2007.

147 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2007.

1. Língua inglesa – ensino e aprendizagem. 2. Língua inglesa – tempo verbal. 3. Aspecto verbal. 4. Abordagem contextual. 5. Protocolos verbais. I. Título.

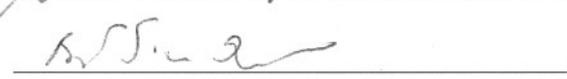
CDD: 428 (20<sup>a</sup>)

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Ademar da Silva

Handwritten signature of Ademar da Silva in cursive script, positioned above a horizontal line.

Profa. Dra. Beatriz Nunes de Oliveira Longo

Handwritten signature of Beatriz Nunes de Oliveira Longo in cursive script, positioned above a horizontal line.

Profa. Dra. Eliane Hércules Augusto Navarro

Handwritten signature of Eliane Hércules Augusto Navarro in cursive script, positioned above a horizontal line.

## **Agradecimentos**

Se me permitem uma brincadeira com as palavras, esse trabalho contou com um pouco de tudo e muito de todos. Uma junção de conhecimentos e contribuições, “presentes perfeitos” para que essa dissertação se concretizasse.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer imensamente a meu orientador, Prof. Ademar, pela generosidade em compartilhar sua sabedoria no campo do ensino-aprendizagem de línguas, além de sua paciência com a determinação e limitações de uma mestranda.

Não poderia deixar de agradecer aos professores do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de São Carlos, especialmente as professoras Eliane, Soila e Vanice e ao professor Nelson, pelos ensinamentos e valiosos questionamentos para a efetivação dessa pesquisa. Agradeço também à Prof<sup>a</sup>. Ramira Maria Siqueira da Silva Pires da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara, pelo suporte na realização dos experimentos com seus alunos.

Agradeço às professoras participantes da minha banca de qualificação, Eliane Hércules Augusto Navarro e Beatriz Nunes de Oliveira Longo, pelos primorosos subsídios às minhas discussões.

À todos os alunos participantes dessa pesquisa, por terem disposto de seu precioso tempo para a realização dos experimentos.

Às companheiras de jornada acadêmica Denise e Cristiane pelos gloriosos momentos de cafézinho e almoço, que sempre acabavam em colaborações e estímulos. As amigas Malu e Ezilce pela motivação incondicional.

Aos meus queridos pais, Rosales e Francisca, por terem investido em meus sonhos.

Ao meu noivo Rodrigo, pelo apoio e carinho nos momentos desesperançosos.

E, sobretudo a Deus, essa força maior que me faz perceber que quando cremos, realizamos.

## RESUMO

Este estudo visa a problematizar a questão do ensino-aprendizagem e aquisição do *present perfect* simples (PP) em inglês, estrutura verbal que não possui equivalente semântico na língua portuguesa. Frequentemente ensinada de forma fragmentada e abordada em gramáticas e livros didáticos de maneira descontextualizada e por meio de explicações confusas e incompatíveis, tal estrutura é de difícil compreensão para aprendizes brasileiros. Mesmo sendo morfológica análoga ao pretérito perfeito composto do português, já que ambas são formadas pelo verbo *ter* + particípio passado de algum verbo qualquer, sabe-se que elas nem sempre operam da mesma forma. Além da noção de Tempo, o PP carrega também forte informação aspectual, que é raramente abordada em seu ensino, porém essencial para seu entendimento. Com isso em mente, o intuito deste estudo foi analisar em que medida uma abordagem contextual facilita a compreensão da questão de Aspecto subjacente ao PP e a partir disso apontar alguns caminhos para seu ensino. O experimento, realizado com 20 alunos do último ano do curso de Letras com habilitação na língua inglesa de duas universidades públicas do interior de São Paulo, constou de duas tarefas distintas, uma de base estrutural e outra contextual, além de um questionário com perguntas acerca de algumas estruturas verbais. Tendo como base a técnica de protocolos verbais, os participantes foram instruídos a verbalizar seus pensamentos quando realizavam as tarefas. Os resultados obtidos se mostram favoráveis ao uso de atividades contextualizadas no entendimento da noção de Aspecto que abarca o PP, uma vez que esse tipo de tratamento parece amenizar as dificuldades encontradas pelos aprendizes ao realizarem uma tarefa que envolve diversas estruturas verbais, pois proporciona uma maior possibilidade de focar na questão aspectual e menos na temporal.

Palavras-chave: *present perfect* simples, Aspecto, abordagem contextual, protocolos verbais.

## **ABSTRACT**

This study approaches the present perfect simple (PP) in English, a verb structure that does not have a semantic equivalent in Brazilian Portuguese language. This fact brings out teaching and learning issues that one occasionally tries to answer. Frequently taught through out of context sentences and treated in grammar and language teaching books in a fragmented way, through confusing and haphazard explanations, this structure is difficult for Brazilian English learners to grasp. Although morphologically similar to the compound past tense in Portuguese, once both are formed by “have” and the past participle of a given verb, it is acknowledged that these structures do not always operate in the same way. Besides the concept of Tense, the PP also bears strong aspectual information which is rarely taken into consideration in its teaching, but essential for its understanding. With this in mind, this investigation goal was to analyze if a contextual approach facilitates the comprehension of the notion of Aspect underlying the PP. The experiment consisted of two distinct tasks, one structural and another contextual, and also a questionnaire with questions concerning some verb structures. Based on verbal protocols technique, the participants, 20 English language students attending the last year of Language College in two public universities in the state of São Paulo, were instructed to verbalize their thoughts while performing the tasks. The results are favorable to the use of contextual activities in the understanding of the aspectual feature that underlies the meaning of the PP, since this type of approach seems to attenuate the difficulties found by learners when carrying out tasks involving several verb structures, therefore providing greater possibility of focusing in aspectual features and less in temporality.

Key words: present perfect simple, Aspect, contextual approach, verbal protocols.

## SUMÁRIO

Introdução.....	10
<b>1 A Categoria Gramatical Aspecto e o <i>Present Perfect</i> Simple</b> .....	<b>14</b>
1.1 Aspecto.....	14
1.1.2 A Expressão do Aspecto em Português e Inglês.....	23
1.2 O <i>Present Perfect</i> Simple.....	28
1.2.1 <i>Perfect</i> Resultativo.....	30
1.2.2 <i>Perfect</i> Experiencial.....	30
1.2.3 <i>Perfect</i> de Situação Persistente.....	31
1.2.4 <i>Perfect</i> de Passado recente.....	32
1.3 A Pragmática do <i>Present Perfect</i> .....	34
1.4 A Influência da Língua Materna na Aprendizagem <i>Present Perfect</i> .....	38
<b>2 Gramática e Ensino de Língua Estrangeira.....</b>	<b>42</b>
2.1 O <i>Present Perfect</i> Simple em Gramáticas e Livros Didáticos.....	44
2.2 Abordagem Contextual no Ensino e Aprendizagem das Combinações Temporal-aspectuais.....	51
<b>3 Metodologia.....</b>	<b>56</b>
3.1 Contexto de Pesquisa.....	56
3.2 Participantes do Estudo: Perfis e Observações.....	57
3.3 Coleta de Dados e seus Instrumentos.....	60

3.3.1	Protocolos Verbais.....	61
<b>4</b>	<b>Análise dos Dados e Discussão dos Resultados.....</b>	<b>64</b>
4.1	Análise dos Relatos e Triangulação dos Dados.....	68
4.1.1	Participante 1.....	69
4.1.2	Participante 8.....	71
4.1.3	Categorização dos Dados.....	74
4.2	Discussão dos Resultados.....	83
<b>5</b>	<b>Conclusão e Encaminhamentos.....</b>	<b>89</b>
	<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>92</b>
 <b>Anexos – Instrumentos da Coleta de Dados</b>		
	Anexo I – Termo de Consentimento.....	99
	Anexo II – Dados Pessoais.....	100
	Anexo III – Instruções.....	101
	Anexo IV – Tarefa I.....	103
	Anexo V – Tarefa II.....	105
	Anexo VI – Questionário.....	106
	Anexo VII – Transcrições.....	107

## TABELAS

TABELA 1 – Noções Aspectuais no Português.....	16
TABELA 2 – Propriedades Resultativa e Contínua em Inglês e Português.....	27
TABELA 3 – Possibilidades de Tradução do PP em Português.....	33
TABELA 4 – Representação do PP.....	49
TABELA 5 – Aprendizagem de Inglês.....	58
TABELA 6 – Contexto de Aprendizagem de Inglês.....	59
TABELA 7 – Respostas esperadas e fornecidas pelos participantes na tarefa I.....	66
TABELA 8 – Porcentagem de utilização do PP.....	67
TABELA 9 – Respostas alternativas em contextos que exigiam o PP.....	68
TABELA 10 – Relatos provenientes da Tarefa I.....	78
TABELA 11 – Relatos provenientes da Tarefa II.....	80
TABELA 12 – Categorização dos relatos provenientes do questionário.....	82
TABELA 13 - Traços aspectuais observados nas tarefas I e II.....	85

## LISTA DE ABREVIATURAS

PP – *present perfect* simples

PS – passado simples

PRE – presente simples

PC – presente contínuo

PPC – *present perfect* contínuo

PAP – *past perfect*

PAPC – *past perfect* contínuo

FUT – futuro

EV – estrutura verbal

LM – língua materna

LE – língua estrangeira

LI – língua inglesa

L2 – segunda língua

LD – livro didático

AC – análise contrastiva

P – participante da pesquisa

IL – interlíngua

“...*But I still haven't found what I'm  
looking for...*”<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Percebo que não haveria maneira melhor para expressar o meu real sentimento em relação ao instigante universo do ensino e aprendizagem<sup>2</sup> de línguas e, principalmente, no que diz respeito ao ensino e aprendizagem da estrutura verbal<sup>3</sup> *present perfect* simples (doravante PP) da língua inglesa (doravante LI). Confesso que essa citação foi o “presente perfeito” para iniciar minha dissertação.

Realmente estou longe de encontrar o que procuro e durante o mestrado me questioneei sobre o que este estudo teria a ver com toda a produção de conhecimento em nossa área. Todavia, inspirada por aquela velha frase de que uma longa viagem começa com um único passo, acredito que as inquietações expostas nesse trabalho são relevantes e podem contribuir para as discussões acerca do tema em questão. Assim sendo, aqui as apresento.

---

<sup>1</sup> “... Mas eu ainda não encontrei o que estou procurando”. Trecho extraído da canção *I still haven't found what I'm looking for* do grupo irlandês U2.

<sup>2</sup> Os termos *aprendizagem* e *aquisição* têm sido constantemente questionados na área de aquisição de língua. Teoricamente, o debate foi representado por Krashen (1981) por meio da distinção entre aprendizagem consciente e aquisição inconsciente. Segundo o autor, a língua deveria ser adquirida por meio da exposição natural e não aprendida por meio da instrução formal e o conhecimento “aprendido” jamais vem a ser “adquirido”, uma vez que estão presentes em sistemas diferentes no cérebro. No entanto, de acordo com Gass e Selinker (2001:202), aprendizes possuem diferentes formas de internalizar informação, porém não é claro se existe o desenvolvimento de dois sistemas independentes conforme propôs Krashen. Optei por utilizar o termo *aprendizagem* ao invés de *aquisição*, embora acredite que isso seja um caminho de mão-dupla, ou seja, o que é aprendido pode vir a ser adquirido e vice-versa.

<sup>3</sup> Optei pelo termo *estrutura verbal* (doravante EV) ao invés de *Tempo verbal* por considerar que não somente a noção de Tempo está presente nas formas verbais, mas também o Aspecto. Assim, nesse estudo, todos os chamados Tempos verbais serão denominados *estruturas verbais*, com exceção de citações contidas em outros trabalhos mencionados.

Como aprendiz e professora de inglês, sempre me questionei acerca do PP, EV que não possui um equivalente semântico em português, sendo, por isso, de difícil compreensão. O PP é formado pelo verbo “ter” (*have*) e o particípio passado de um outro verbo qualquer e denota a relevância no presente de uma situação passada.

O PP é morfologicamente análogo ao pretérito perfeito composto em português, pois as duas estruturas são formadas pela perífrase verbal “ter + particípio passado”. Assim, sentenças como *I have bought a car* tendem, em alguns casos, a ser erroneamente traduzidas como “tenho comprado um carro”, o que evidencia a propensão em se adotar o segundo como a tradução do primeiro. Todavia, sabemos que o pretérito perfeito composto em português “exprime geralmente a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente em que falamos” (Cintra e Cunha, 1985), característica que o PP não porta exclusivamente.

Parece-me que uma possível causa do problema da aprendizagem do PP para falantes do português tem a ver com a inevitável influência que a língua materna (doravante LM) exerce na aprendizagem de uma língua estrangeira (doravante LE). Portanto, certas similaridades na forma acabam confundindo os aprendizes.

Nota-se também uma certa dificuldade em seu ensino e presumo que isso ocorra pelo fato de esta EV ser freqüentemente abordada em gramáticas e livros didáticos (doravante LDs) por meio de explicações obscuras. Em literaturas didáticas, o PP é geralmente concebido como sendo um Tempo Verbal<sup>4</sup> utilizado para designar ações que ocorreram no passado em tempo não determinado, sendo freqüentemente tachado como “passado inacabado”.

Além disso, a maioria dos exercícios propostos em gramáticas e LDs são atividades descontextualizadas com lacunas para serem preenchidas no PP ou passado simples (doravante PS). Entretanto, sabemos que certos contrastes entre EVs não são perfeitamente observáveis apenas no nível da frase. Com isso em mente, acredito que uma das preocupações de aprendizes de inglês como LE ou segunda

---

<sup>4</sup> Conforme Costa (2002:9), escreverei sempre com inicial maiúscula os nomes das categorias lingüísticas. Por exemplo, Aspecto, Tempo, Pessoa, entre outros. Assim, poderemos distinguir *Tempo* (categoria lingüística) de *tempo* (aquilo que o Aurélio define como “a sucessão dos anos, dos dias, das horas, etc.”).

língua (doravante L2)<sup>5</sup> é entender e utilizar adequadamente as estruturas verbais e, segundo autores como Larsen-Freeman et al. (2002:3), o sistema temporal-aspectual dos verbos é uma das áreas gramaticais, em inglês, mais difíceis de se dominar. Sabe-se que o verbo é o centro de uma frase e carrega não somente significado lexical, mas também informação sobre Tempo, Modo e Aspecto. De acordo com os autores, as EVs são freqüentemente ensinadas de forma fragmentada, e isso poderia ser evitado se o sistema temporal-aspectual fosse abordado como um todo.

Apesar do PP ter sido objeto de várias pesquisas (Marcello, 2005; Fonseca, 2005; Marx, 2004; Elizi, 2004; El-Dash, 2005, 2001; entre outras), esse trabalho justifica-se pelo interesse em contribuir com tais estudos, mais especificamente no que diz respeito à questão da compreensão da noção de Aspecto<sup>6</sup> subjacente a essa EV. Suponho que, por meio de uma abordagem contextual, os professores poderão apresentá-la de forma mais clara e coerente a seus aprendizes, que por sua vez, poderão melhor compreendê-la.

Considerando o freqüente uso do PP no inglês e as dificuldades já apontadas, o intuito foi analisar, por meio de relatos verbais<sup>7</sup> de alunos do último ano do curso de Letras com habilitação na LI, se uma abordagem contextual<sup>8</sup> facilita a compreensão do

---

<sup>5</sup> De acordo com Ellis (2003:3), o termo “aquisição de L2” parece claro à primeira vista, no entanto, exige um certo cuidado. Por um lado, o termo “segunda” pode referir-se a qualquer língua aprendida além da LM. Assim, pode referir-se ao aprendizado de uma terceira ou quarta língua. Além disso, o autor afirma que “segunda” não necessariamente contrasta com “estrangeira”, uma vez que se uma língua é aprendida naturalmente como resultado de viver em um país no qual ela é falada ou em uma sala de aula por meio de instrução, é comum falar-se em aquisição de L2. No entanto, por este trabalho ter como objeto o ensino de inglês no Brasil, optei por adotar o termo LE já que considero distintos esses dois termos em certos contextos. Todavia, mantive os vocábulos originais extraídos das literaturas consultadas.

<sup>6</sup> Refiro-me aqui ao Aspecto gramatical, ou seja, expresso por meio de morfemas flexionais, como os morfemas perfectivos ou progressivos (Comrie, 1976:9) e não ao Aspecto lexical, que se refere às propriedades próprias aos radicais dos verbos, classificando as situações em estados, eventos e processos ((Comrie, 1976:13).

<sup>7</sup> Metodologia adaptada da técnica de protocolos verbais (Ericsson e Simon, 1993), a qual utiliza comentários áudio-gravados de participantes de uma pesquisa que são instruídos a verbalizar o que estão tentando fazer e os problemas que enfrentam ao efetuarem uma determinada tarefa.

<sup>8</sup> Essa abordagem tem o texto como o produto coerente do processo discursivo, ou seja, transcende orações, ultrapassa o limite da frase e depende do contexto lingüístico. Entende-se o texto como qualquer extensão de língua que funcione como uma unidade completa, não importa quão breve, ou mesmo curto como “não fumar”. (Larsen-Freeman, 2003:67).

uso do PP e se esses alunos têm consciência da questão aspectual subjacente à semântica dessa estrutura. Sendo assim, procurei encontrar respostas às seguintes perguntas:

1. Uma abordagem contextual, ou seja, menos calcada em frases isoladas, facilita a compreensão da pragmática<sup>9</sup> do PP e principalmente da noção de Aspecto subjacente a essa EV?
2. Os alunos têm consciência acerca dessa questão aspectual? Como ocorrem as associações temporal-aspectuais na IL desses aprendizes?

O objetivo deste estudo é, portanto, verificar se uma abordagem contextual promove um melhor entendimento do uso do PP por parte dos aprendizes bem como observar se há a conscientização da questão aspectual subjacente a essa estrutura. A dissertação é intitulada *Present Perfect: uma Questão de Aspecto* por se postular que o cerne do entendimento do PP fundamenta-se nessa noção.

A dissertação divide-se em 5 capítulos. O capítulo I apresenta a categoria gramatical Aspecto e algumas considerações sobre o PP. No segundo capítulo discorro acerca do tratamento do PP em gramáticas e LDs. O capítulo III contém a metodologia utilizada no estudo. A análise dos dados e a discussão dos resultados são apresentadas no quarto capítulo. O capítulo V abarca as considerações finais e encaminhamentos futuros. As referências bibliográficas, os anexos com os instrumentos utilizados para a coleta de dados e as transcrições dos relatos são apresentados ao final do trabalho.

---

<sup>9</sup> Conforme Fonseca (2007:18), entende-se pragmática como o estudo do uso da língua na comunicação, particularmente as relações entre as elocuições e o contexto e as situações em que essas são usadas.

# 1 A CATEGORIA GRAMATICAL ASPECTO E O *PRESENT PERFECT* SIMPLES

## 1.1 Aspecto

Mattoso Câmara Jr. destaca, em sua obra *Princípios de Lingüística Geral* (1967), a importância de se considerar o estudo do Aspecto, uma vez que, nas línguas ocidentais modernas, não houve, propriamente, uma supressão desta categoria verbal em face da categoria de Tempo, mas uma predominância da última em relação à primeira, no tocante à classificação e distribuição das formas verbais para o sistema de conjugação. Além do mais, em regra, tanto Tempo como Aspecto se coordenam na expressão de uma EV. Apesar disso, os gramáticos tradicionais da língua portuguesa geralmente não dão o merecido destaque ao Aspecto, deixando de lado o estudo dessa categoria, e citando normalmente para os verbos apenas as categorias de Voz, Tempo, Modo, Número e Pessoa.

Travaglia (1981:15) também ressalta que pouca atenção tem sido dada à categoria de Aspecto no estudo do verbo em português. De acordo com o autor, sua conceituação tem variado muito, sendo, quase sempre, incapaz de abranger todas as noções. Entretanto, alguns pontos mais ou menos comuns entre diferentes conceituações são:

- 1) Aspecto seria “a maneira de ser da ação”;
- 2) Aspecto é a indicação da duração do processo, de sua estrutura temporal interna;
- 3) Aspecto é a indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si;
- 4) Aspecto envolve tempo;

5) Aspecto é definido como marcador de oposições entre certas noções ou de noções simples: término/não-término, início, resultado, etc.

Travaglia (1981:39) observa que tanto Tempo quanto Aspecto são categorias de tempo, entretanto elas não se confundem. A categoria de Tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a esse mesmo momento. É uma categoria dêitica, uma vez que indica o momento da situação relativamente à situação de enunciação. Já a categoria de Aspecto não é uma categoria dêitica, pois se refere a uma situação em si. Comrie (1976:3) o descreve como uma categoria verbal que define a perspectiva pela qual o falante vê um estado, evento ou ação, afirmando que sua função não é relacionar um evento ou situação a um ponto no tempo, como a noção de Tempo, mas sim considerar a constituição temporal interna de uma situação. Para efeitos de distinção, pode-se dizer que o Tempo é “um tempo externo à situação” e o Aspecto é “um tempo interno à situação”.

Assim, Travaglia (1981:40) sintetiza a noção de Aspecto:

Aspecto é uma categoria verbal de tempo, não-dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação.

Segundo o autor, existem quatro grupos de distinções aspectuais no português, um ligado à duração e três ligados a fases:

**TABELA 1 – Noções Aspectuais no Português**

Noções Aspectuais				Aspectos	
<b>I – Duração</b>	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada	Durativo	
			b. Ilimitada	Indeterminado	
		B. Descontínua	a. Limitada	Iterativo	
			b. Ilimitada	Habitual	
	2. Não duração ou pontualidade		Pontual		
<b>II - Fases</b>	1. Fases de realização	A. Por começar A'. Prestes a começar (ao lado do Aspecto há uma opção temporal)	Não-começado		
		B. Começado ou não-começado	Começado ou não-acabado		
		C'. Acabado há pouco (ao lado do Aspecto há uma opção temporal) C. Acabado	Acabado		
	2. Fases de desenvolvimento	A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)	Inceptivo		
		B. Meio	Cursivo		
		C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)	Terminativo		
	3. Fases de completamento	A. Completo	Perfectivo		
		B. Incompleto	Imperfectivo		
	<b>Ausência de noções aspectuais</b>				Aspecto não-atualizado

O autor (1981:92) afirma que uma forma verbal não precisa estar marcada para os quatro tipos, mas pode estar marcada apenas para uma, duas ou três destas distinções. Por exemplo, uma forma verbal pode estar marcada apenas para a distinção *perfectivo/imperfectivo* sem estar marcada para as outras três distinções e assim por diante. Assim, ao realizarmos uma análise aspectual de uma frase<sup>10</sup>, não temos que

<sup>10</sup> Entende-se frase como unidade de comunicação lingüística, podendo ser formada por uma só palavra ou grupo de palavras, ou estruturar-se com elaboração longa e complexa, englobando várias orações. Nesse trabalho utilizo também o vocábulo *sentença* como sinônimo.

dizer obrigatoriamente as quatro distinções aspectuais, mas apenas Aspectos referentes às distinções para as quais a situação expressa está marcada.

A seguir, exponho separadamente cada um dos Aspectos, seguindo as caracterizações de Travaglia, começando pelo *perfectivo* e *imperfectivo*, que segundo o autor, estão marcados em quase todas as frases. É importante ressaltar que os Aspectos também mantêm em si certas tendências de associações, mas que não serão explicitadas aqui.

### 1.1.1 Perfectivo

Caracterizado por apresentar a situação como completa, em sua totalidade. O todo da situação é apresentado como um todo único, com começo, meio e fim englobados, sem tentativa de dividir a situação em fases de desenvolvimento.

Exemplos:

- Antônio **ouviu** a música o dia todo.
- Eu **estive** doente, por isso faltei a duas aulas.

### 1.1.2 Imperfectivo

Caracterizado por apresentar a situação como incompleta, isto é, não temos o todo da situação e, por isso, normalmente ela é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento. Aqui, ao contrário do que ocorre no perfectivo, é como se a situação fosse vista de dentro, enfocando-se não o seu todo. Segundo Costa (2002:33), a distinção aspectual mais comum no português ocorre entre *perfectivo* e *imperfectivo*.

Exemplos:

- A festa **terminava** quando ele saiu.

- A mistura **ia endurecendo** lentamente.

### 1.1.3 Durativo

Caracterizado por apresentar a situação como tendo duração contínua limitada.

Exemplos:

- Ele **estava nadando** desde as 6 horas da manhã.
- João **ficará atendendo** as pessoas.

### 1.1.4 Indeterminado

Apresenta a situação como tendo duração contínua ilimitada, ou seja, sem limites conhecidos ou perceptíveis, ainda que intuitivamente.

Exemplos:

- A Terra **gira** em torno do sol.
- Este cachorro **morde**.

### 1.1.5 Iterativo

Caracterizado por apresentar a situação como tendo duração descontínua limitada, ou seja, quando a situação é apresentada como sofrendo interrupções na sua duração, o que cria a idéia de repetição, indicando seu início ou seu fim ou o valor da duração.

Exemplos:

- Ela me **acanou** várias vezes.
- As crianças ora **choravam**, ora **brincavam**.

### 1.1.6 Habitual

Caracterizado por apresentar a situação como tendo duração descontínua ilimitada, ou seja, cujos limites não são conhecidos nem sugeridos.

Exemplos:

- D. Maria **passeia** todos os dias na praia.
- Todas as noites **escovava** os dentes com cuidado.

### 1.1.7 Pontual

Caracterizado por apresentar a situação como pontual, ou seja, como não tendo duração. Logicamente toda situação tem duração, mas, linguisticamente, a duração só é considerada quando é expressiva.

Exemplos:

- Raulzinho **pega** a bola e **atira** para Roberto.
- Caxias **ataca** o inimigo e **vence-o**.

### 1.1.8 Não-começado

Caracterizado por apresentar a situação na fase anterior ao início de sua realização, portanto como algo por começar. Depreende-se da frase em que ocorre tal Aspecto que há ou houve “intenção” ou “certeza” de a situação se realizar.

Exemplos:

- Pedro está **para emoldurar** o quadro.
- Este livro **ficou por ler**, pois não tive tempo.

### 1.1.9 Não-acabado ou começado

Caracterizado por apresentar a situação já em realização, ou seja, após o seu momento de início e antes de seu momento de término. Portanto, se a situação é apresentada em seus primeiros ou últimos momentos, também temos o Aspecto começado ou não-acabado.

Exemplos:

- Minha cabeça **tem doído** muito.
- **Estou lendo** um livro interessante.

### 1.1.10 Acabado

Caracterizado por apresentar a situação após seu momento de término, portanto como concluída, acabada, terminada.

Exemplos:

- Quando eles voltarem, já **terei preparado** o lanche.
- O pobre animal **morreu** pouco a pouco.

### 1.1.11 Inceptivo

Caracterizado por apresentar a situação em seu ponto de início ou em seus primeiros momentos. No segundo caso, ele é mais facilmente perceptível.

Exemplos:

- Os marceneiros **estão começando a armar** o telhado.
- José **começou a falar** na segunda aula.

### 1.1.12 Cursivo

Caracterizado por apresentar a situação em pleno desenvolvimento, ou seja, concebida como já tendo passado seus primeiros momentos e ainda não tendo atingido seus últimos momentos. Em outras palavras, a situação é apresentada na fase do meio do seu desenvolvimento.

Exemplos:

- Os rapazes **continuam jogando** apesar da chuva.
- O presidente **estava falando** desde as cinco horas.

### 1.1.13 Terminativo

Caracterizado por apresentar a situação nos seus últimos momentos ou em seu momento de término, sendo percebido mais claramente no primeiro caso.

Exemplos:

- Espere um momento que **estou acabando de arrematar** seu vestido.
- Rita **terminou de limpar** a casa às 11 horas.

### 1.1.14 Não-aspecto

Existem casos em que nenhuma noção aspectual esteja presente na frase. Dessa forma, não haverá referência à duração ou às fases da situação, pois a categoria de Aspecto não terá sido atualizada.

Exemplos:

- As crianças **precisam se alimentar** bem.
- **Posso servir** o jantar?

Isso posto, o Aspecto é a categoria lingüística que informa se o falante leva em consideração, ou não, a constituição temporal interna dos fatos enunciados. Tal referência independe do ponto dêitico da enunciação, visto que *centra o tempo no fato e não o fato no tempo* (Costa, 2002: 20).

O Aspecto *perfect*, subjacente à estrutura do PP em inglês e foco desse trabalho, é uma forma Aspecto-Temporal que expressa um estado no presente como resultado de uma ação ou mudança prévia, e/ou uma ação, evento ou estado passado que é, de alguma forma, importante para o presente e é considerado do ponto de vista presente,

desvinculado de outros fatos passados (Maslov, 1990, apud Lindstedt, 2000:365)<sup>11</sup>. No entanto, ele parece não ser relevante na semântica das EVs da língua portuguesa, uma vez que o português e o inglês variam em relação à expressão do Aspecto.

É de extrema importância observar que os termos *perfectivo*, *imperfectivo* e *perfect*, de acordo com Comrie (1976:12), são utilizados em diferentes sentidos. O termo *perfectivo* contrasta com *imperfectivo* e denota uma situação vista em sua totalidade, sem referência a sua constituição temporal interna. Já o termo *perfect* refere-se a uma situação passada que tem relevância no presente, por exemplo, a relevância no presente de um evento passado (*his arm has been broken* – o braço dele está quebrado). Neste estudo, utilizarei o vocábulo *perfect* em inglês justamente para evitar a confusão de termos.

### 1.1.2 A Expressão do Aspecto em Português e Inglês

A oposição aspectual básica em português caracteriza-se por opor a não-referência à constituição temporal interna dos eventos (tempo não-marcado, o *perfectivo*) a essa referência (tempo marcado, o *imperfectivo*), na qual o primeiro é visto como “falta de referência explícita à consistência temporal interna da situação” e o último como envolvendo “referência explícita à estrutura temporal interna de uma situação, como se fosse olhar a situação de dentro” (Comrie, 1976:4).

Um exemplo dessa oposição aspectual é a distinção entre fatos *acabados* e *inacabados* (Costa, 2002:33), noções que são expressas respectivamente pelo pretérito perfeito e pelo pretérito imperfeito:

- (a) Maria **leu** a notícia há pouco.
- (b) Quando entrei, Maria **lia**.

---

<sup>11</sup> MASLOV, Ju. S. Perfekt. In **LÉS**, p.372, 1990.

Em (a), marca-se o ato de ler como um todo completo, anterior ao momento da enunciação. Já em (b), encara-se a ação em seu desenvolvimento sem definir uma conclusão. Esses valores semânticos opostos são valores aspectuais básicos ou gerais, denominados portanto, de *perfectivo* e *imperfectivo*.

O *perfectivo* é caracterizado por apresentar a situação como completa, isto é, em sua totalidade, com começo, meio e fim englobados. Não há tentativa de dividir a situação em fases de desenvolvimento. É como se a situação fosse vista de fora, em sua globalidade (Travaglia, 1981:76). No entanto, devemos observar que o *perfectivo* não é privativo do tempo passado, uma vez que existem formas perfectivas presentes e formas perfectivas futuras, como na frase: *quando eles voltarem, já terei preparado o lanche*.

Já o *imperfectivo* apresenta a situação como incompleta, isto é, não temos o todo da situação. A noção que o caracteriza aparece juntamente com as noções aspectuais representadas pelas fases de desenvolvimento da situação. É como se víssemos a situação de dentro, focando-se não a sua totalidade (Travaglia, 1981:78).

Em relação ao pretérito perfeito composto, Costa (2002:45) afirma que ele é a única estrutura composta do português que pode portar traço de *imperfectividade*, visto que se refere a atividades repetidas ou habituais que se estendem até o tempo presente.

Para Travaglia (1981:165), a perífrase “ter + particípio”, no presente do indicativo, expressa o imperfectivo, o não-acabado e o iterativo (*Jorge tem ficado calado nas reuniões*), mas que, em certos casos, em função principalmente do significado do verbo, temos o durativo e o cursivo, e não o iterativo (*José tem engordado muito*).

Já em inglês, El-Dash (2001, 2005) assegura que o Aspecto *perfect* traz um enfoque que não é saliente na semântica das EVs do português, pelo fato de apresentar uma situação como um estado (El-Dash, 2001). Parece-me viável nessa parte do trabalho, discutir um pouco o conceito de estado, tão recorrente nas explicações acerca do PP.

Nishiyama e Koenig (2004:107) propõem que o significado do Aspecto *perfect* introduz uma eventualidade<sup>12</sup>, cujo traço temporal precede um tempo de referência<sup>13</sup>, e

---

<sup>12</sup> Qualquer evento ou estado.

um estado, que ultrapassa o tempo de referência e cuja categoria é inferida da ocorrência da eventualidade. Além disso, os autores afirmam que essa categoria de estado é semanticamente uma variável livre que deve ser preenchida por inferência pragmática, ou seja, pelo destinatário.

Dessa forma, entende-se estado como um “estado de coisas”, ou seja, algo que pode ocorrer em algum mundo (real ou mental), e, assim, está sujeito a determinadas operações, isto é: pode ser localizado no espaço e no tempo; pode ter uma certa duração; pode ser visto, ouvido ou, de algum modo, percebido (Neves, 2000:23).

Portanto, o resultado presente de uma determinada ação e não a ação em si é fundamental para o significado do PP. Segundo autores como Comrie (1976:52) e Li et al. (1982:19), o Aspecto *perfect* mostra a relação de um estado em existência a uma situação anterior, transforma uma ação em estado ou pode envolver uma ação passada, não a ação em si, mas o estado resultante dessa ação e sua relevância para a situação presente. O inglês expressa a presença ou ausência do Aspecto *perfect* em relação ao passado (*past perfect*), presente (*present perfect*) ou futuro (*future perfect*).

Segundo Schmitt (2001:439), os traços remanescentes do Aspecto *perfect* em português não permitem essa leitura de estado resultante. A autora afirma que em português é possível se fazer apenas leituras iterativas ou habituais como em *Pedro tem discutido o problema com Maria* e *Pedro tem fumado muito*. Já em inglês, geralmente espera-se uma interpretação resultativa, como podemos observar em *Pedro has died*, ou seja, ele está morto. “Interpretações iterativas não são obrigatórias no PP em inglês” (2001:447).

No entanto, tais exemplificações soam um tanto idealizadas e merecem atenção. Por exemplo, qual seria o estado resultante da frase *Bob has sung*? Não há iteratividade em *João has read the book for the test several times*? Parece-me que em inglês nem sempre as sentenças no PP têm um estado resultante perceptível. Além disso, se interpretações iterativas não são obrigatórias, entende-se que em alguns momentos elas são cabíveis.

Molsing defende a idéia de que o Aspecto *perfect* também está presente no português. A autora (2006: 247) assegura que, tanto em português quanto em inglês,

---

<sup>13</sup> Momento da fala.

ele gera um estado, mas a diferença está no tipo de estado que é introduzido. Em inglês, o Aspecto *perfect* introduz um estado resultante da eventualidade anterior. Em português, ele introduz o começo de um estado de continuidade ou iteração. As inferências lexicais e pragmáticas que podem ser derivadas da eventualidade anterior corroboram a idéia de que em inglês há um estado resultativo e em português, um estado iterativo. Exemplos:

### **Inglês**

- *John has arrived late to work.*

(Infere-se que John está aqui e está atrasado, mas não sabemos se ele chega sempre tarde)

### **Português**

- *O João tem chegado tarde.*

(Infere-se que João geralmente chega tarde, mas não sabemos se ele está aqui nesse momento e se está atrasado)

Isso posto, podemos pensar na seguinte representação:

**TABELA 2: Propriedades Resultativa e Contínua em Inglês e Português**

<b>Propriedade</b>	<b>Inglês</b>	<b>Português</b>
	<i>John has arrived late to work.</i>	<i>O João tem chegado tarde.</i>
<b>Resultativa</b>	Embutida lexicalmente. (João está aqui)	Inferida pragmaticamente. (não se sabe se ele está aqui)
<b>Contínua</b>	Inferida pragmaticamente. (não se sabe se ele geralmente chega tarde)	Embutida lexicalmente. (ele geralmente chega tarde)

Assim, tanto em português como em inglês, inferências resultativas e contínuas são permitidas, mas em inglês a propriedade resultativa está lexicalmente embutida enquanto a contínua não está. Em português, ocorre justamente o oposto, ou seja, a propriedade contínua está lexicalmente embutida enquanto a resultativa não está. Molsing defende uma análise unificada do Aspecto *perfect* nas duas línguas, afirmando que seus significados são semanticamente uniformes, uma vez que suas diferenças são explicadas por uma divergência pragmática.

Além disso, segundo Ilari (2001:142), o pretérito perfeito português obedece a uma restrição que afeta seu análogo inglês, pois informa se o fato relatado poderia estar acontecendo no momento da fala. Por exemplo, a pergunta *have you visited the exhibition?* só é cabível se a possibilidade da visita se mantém, ou seja, se a exposição ainda continua. Da mesma forma, a frase *Há muito tempo, William Bonner e Fátima Bernardes têm apresentado o Jornal Nacional* só é gramatical se o jornal televisivo ainda está no ar e se esses jornalistas ainda o apresentam.

As considerações de Molsing e Ilari parecem-me fazer sentido, uma vez que temos formas idênticas no inglês (*have* + particípio passado) e português (*ter* + particípio passado) e um significado que em certos momentos coincide e em outros, não.

## 1.2 O *Present Perfect Simple* <sup>14</sup>

Reichenbach (1948, apud Silva, 2002:23)<sup>15</sup> utiliza-se da teoria do tempo relativo para explicar os tempos verbais na língua, ou seja, a simultaneidade ou a sucessividade dos eventos depende da posição de um indivíduo em relação com outros indivíduos contiguamente presentes em um espaço/tempo contínuo e limitado. As relações dos pontos temporais: momento da fala (MF), momento do evento (ME) e momento de referência (MR), oriundos desse processo, são definidos como tempos verbais. O MF é momento da enunciação, o ME é o estado de coisas referido pelo ato de fala e o MR é um tempo mais abstrato, por meio do qual o falante transmite ao ouvinte a sua perspectiva temporal.

Portanto, o tempo deixa de ser absoluto e passa a ser definido em relação a um observador. Baseando-se nessas noções, o PP é definido pelo esquema temporal *ME – MF, MR*<sup>16</sup>, ou seja, o momento do evento é anterior ao momento da fala, que é simultâneo ao momento de referência (Corôa, 1985, apud Longo et al., 1992:162)<sup>17</sup>. Esta simultaneidade do MF com o MR revela o ponto de referência presente do falante, ou seja, um presente das coisas passadas ou um *anterior present*, na afirmação de Reichenbach (1948).

O próprio nome *present perfect* explicita seu significado. Acredito não haver presente mais perfeito do que o “presente perfeito”. Trocadilhos à parte, o exemplo mais claro da “presentividade” (Tregidgo, 1984:286) do PP está em sentenças como *I’ve brought you a cup of coffee*<sup>18</sup>, na qual o falante não está interessado na ação passada de trazer o café, mas sim no estado de coisas resultante dessa ação, ou seja, a presença do café.

---

<sup>14</sup> Uma vez que tal EV não existe na língua portuguesa, optei por manter o vocábulo em inglês.

<sup>15</sup> REICHENBACH, H. **Elements of symbolic logic**. New York: Free Press, 1948.

<sup>16</sup> Nesse esquema, o traço indica anterioridade ou posterioridade e a vírgula, simultaneidade.

<sup>17</sup> CORÔA, M. L. M. S. **O tempo nos verbos do português: introdução à sua interpretação semântica**. Brasília: Thesaurus, 1985.

<sup>18</sup> Eu lhe trouxe uma xícara de café.

Além da questão temporal, e para isso tomo como base as discussões de Chafe (1979:179), o significado do Aspecto *perfect* indica que uma situação existe no tempo de referência, ou seja, no momento do enunciado. Se a situação reflete um estado significa que o paciente começou a atingir aquele estado antes do tempo de referência. Por exemplo, a diferença entre *the door is open* e *the door has opened* é que, nesta última, entende-se que a porta começou a se abrir em algum tempo anterior ao tempo de referência. A flexão perfectiva acrescenta o significado de que o estado presente teve sua origem no passado.

No entanto, em eventos não derivados de estados, como em *Bob has sung*, o resultado pode ser mais dependente do contexto do evento. Dessa forma, as conseqüências deste evento podem ser que agora temos consciência de que Bob tem capacidade de cantar, tendo previamente duvidado disso; que agora Bob pode ir para casa, uma vez que realizou o que tinha que fazer; que agora é o momento de ocorrer o próximo ato; ou qualquer outra coisa.

Para Chafe (1979:179), o melhor modo de caracterizar o significado do Aspecto *perfect* seria dizer que tudo é considerado como permanecendo no momento de referência, a não ser pelo fato de que o começo do estado ou evento que produziu a situação é levado a retroceder a um tempo anterior. Tais idéias ressaltam o caráter Aspecto-Temporal do PP, a última referindo-se ao fato da situação ocorrer em algum tempo anterior antes do tempo de referência e a primeira relacionada à permanência da situação no momento de referência, sendo relevante para o falante.

Em português, o PP é representado semanticamente por várias combinações de verbos no passado, presente e pretérito perfeito e também por locuções adverbiais, visto que não há como traduzi-lo literalmente. Diferentes partes de seu significado global têm diferentes possibilidades para uma tradução satisfatória em português. De acordo com estudos de Bond (2001), Fonseca (2005) e Santos (1996), a influência da LM é um fator significativo quando os alunos tentam utilizar o PP em inglês. Embora parecidos na forma, sabemos que essas duas EVs podem operar de forma diferente.

Comrie (1976:5) atesta que a diferenciação entre Tempo e Aspecto é particularmente importante para se considerar o Aspecto *perfect*, visto que geralmente é tido apenas como Aspecto em trabalhos que fazem essa distinção. Assim, o autor

afirma que o Aspecto *perfect* relaciona algum evento a uma situação anterior, indicando sua relevância no presente (1976:52) e estabelece quatro tipos de situações para o PP: resultativo, experiencial, situação persistente e passado recente.

### 1.2.1 *Perfect Resultativo*<sup>19</sup>

Essa é uma das manifestações mais claras da relevância presente de uma situação passada, uma vez que aponta um estado de coisas no presente como resultado dessa situação. Dessa forma, uma das possíveis diferenças entre *John has arrived* e *John arrived* é que, na primeira, o PP indica o resultado da ação da chegada de John, ou seja, “ele está aqui”, conquanto a segunda simplesmente foca a ação de chegar. Comrie assegura que em línguas que não possuem o PP, o passado é geralmente utilizado em tais construções. O português parece comportar-se dessa maneira.

### 1.2.2 *Perfect Experiencial*<sup>20</sup>

Indica que uma dada situação aconteceu pelo menos uma vez no passado e é válida até o presente. O autor afirma que um exemplo útil e ilustrativo em inglês é a distinção entre *be* e *go* em frases como *Bill has been to America* e *Bill has gone to America* visto que aqui há uma distinção entre o PP experiencial e o resultativo. *Bill has gone to America* é PP de resultado e indica que Bill está agora na América, ou a caminho, sendo o resultado presente da ação passada de ir para a América. Já em *Bill*

---

<sup>19</sup> Do inglês *Perfect of Result*.

<sup>20</sup> Do inglês *Experiential Perfect*.

*has been to America* não há tal implicação, somente a informação de que Bill foi para a América em pelo menos uma ocasião. Portanto, esse tipo de sentença não coloca nenhuma restrição de quando Bill esteve na América, apenas aponta que foi há algum tempo antes do presente. Em português, tende-se a traduzir essa frase também no PS e utilizando o advérbio *já*: *Bill já esteve na América*.

### 1.2.3 *Perfect* de Situação Persistente

Este tipo de PP, considerado o mais característico do inglês, é utilizado para descrever uma situação que começou no passado, mas persiste até o presente como em *I've lived there for ten years* ou *I've shopped there for years*.

Todavia, Comrie enfatiza que muitas outras línguas utilizam o presente nessas situações, como é o caso do português. Assim, a frase *I've lived there for ten years* geralmente é traduzida como *eu moro aqui há dez anos*, frase expressa no presente simples (doravante PRE).

Tenderíamos a dizer que esse tipo de PP é o que mais se assemelha com a definição do pretérito perfeito composto em português, uma vez que “exprime geralmente a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente em que falamos” (Cintra e Cunha, 1985).

Ilari (2001:142) assegura que o uso de perífrases do tipo “ter + participio passado”, para localizar eventos segundo a fórmula *ME – MF, MR*, é extremamente raro e se limita provavelmente hoje em dia à expressão *tenho dito*, que tem caráter de clichê. Segundo o autor, no entanto, a mesma perífrase será extremamente freqüente com valor durativo e reiterativo.

Paiva Boléo (1937, apud Ilari, 2001:143)<sup>21</sup> registra que, além dos valores reiterativos, existem para o pretérito perfeito português valores estritamente durativos,

---

<sup>21</sup> BOLÉO, M. de P. **O pretérito e o perfeito em português, em confronto com as outras línguas românicas**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1937.

de que seria protótipo a sentença *tenho estado doente*. Tal frase parece portar o mesmo valor que sua equivalente inglesa *I have been sick*.

#### 1.2.4 *Perfect de Passado recente*<sup>22</sup>

Neste tipo, o resultado de uma situação passada é muito recente e é freqüentemente assinalado por *just* ou *recently*, como em *I have recently learned that the match is to be postponed* e *Bill has just arrived*. Comrie menciona que, em algumas línguas, o significado do PP foi substituído pelo pretérito perfeito. Uma vez que o PP envolve presente e passado, é possível que essas línguas diferenciem apenas presente e passado, o que pode ser notado na língua portuguesa. O desenvolvimento ocorrido pode ser visto como uma redução gradativa da “presentividade” das formas relevantes, que finalmente tornaram-se puramente passado (Comrie 1976:61).

Uma vez que o autor concebe o PP como Aspecto, por ser distinto de outras EVs em seu significado e não poder ser compreendido apenas pela categoria de Tempo, optei por adotar sua nomenclatura ao longo do trabalho.

Assim, com base na pesquisa de Bond (2001), poderíamos dizer que temos as seguintes possibilidades de tradução para o PP em português:

---

<sup>22</sup> Do inglês *Perfect of Recent Past*.

**TABELA 3 – Possibilidades de Tradução do PP em Português**

<b>Frase no PP</b>	<b>Possível tradução em português</b>	<b>EV utilizada</b>
<i>I've broken my leg.</i>	<i>Eu quebrei minha perna.</i>	Pretérito Perfeito.
<i>Have you been crying?</i>	<i>Você esteve (*estava) chorando?</i>	Passado Contínuo.
<i>I've lived in Brazil for a year.</i>	<i>Tenho morado / moro no Brasil há um ano.</i>	Pretérito Perfeito Composto ou Presente Simples.
<i>I've been here since ten o'clock.</i>	<i>Estou aqui desde às dez horas.</i>	Presente Simples.
<i>I've studied a lot this week.</i>	<i>Tenho estudado/ estou estudando muito essa semana.</i>	Pretérito Perfeito Composto ou Presente Contínuo.
<i>I've been to Ubatuba every year for the last five years.</i>	<i>Há cinco anos que eu vou para Ubatuba todo ano.</i>	Presente Simples.

As possíveis traduções para o PP são o presente simples e contínuo, o pretérito perfeito simples e composto. No entanto, como já abordado anteriormente, a perífrase “ter + particípio”, representada pelo pretérito perfeito, só é freqüente no português com valores durativos (*tenho estado doente*) e reiterativos (*eu tenho falado com ele*) e ainda assim não é muito recorrente nos dias atuais. A questão da relevância presente de uma situação passada, tão essencial para o significado do PP, não está lexicamente embutida nessa EV.

Lindstedt (2000:366) também aponta que o PP tende a se tornar alguma outra coisa, como por exemplo um passado, e isso pode ser notado no estudo de Monteiro et al. (1980:139), no qual se observa que o pretérito perfeito em português tem sido tradicionalmente aceito como a forma verbal para se traduzir o PP. Todavia, tal postura geralmente causa dificuldades para aprendizes brasileiros. Por exemplo, a tradução de

*I have bought a car* seria “comprei um carro”. A confusão surge porque essa também é a tradução de *I bought a car*, sentença expressa no PS. Portanto, a ausência de um equivalente semântico no sistema dos verbos da língua portuguesa faz com que os aprendizes tenham dificuldades em encontrar possibilidades de tradução para o PP, bem como em sua utilização.

### 1.3 A Pragmática do *Present Perfect*

Como visto no item 1.2, embora existam vários nomes dados aos possíveis usos do PP, sabemos que todos eles referem-se a estados, sendo que seu valor semântico inerente é o resultado presente de um evento passado. Porém, segundo Michaelis<sup>23</sup> (1998, apud Fonseca, 2007:36), a implicação estado-resultante é pragmática, no sentido que incorpora uma variável contextual. A variável estende-se no tempo enquanto o estado resultante puder ser sustentado; o momento da fala ancora a variável. A implicação estado-resultante, portanto, representa uma condição semântico-pragmática sobre o PP.

Assim, conforme Michaelis, a distinção entre PP e PS é pragmático-discursiva porque seus sentidos *per se* se sobrepõem. A autora ilustra que tanto é semântico-pragmática a diferença, que, em muitos usos, embora a sentença seja gramaticalmente correta, ela não é aceita naquele uso, ou melhor, há uma diferença de sentido que só se explica naquele contexto. Isso pode ser observado nos exemplos citados anteriormente: *I bought a car* e *I have bought a car*, ou seja, apesar de os significados se sobreporem há uma diferença de sentido que só é entendida discursivamente. Dessa forma, as duas sentenças indicam a compra de um carro, mas apenas a frase no PP indica que a posse do carro é relevante para o locutor no momento da fala. Uma vez que existem duas estruturas gramaticais diferentes cujos valores semânticos se

---

<sup>23</sup> MICHAELIS, L.A. **Aspectual Grammar and Past Time reference**. Routledge, London. 1998.

sobrepõem, é necessário que o conflito seja resolvido contextualmente. Pode-se dizer, portanto, que a pragmática propicia a descoberta de novos valores semânticos.

Em se tratando do PP especificamente, verifiquei que o valor semântico de resultado presente de um evento passado parece estar presente na maioria das explicações. El-Dash (2005:211) assegura que o uso do PP na revisão bibliográfica de artigos científicos indica o desejo do autor de realçar a importância de certos resultados de pesquisa. O uso do PP destaca as referências com mais relevância no âmbito de uma pesquisa em andamento. Dessa forma, quando os resultados de uma pesquisa têm relevância atual, as referências com menos importância são relatadas no passado. Em 1, observa-se uma ênfase na ação e, em 2, a ênfase é dada ao fato que agora sabemos e que é relevante para o presente:

1) In the early 1900s scientists discovered that...

2) Scientists have discovered that...

A mesma função do PP de realçar o que é importante no momento da fala também explica seu uso em manchetes:

3) All the Sensitive Noses Show Just How a City Has Changed

Tal manchete, extraída do jornal *The NY Times* de 10 de Janeiro de 2007, diz respeito a um odor sulfúrico exalado nas proximidades do Hudson River na cidade de Nova Iorque. O título indica que os moradores perceberam, através desse cheiro, que a cidade não é mais a mesma. O PP aponta que o fato (possível poluição do rio) tem consequências no presente (odor nos arredores da cidade) e não simplesmente um acontecimento no passado.

Uma outra função do PP, mostrada por Larsen-Freeman (2003:73), é de “ponte” do discurso, cuja finalidade é distinguir a história principal de informações menos importantes. Veja-se o exemplo:

“Downtown was basically a ghost town”, said Rich Bailey, director of the local chamber of commerce’s news bureau. “That was a result of economic changes all across the country. Historically, Chattanooga was a manufacturing town, and many of the manufacturers left the city. We had entire blocks with almost empty buildings and parking lots. It was scary. All that *has changed* now. The air is much clearer, the warehouses have either been torn down or renovated to accommodate the new business, and the Tennessee River waterfront that had once been used for slag heaps and empty coke furnaces is today lush, green and vibrant.

Nesse excerto de um artigo de jornal, o PP (*has changed*) auxilia o leitor a visualizar a mudança ocorrida na cidade, ou seja, introduzindo um resultado (a cidade modificada) no presente.

De acordo com El-Dash (2005:208) o PP é mais freqüente nos noticiários, pois representa mais que 13% dos verbos e apenas 5% na conversação. Segundo a autora, ele também é mais recorrente no inglês britânico, uma vez que nas conversações em inglês americano há maior número de progressivos. Apesar da predominância dos tempos simples (presente e passado), enfatiza El-Dash, questões de ordem gramatical exigem, em certas situações, o emprego dos Aspectos progressivo e *perfect*. A autora conclui que a questão de Aspecto é complexa porque envolve a interpretação do falante em relação à situação, uma vez que uma mesma situação pode ser vista de maneiras diferentes.

Weinrich (1974:114), que considera o texto um todo cujas partes se relacionam, utiliza-o para investigar o tempo verbal. Para o autor, o tempo verbal está atrelado ao comportamento do falante e, nas várias situações comunicativas, articula-se em dois grupos temporais: tempos do mundo comentado e tempos do mundo narrado.

Enquanto a narração, como comportamento característico do homem, é mais descompromissada, pois o passado já foi transformado e talvez nada informe sobre a veracidade ou ficção do relato, a atitude comunicativa comentada é mais tensa. Nela o falante está comprometido com o seu discurso, porque fala sobre coisas que não só o afetam como também ao ouvinte:

O "cantar" comentado geralmente exige que se adote uma determinada postura, uma ação imediata: quer seja por meio de opinião, valorização, emenda ou coisa parecida. Se, no entanto, o "cantar" é "apenas" narrado, a tomada de posição não se faz necessária; esta pode ser aprazada adiada ou simplesmente não existir. (tradução minha)<sup>24</sup>

O autor afirma que nem todo passado é narrado, uma vez que ele pode ser comentado. O *perfect* é considerado tempo da retrospectção e pertence ao grupo temporal do mundo comentado. Assim, o *perfect* é utilizado para comentar ações, para chamar o leitor e levá-lo a entender o que está sendo dito.

Em um excerto extraído do romance *The Ides of March*, de Thornton Wilder, Weinrich (1974:124) afirma que o uso do PP pelo locutor demonstra seu interesse em mostrar a tensão política da época e do local em que o romance fora escrito:

In the eyes of my enemies I sit clothed in the liberties which *I have stolen* from others. I am a tyrant and they liken me to the potentates and satraps of the East. They cannot say that I *have robbed* any man of money, of land, or occupation. I *have robbed* them of liberty. I *have not robbed* them of their voice and their opinion. I am not oriental and *have not kept* the people in ignorance of what they should know, nor *have I lied* to them. The wits of Rome declare that the people are weary of the information with which I flood the country. Cicero calls me the Schoolmaster, but he *has not changed* me distorting my lessons. They are not in the slavery of ignorance nor under the tyranny of deception. I *have robbed* them of their liberty. (...) <sup>25</sup>

A visão de Weinrich parece corroborar a de Larsen-Freeman, uma vez que esse comprometimento solicitado ao leitor também está por trás de manchetes e noticiários jornalísticos. Assim, presumo que os dois autores concebam o PP da mesma forma, apesar de o terem exemplificado de modos distintos.

---

<sup>24</sup> El "cantar" comentado exige generalmente una determinada postura, actitud, inmediata: una opinión, una valoración, una enmienda o cosa pareja. Si el "cantar" es, empero, "solo" narrado, no se impone adoptar una postura; puede ser aplazada o se puede, sencillamente, no adoptar ninguna. (Weinrich, 1974: 76 apud Silva, 2002:33).

<sup>25</sup> Optei por não apresentar a tradução em português desse trecho para evitar que o significado do PP se perdesse.

Mesmo questionando a validade do Aspecto, assegurando que a qualidade formal de um processo não se relaciona com os tempos da linguagem, suponho que Weinrich tenha apenas renomeado esse conceito, visto que a noção de planos aponta para uma função aspectual na organização da narrativa. Apesar de não o considerar, o autor contribui com uma importante proposta de análise lingüística via texto.

Além dessa questão pragmática, uma das grandes dificuldades para nós, aprendizes brasileiros, em utilizar o PP, é a grande semelhança morfológica entre essa EV e o pretérito perfeito composto em português, uma vez que apenas em alguns momentos elas parecem se sobrepor. Como não há um equivalente semântico em nossa língua para essa estrutura, nota-se, portanto, a forte influência da LM na aprendizagem do PP. É desta questão que me ocuparei a seguir.

#### **1.4 A influência da Língua Materna na aprendizagem do *Present Perfect***

Nos anos 60 e 70, antes do surgimento do campo da aquisição de L2, o método de tentar explicar porque algumas características de uma L2 são mais difíceis de se adquirir do que outras ficou conhecido como análise contrastiva (doravante AC). De acordo com as teorias behavioristas que prevaleciam nessa época, pretendia-se prever, entre a LM e a L2 de um aprendiz, as áreas de divergência, que poderiam causar dificuldades e aquelas de convergência, que poderiam proporcionar transferência positiva (Larsen-Freeman, 1991:316).

No entanto, esse tipo de pesquisa ocasionou o aparecimento de vozes dissonantes. O próprio termo *transferência*, muito utilizado nestes estudos, foi incessantemente questionado. Corder (1992:19) recomendou a necessidade de uma palavra diferente, pois afirmava que essa pertencia à escola behaviorista e sugeriu a expressão *influência da língua materna*, termo adotado na presente pesquisa.

Sharwood Smith (1986, apud Powell, 1998:9)<sup>26</sup> refinou a idéia, sugerindo o vocábulo *influência translingüística (cross-linguistic influence)*. O termo *transferência* também é utilizado por psicólogos de educação para referir ao uso de experiência e conhecimento prévios em uma nova situação, como por exemplo um aprendiz de uma L2 não precisar aprender que os códigos escritos representam a forma falada da nova língua. Da mesma forma, conceitos como a dêixis também já estão adquiridos quando um aprendiz começa a aprender uma L2.

Apesar do questionamento em relação aos termos, pesquisadores como Gass e Selinker (1992) e Zhang (2005) mostram por meio de evidências recentes, que a influência da LM é, de fato, um fenômeno central e real, devendo ser considerado no processo de aprendizagem de uma língua uma vez que pode possibilitar o entendimento de algumas dificuldades encontradas.

É possível dizer então que as pesquisas indicam um certo retorno aos estudos contrastivos e isso pode ser vantajoso se pensarmos no contexto de uma sala de aula, pois há a presença de duas realidades concretas – a língua nativa do aluno e a LE.

Ao discorrer sobre o papel da LM na aprendizagem de uma L2, Corder (1992:28) faz distinção entre empréstimo e transferência estrutural. Ele define empréstimo como sendo um fenômeno de performance, não um processo de aprendizagem, uma característica do uso da língua e não de estrutura da língua. Acrescenta que esse processo refere-se ao uso de itens da LM, particularmente sintático e lexical. Dessa forma, o falante utiliza certos aspectos da sua LM para expressar algum significado, visto que sua IL não possui os meios para assim fazê-lo.

O autor também utiliza as expressões empréstimo com sucesso e sem sucesso para se referir aos resultados que levam ou não a erros<sup>27</sup>. Porém, do ponto de vista do falante, o sucesso ocorre quando a comunicação é eficaz e não se erros estão ou não presentes.

---

<sup>26</sup> SHARWOOD SMITH, M. The competence/control model, crosslinguistic influence and the creation of new grammars. In Kellerman, E. and Sharwood Smith, M. (eds), 1983.

<sup>27</sup> De acordo com Ellis (1997:17), existem dois tipos de “erros”. Para o autor, *errors* (erros) refletem uma falha no conhecimento do aprendiz, podendo ocorrer porque o aprendiz não sabe o que está correto. *Mistakes* (desvios) refletem lapsos momentâneos na performance, ocorrendo quando o aprendiz é incapaz de desempenhar o que sabe.

Sob essas considerações, parece provável que somente os desvios mais persistentes venham a interferir seriamente na comunicação e que a influência da LM pode ser uma estratégia comunicativa de sucesso. Porém, sabendo-se que uma comunicação eficaz não depende da perfeição formal de um enunciado, itens emprestados e não semelhantes na língua alvo podem ser incorporados à IL e recorrentes nas produções, causando assim, incompreensões na comunicação.

Quanto à transferência estrutural, Corder (1992:28) afirma que ela se relaciona diretamente ao processo de aprendizagem e que é resultante do empréstimo. Desta forma, o empréstimo é o mecanismo pelo qual a transferência estrutural ocorre. Em outras palavras, o empréstimo de algum item ou característica da LM como uma estratégia de comunicação leva à incorporação deles à IL do aprendiz.

O autor conclui que a LM tem um papel importante no início da aprendizagem, no processo de aprendizagem e no uso da língua alvo na comunicação. Afirma que o ponto de partida é um tipo de gramática básica, possivelmente universal e que a aprendizagem de uma língua é:

...o processo de elaborar essa gramática básica na direção da gramática alvo, e aqui novamente a língua materna entra em ação como uma ferramenta heurística na descoberta das propriedades formais da nova língua, facilitando especialmente a aprendizagem daquelas características que se assemelham com as da língua materna. (Corder, 1992:29, tradução minha)<sup>28</sup>

Acredito que uma das grandes dificuldades para aprendizes brasileiros em compreender e utilizar o PP tem a ver com a grande semelhança dessa EV com o pretérito perfeito composto em português em termos morfológicos e, em alguns momentos, pragmáticos, pois como visto anteriormente essas duas estruturas se sobrepõem em certos usos, principalmente no que diz respeito à questão da iteração.

---

<sup>28</sup> ...the process of elaborating this basic grammar in the direction of the target, and here again the mother tongue comes in to act as a heuristic tool in the discovery of the formal properties of the new language, facilitating especially the learning of those features which resemble features of the mother tongue.

Se as habilidades de uma LM facilitam ou dificultam o desenvolvimento de habilidades em uma LE, suponho que uma comparação das diferenças aspectuais entre o inglês e o português possa fornecer evidências de como os aprendizes se comunicam com ou sem sucesso em diferentes situações no que diz respeito ao uso do PP.

Estudos como os de Bond (2001), Fonseca (2005) e Santos (1996) revelam que a influência da LM é um fator expressivo quando os alunos tentam utilizar o PP em inglês. O trabalho de Fonseca mostra que o aprendiz inicia sua aprendizagem de uma LE atribuindo os valores e as formas da LM à LE. Já a pesquisa de Bond revela que os aprendizes brasileiros consideram alguns usos do PP mais difíceis do que outros. Por exemplo, a maioria dos estudantes de sua pesquisa encontrou dificuldades ao identificar um evento passado com resultado presente, mas sentenças com o advérbio *recently* foram facilmente traduzidas.

Parece-me claro que existem evidências consideráveis para reconhecer o papel da LM na aprendizagem de uma LE, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento da IL do aprendiz.

Além da forte presença do português na utilização do PP, é importante observar a forma como gramáticas e LDs o abordam, uma vez que as explicações são geralmente confusas e não levam em consideração a noção de Aspecto, dificultando ainda mais seu entendimento e uso.

## 2 GRAMÁTICA E ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

No artigo *Current Developments in Research on the Teaching of Grammar*, Fotos e Nassaji (2004) asseguram que pesquisas recentes têm reconsiderado o papel da gramática na sala de aula de L2 e mostram a necessidade da instrução formal para se atingir altos níveis de precisão (*accuracy*) no idioma.

Nos anos 80, o ensino de gramática foi incessantemente questionado teoricamente pelo debate entre aprendizagem consciente e inconsciente. Os estudos de Krashen (1981) apoiavam-se na premissa de que a língua deveria ser adquirida através da exposição natural e não através de aulas. Além disso, acreditava-se não ser necessário nenhum foco na forma para se aprender uma L2, já que o mesmo ocorria com a LM.

Contudo, para Fotos e Nassaji (2004), existem pelo menos quatro razões para se considerar a gramática um componente necessário do ensino de línguas. Primeiramente existem questionamentos acerca de se aprender uma língua inconscientemente. Schmidt (1990, 1993, 2001)<sup>29</sup> sugere que a percepção (*noticing*) é uma condição necessária para a aprendizagem de uma língua. O autor enfatiza a importância da atenção.

A segunda razão tem a ver com a hipótese da ensinabilidade (*teachability hypothesis*) proposta por Pienemann (1984, 1988, 1999)<sup>30</sup>, ao sugerir que certas

---

<sup>29</sup> SCHMIDT, R. W. The role of consciousness in second language learning. **Applied Linguistics**, 11 (2), p. 129-158, 1990.

SCHMIDT, R. W. Awareness and second language acquisition. **Annual Review of Applied Linguistics**, 13, p. 206-226, 1993.

SCHMIDT, R. W. Attention. In P. Robinson (Ed.), **Cognition and second language instruction**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 3-32, 2001.

<sup>30</sup> PIENEMANN, M. Psychological constraints on the teachability of languages. **Studies in Second Language Acquisition**, 6, p.186-214, 1984.

PIENEMANN, M. Determining the influence of instruction on L2 speech processing. **AILA Review**, 5, p.40-72, 1988.

PIENEMANN, M. **Language, processing and second language development: Processability theory**. Amsterdam: Benjamins.

estruturas podem beneficiar-se de instrução a qualquer momento em que forem ensinadas. A terceira apóia-se na inadequação das abordagens de ensino focadas principalmente no significado e na anulação da gramática. Estudos como o de Swain (1985)<sup>31</sup>, indicam que os alunos não conseguem atingir altos índices de precisão sem o ensino de gramática.

Finalmente, observa-se a evidência de efeitos positivos do ensino de gramática. Segundo pesquisas de Norris e Ortega (2000)<sup>32</sup>, a instrução explícita (apresentação da estrutura, descrevendo-a, exemplificando-a e dando regras para seu uso) resulta em ganhos substanciais na aprendizagem de estruturas-alvo em comparação com a instrução implícita unicamente (geralmente consistindo de exposição comunicativa à forma alvo) e que esses ganhos são duráveis com o decorrer do tempo.

Todavia, Fotos e Nassaji (2004) atestam que é difícil de afirmar quanto e que tipo de gramática deva ser ensinado, uma vez que a relação entre ensino e aprendizagem é complexa e também a forma como se ensina algo não está diretamente relacionada a como ele é aprendido. Sugere-se, conforme Larsen-Freeman (2003), que os aprendizes devem ter oportunidades de encontrar, processar e usar as formas aprendidas em suas interações de forma-significado para que elas possam fazer parte de suas ILs.

Para os autores, o desafio é identificar a melhor maneira de integrar gramática e comunicação e maximizar a oportunidade do foco na gramática sem sacrificar o foco no significado e comunicação. Assim, sugerem algumas formas alternativas de se tratar a gramática, entre elas as abordagens de ensino baseadas no discurso. Nelas, a instrução de estruturas-alvo é apoiada pelo uso extensivo de discurso autêntico ou simplificado, incluindo análise de corpus para proporcionar aos aprendizes abundantes exemplos de usos contextualizados dessas estruturas, a fim de promover o estabelecimento de relações de forma e significado.

Embora não se saiba exatamente como a gramática deva ser ensinada, Fotos e Nassaji (2004) concluem que as condições essenciais para seu ensino são a percepção

---

<sup>31</sup> SWAIN, M. Communicative competence: Some rules of comprehensible input and comprehensible output in its development. In S. Gass & C. Madden (Eds.), **Input in second language acquisition**. Rowley, MA: Newbury House, p.235-253, 1985.

<sup>32</sup> NORRIS, J.; ORTEGA, L. Effectiveness of L2 Instruction: A research synthesis and quantitative meta-analysis. **Language Learning**, 50, p.417-428, 2000.

e consciência de formas gramaticais, a exposição ao insumo dessas formas focadas no significado e oportunidades para produção e prática.

Em suas pesquisas, Ellis (2001:161) concluiu que a gramática é geralmente vista como um conteúdo que pode ser transmitido via descrições explícitas e uma habilidade desenvolvida por meio de prática controlada. De acordo com o autor, no entanto, existem indícios de que essa postura deve ser repensada. Em particular, a necessidade de encorajar aprendizes a descobrir regras, perceber como a gramática é usada e ensiná-la por meio do processamento de insumo e não exclusivamente através da prática, são evidências em alguns materiais.

Em relação aos LDs especificamente, sabe-se que eles são um componente chave no estudo de um idioma e que em algumas situações servem como base para muito do insumo que os aprendizes recebem e também para a prática que ocorre na sala de aula. Souza-Pinheiro Passos (1995:114) assegura que seu uso como fonte de conteúdo é quase exclusivo, sendo o professor seu agente veiculador ao utilizar as amostras de LE fornecidas. Ao observarmos o discurso dessas obras, deparamo-nos com um saber quase inquestionável, já que o texto gramatical parece assumir um caráter prescritivo.

Apesar do crescente questionamento dos professores em relação a esse caráter dos LDs-inglês (Fonseca, 2005), o ensino de gramática em geral e especialmente do PP, foco dessa pesquisa, acaba sendo calcado no discurso dessas obras didáticas, fazendo com que os aprendizes os concebam como detentoras desse saber. O problema é que o tratamento usual conferido a essa EV em gramáticas e LDs, na maioria das vezes, deixa muito a desejar.

## **2.1 O *Present Perfect* Simple em Gramáticas e Livros Didáticos**

Gramáticas e LDs geralmente concebem o PP apenas como Tempo Verbal, utilizado para designar ações que ocorreram no passado em tempo não determinado e

freqüentemente rotulado como “passado inacabado”. Tal concepção acarreta uma certa dificuldade para aprendizes brasileiros na compreensão e aprendizagem dessa estrutura, uma vez que as explicações são, na maioria das vezes, confusas e conflitantes. Para Cranmer (1989:14):

A confusão de quando usar o presente perfeito ou o passado simples é um dos grandes “clássicos” do ensino de gramática do inglês. Eu nem ousar pensar em quantas páginas de livros e exercícios gramaticais foram dedicados a ele ao longo dos anos, sem falar em horas de ensino. E mesmo assim o problema continua – aprendizes continuam utilizando o presente perfeito onde o passado simples deveria estar e o passado simples onde o presente perfeito deveria estar. (tradução minha)<sup>33</sup>

A gramática escolhida para apresentação neste estudo foi *Essential Grammar in Use*, de Raymon Murphy, bastante utilizada em escolas regulares, de idiomas e universidades. O livro é dirigido a estudantes iniciantes de inglês e também é subtítulo *self-study reference*, ou seja, pode ser utilizado por aprendizes trabalhando independentemente, sem o auxílio de um professor. A unidade dedicada ao ensino do PP é a 20 e a explicação inicia-se com um contraste entre as EVs, PS e PP. Observa-se que não há textos, apenas frases isoladas contendo regras e exemplos:

---

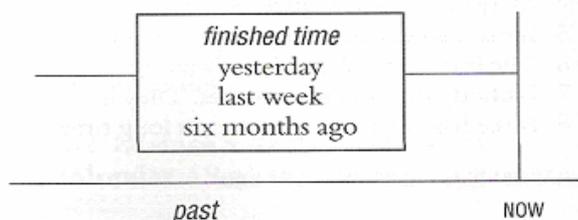
<sup>33</sup> Confusion as when to use the present perfect or the past simple is one of the great “classics” in the teaching of English grammar. I dare not to think how many textbooks pages and grammar exercises must have been dedicated to it over the years, not to mention teaching hours. And yet the problem goes on – learners go on using present perfect where past simples should be and past simples where present perfects should be.

# I have done (present perfect) and I did (past simple)

**A** With a *finished time* (**yesterday / last week etc.**), we use the past (**arrived/saw/was etc.**):

*past simple + finished time*

We <b>arrived</b>	yesterday. last week. at 3 o'clock. in 1991. six months ago.
-------------------	--



Do *not* use the present perfect (**have arrived / have done / have been etc.**) with a finished time:

- I **saw** Paula **yesterday**. (*not* 'I have seen')
- Where **were** you **on Sunday afternoon**? (*not* 'Where have you been')
- We **didn't have** a holiday **last year**. (*not* 'We haven't had')
- 'What **did** you **do last night**?' 'I **stayed** at home.'
- William Shakespeare **lived from 1564 to 1616**. He **was** a writer. He **wrote** many plays and poems.

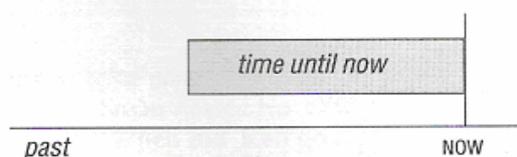
Use the past simple to ask **When ... ?** or **What time ... ?**:

- **When did** they **arrive**? (*not* 'When have they arrived?')

**B** Compare:

*present perfect*

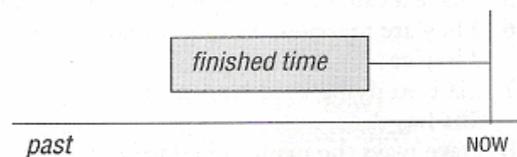
- I **have lost** my key.  
(= I can't find it *now*)
- Bill **has gone** home.  
(= he isn't here *now*)
- **Have** you **seen** Ann?  
(= where is she *now*?)



- **Have** you **ever been** to Spain?  
(= in your life, until *now*)
- My friend is a writer. He **has written** many books.
- The letter **hasn't arrived** yet.
- We've **lived** in Singapore for six years.  
(= we live there *now*)

*past simple*

- I **lost** my key **last week**.
- Bill **went** home **ten minutes ago**.
- **Did** you **see** Ann **on Saturday**?



- **Did** you **go** to Spain **last year**?
- Shakespeare **wrote** many plays and poems.
- The letter **didn't arrive yesterday**.
- We **lived** in Glasgow for six years but *now* we live in Singapore.

Observando o excerto acima, percebe-se que dificilmente os aprendizes conseguem entender e utilizar o PP apenas por essas explicações. Primeiramente, mesmo sendo uma gramática para aprendizes iniciantes, as instruções são todas em inglês. Considerando que o livro não tenha sido escrito especialmente para aprendizes brasileiros, em nenhum momento há a observação de que essa estrutura não existe em algumas línguas. Em segundo lugar, o contraste com o PS pressupõe que o aprendiz já saiba perfeitamente utilizá-lo e que para saber o PP é necessário sabê-lo a priori, como se houvesse uma hierarquia do conhecimento.

Como se nota em A, a estrutura é abordada principalmente sob uma perspectiva temporal (*unfinished time x finished time*). Por meio de uma linguagem prescritiva, é imposto para o aprendiz o que ele deve ou não fazer (*Do not use the present perfect...*).

Em B, há uma breve informação que poderia remeter a uma questão aspectual (*I have lost my key – I can't find it now*). O autor proporciona uma interpretação auxiliar ao mostrar, de certa forma, a relevância com o presente (*now*). Certamente o aprendiz não notaria tal sutileza aqui. Assim, observa-se o forte papel do professor, que teria que levar o aprendiz a tal percepção, uma vez que a explicação não é tão clara.

Além disso, há o contraste de frases no PP e PS. Nessa mesma frase, ao falar sobre a perda das chaves, o aprendiz poderia indagar por que não utilizar a frase no PS (*I lost my keys*), mas tal diferença não é explicitada. O aluno não saberia porque estaria utilizando o PP para falar sobre essa situação, uma vez que a noção de Aspecto não é abordada claramente. Novamente, caberia ao professor o importante papel de chamar a atenção do aprendiz a essa questão.

Assim, a simples idéia de que “o PP não pode ser usado com um tempo acabado” confunde o aprendiz. A questão não está na determinação ou não do tempo, mas sim na ênfase na situação que passou a existir a partir do momento da ação e sua relevância para o presente.

Apesar de livros modernos tentarem abordar o PP com explicações acerca da relevância do presente ou do resultado de uma ação, ainda assim a aprendizagem dessa EV não é muito facilitada. Clichês como “ação inacabada” e “ação que começou no passado e que se estende até o presente” são freqüentes nas explicações. As

gramáticas e LDs não tratam da questão crucial ao se ensinar a escolha de uma EV, que é a questão aspectual, ou seja, a maneira como o falante vê determinada situação.

Além disso, Larsen-Freeman et al. (2002:4) asseveram que descrições feitas puramente no nível da frase levam a explicações como:

The present perfect is used to depict past actions or events that have **recently** taken place. (grifo meu)<sup>34</sup>

Embora a explicação pareça ser uma tentativa razoável de apresentar uma importante generalização sobre o sistema temporal-aspectual dos verbos do inglês, o aprendiz se confunde ao se deparar com textos autênticos como:

In their **recent** study, Town & Country tied as “America’s most Appealing Minivan” after its owners rated it on over 100 attributes. (Propaganda retirada da revista automotiva Chrysler de agosto de 1998, grifo meu)

Aqui podemos ver o conflito entre a regra e o contexto, por meio do aparecimento da palavra *recent* em uma frase no PS (*tied*). O que é expresso no discurso “traí” a tentativa de sistematização, dificultando o entendimento por parte do aprendiz.

Um outro fator determinante no uso do PP ou PS é o nível de formalidade de uma situação (Marx, 2004:27). Em contextos que requerem uma maior informalidade, normalmente o PS é encontrado com maior frequência nos enunciados. Além disso, como visto no item 1.3, o PP parece ser mais recorrente no inglês britânico do que no americano (El-Dash 2005: 208). No entanto, tais observações não são levadas em consideração em gramáticas e LDs. Parece-me existirem ainda vestígios de um estruturalismo puro, com análises de enunciados totalmente fora de contexto, sem considerar que a escolha de determinadas EVs depende exclusivamente da preferência subjetiva do falante. Essa voz é praticamente anulada nas obras didáticas, dificultando

---

<sup>34</sup> O *present perfect* é utilizado para mostrar ações ou eventos passados que aconteceram recentemente. (tradução minha)

para o aluno a aprendizagem e utilização do PP em situações nas quais ele normalmente é empregado.

Não estou descartando que o aprendiz deva saber a forma e o significado das EVs, mas considero que deva alterar sua maneira tradicional de indicar temporalidade e adotar uma nova abordagem. Como sugere Larsen-Freeman (2003:45), qualquer aprendizagem de um item lingüístico envolve conhecimento sobre sua forma, significado e uso, o que ela chama de três dimensões (2003:34). Assim, com base nas discussões da autora, poderíamos pensar em uma possível representação para o PP:

**TABELA 4 – Representação do PP**

<b>Forma</b>	<b>Significado</b>	<b>Uso</b>
<b><i>Como é formado?</i></b>	<b><i>O que significa?</i></b>	<b><i>Quando / por que é utilizado?</i></b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• verbo <i>have</i> + o particípio passado de um verbo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ênfase no resultado presente de um evento passado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• quando a situação é relevante para o momento da fala.</li> <li>• quando uma situação aconteceu pelo menos uma vez no passado e é válida até o presente.</li> <li>• quando uma situação, iniciada no passado, persiste até o presente, muitas vezes portando traço de duração ou iteração.</li> <li>• quando a relevância de uma situação passada é muito presente.</li> </ul>

De acordo com Larsen-Freeman (2003:46), o próximo passo seria perguntar: qual dessas três dimensões representa o maior desafio de aprendizagem?

Quanto à forma, creio que provavelmente há algumas dificuldades para aprendizes brasileiros. Primeiramente, temos o verbo *have* que se alterna para *has* na terceira pessoa do singular, ou seja, para as pessoas *he*, *she* e *it*, e geralmente não é

muito lembrado pelos alunos. Segundo estudos sobre a aquisição de morfemas de Dulay e Burt (1973), aprendizes sistematicamente produzem alguns morfemas gramaticais mais precisamente do que outros e o morfema da terceira pessoa do singular é um dos mais difíceis de se internalizar. Além disso, o verbo *have* é seguido do particípio passado de um outro verbo, que para verbos irregulares chega a ser totalmente diferente da forma infinitiva. Porém, segundo Larsen-Freeman (2003:47), não é porque estamos lidando com formas que elas representam sempre o maior desafio.

Já o significado do PP não deveria acarretar dificuldades para a compreensão. No entanto, devido a rotulações ambíguas como “passado inacabado” e explicações confusas, muitas vezes os aprendizes acabam não entendendo seu significado.

Acredito que a maior dificuldade venha a ser quando utilizá-lo, uma vez que o PP é uma estrutura morfológicamente semelhante ao português, porém com certas diferenças pragmáticas. Como visto anteriormente, nem sempre as sentenças no PP possuem valor iterativo, o que pode ser notado no passado composto em português. Além disso, é difícil de observarmos a relevância no presente de uma situação passada no passado composto em português, característica inerente ao PP. Assim, a frase *I have cut my finger* não possui a possibilidade de uma interpretação iterativa, já que a ênfase está no dedo que está cortado. Já a sentença *tenho falado com ela todos os dias* enfatiza a cumulação de uma situação e não o estado resultante de uma ação.

Durante todo esse trabalho, deixei claro o fato de o significado inerente ao PP não ser saliente na semântica das EVs do português, pelo fato de apresentar o resultado de uma ação e sua relevância para o presente. No entanto, conforme discutido no item 1.3, acredito que as diferenças também sejam pragmáticas, uma vez que essa relevância parece ser perceptível para nós, aprendizes brasileiros, apenas dentro do contexto. Assim, presumo que as diferenças semânticas só podem ser entendidas se tratamos o PP discursivamente.

Sendo assim, uma competência semântica e pragmática é sempre exigida dos aprendizes ao realizarem escolhas no ato de suas produções, sendo elas orais ou escritas. O desafio de aprender o sistema temporal-aspectual dos verbos em inglês está

justamente em aprender a fazer escolhas apropriadas e não simplesmente em encontrar equivalentes semânticos.

## **2.2 Abordagem Contextual no Ensino e Aprendizagem das Combinações Temporal-Aspectuais**

No campo do ensino e aprendizagem de L2/LE, pesquisadores como Larsen-Freeman et al. (2002), Hughes e McCarthy (1998), Batstone (1994), Halliday (1994) e Hopper (1998), entre outros, têm apoiado a premissa de que a gramática deveria ser analisada como um aspecto do discurso e não como algo operando somente nos limites da frase. Hughes e McCarthy (1998:266) definem gramática do discurso como sendo uma gramática totalmente explicável somente com referência a características contextuais e por meio de interações contínuas de falantes ou autores. A proposta é olhar para escolhas feitas em contextos reais e considerar as características contextuais que aparentemente motivaram uma escolha ou outra.

Os autores asseguram que uma das maiores vantagens em se trabalhar com uma gramática desse tipo apóia-se no fato de os professores saberem que vários aspectos gramaticais não são facilmente explicados por modelos tradicionais e que livros baseados na tradição gramatical lidam inadequadamente com certos tópicos gramaticais, como por exemplo, as EVs.

Ellis (2001:167) atesta que existe um consenso geral em se utilizar textos ao invés de frases isoladas no ensino de línguas, porém pesquisas investigando essa idéia são escassas.

No capítulo intitulado *A Gramática do Discurso* do livro *Teaching Language – from Grammar to Gramaring*, Larsen-Freeman (2003:67) afirma que “podemos escolher certas estruturas gramaticais em detrimento de outras para expressar nossas atitudes, alocar poder e estabelecer e manter nossas identidades”. Entender essas escolhas nos ajuda a interpretar as intenções dos outros, visto que tais escolhas

justificam seus usos no discurso. A autora não propõe a extinção da gramática no nível da frase, pois afirma que certos tópicos são melhor compreendidos nesse nível, mas acredita que uma perspectiva contextual permite uma melhor visualização da dinâmica da língua. E para tal, declara que devemos examinar textos, considerando-os o produto coerente do processo discursivo.

De acordo com Larsen-Freeman (2003:71), uma maneira de se ter um efeito de coerência em um texto é por meio do uso de EVs. Professores veteranos sabem que o desafio de aprendê-las não é apenas como formá-las ou o que significam, mas sim saber quando usá-las, especialmente quando usar uma em detrimento de outra em um contexto específico. Tal problema é acentuado por uma estratégia de ensino que apresenta cada estrutura isoladamente, sem mostrar aos alunos como cada uma se comporta dentro de um sistema.

Para ilustrar essa visão, a autora apresenta, entre outros exemplos, dois pequenos textos, sendo que o primeiro, embora gramaticalmente correto, mostra-se menos coerente do que o segundo:

I don't know what to do with my vacation. It will start in three weeks. I saved enough money for a really nice trip. I already went to Hawaii. It will be too early to go to the mountains. I worked hard all year. I really need a break.

I don't know what to do with my vacation. It starts in three weeks. I have saved enough money for a really nice trip. I have already been to Hawaii. It is too early to go to the mountains. I have worked hard all year. I really need a break. (2003:72)

Quando comparamos as duas versões, percebemos que algumas questões que os alunos possuem sobre Tempo podem ser respondidas. Por exemplo, a questão de quando usar o PP ou o PS é pelo menos parcialmente respondida ao dizer que o locutor adotou o presente como eixo de orientação. Assim, a frase *I have saved enough money* parece indicar que ele tem em mãos o dinheiro de que precisa para viajar. Além do Tempo, percebe-se também a noção de Aspecto, pois mostra a forma como ele vê essa situação, ou seja, a ênfase está no fato ser relevante para o presente momento já

que a viagem começa em poucas semanas, e não um simples relato no passado ou futuro. Em *I have already been to Hawaii*, percebemos que o PP é a estrutura apropriada mesmo quando o evento já foi completado, pois considerando que a pessoa já conhece o Havaí, não seria conveniente repetir a viagem. Dessa forma, a ênfase no presente é preenchida pelo interlocutor: como o locutor já esteve lá, seria interessante outro lugar agora. Tais questões são mais difíceis de se responder se pensarmos sobre Tempo e Aspecto simplesmente como um fenômeno no nível da frase.

Larsen-Freeman (2003:74) conclui que, em uma abordagem contextual, fatos sobre a gramática que são mais confusos no nível da frase – como o uso do PP – começam a fazer muito mais sentido e são mais fáceis de ser compreendidos. Afinal, uma análise produzida exclusivamente no nível da frase só tem compromisso com a fixação de uma constante na língua, daí porque o aprendiz nesse momento se atém somente ao aspecto formal. Se abordada em um contexto, a questão aspectual do PP poderia ser melhor compreendida, uma vez que os aprendizes não se limitariam apenas a referências temporais.

Segundo Ellis (2001:166), a exposição ao insumo unicamente pode não ser suficiente para a aquisição ocorrer, uma vez que os aprendizes precisam prestar atenção às estruturas gramaticais presentes nele. Assim, como outra sugestão de ensino, Batstone (1994:54) sugere fazer com que os aprendizes percebam características da gramática, com o objetivo de tornar uma determinada estrutura mais saliente. De acordo com o autor (1994:72), esse tipo de atividade, denominado de percepção, pode ser de dois tipos. A primeira, chamada percepção para o aprendiz, ocorre quando se apresenta aos aprendizes informação explícita sobre formas e funções. Por outro lado, a segunda ocorre quando os aprendizes são guiados a chegar as suas próprias conclusões a respeito dessas formas e funções. Existem poucas atividades desse tipo em materiais dedicados ao ensino de línguas.

Em uma de suas propostas de atividade envolvendo o PP, Batstone (1994: 56) apresenta-nos a seguinte tarefa:

*John Wigmore is being interviewed by Harriet Brown, the managing Director of a tour company. Mr Wigmore has applied for the post of Sales Director.*

Ms Brown: Who do you work for now, Mr Wigmore?

Mr Wigmore: The National Bus Company.

Ms Brown: And how long have you worked for them?

Mr Wigmore: I've worked for them for five years.

Ms Brown: How long have you been an area sales manager?

Mr Wigmore: Eighteen months.

Ms Brown: And what did you do before joining the Bus Company?

Mr Wigmore: I worked for a chain of hotels as junior manager.

- **Grammar Questions**

Explain why Mr Wigmore says: *I've worked for (the Bus Company) for five years.*

But

*I worked for a chain of hotels.*

- Is he still area sales manager for the Bus Company?

- Does he still work for a chain of hotels?

Nessa atividade, o aprendiz consegue perceber o porquê do aparecimento do PP visto que tudo depende do que o falante quis dizer com tais enunciados. Considerando que Mr Wigmore fala sobre o resultado de uma ação no presente (*I've worked for them for five years*), ele se utiliza do PP para dar sentido e veracidade a sua afirmação. Sabemos que no português estaria correto dizer *Eu trabalho para eles há cinco anos*, ou seja, utilizando uma frase no PRE. Porém, uma vez que em inglês delimitou-se o período (há cinco anos), o PP é a estrutura adequada a ser empregada neste contexto.

No entanto, sabemos que atividades de percepção não são condição suficiente para a aquisição, uma vez que o aluno precisa internalizar<sup>35</sup> características da gramática que ainda não sejam evidentes para ele (Batstone 1994:39). Após a internalização, o aprendiz necessita testar sucessivamente suas hipóteses de trabalho

---

<sup>35</sup> Do inglês *intake*.

por meio de produções<sup>36</sup> a fim de se aproximar cada vez mais com a língua alvo. Ao mudar essas hipóteses, ele reestrutura sua visão de como a língua trabalha, processo conhecido como reestruturação (McLaughlin, 1990).

É evidente que a reestruturação é um processo gradual, no qual o aprendiz progressivamente constrói hipóteses mais elaboradas que as anteriores. No entanto, isso depende de contínuas oportunidades de percepção. Assim, a reestruturação depende de oportunidades de “repercepção”<sup>37</sup> e vice-versa (Batstone 1994:41). Finalmente, o propósito de todo esse processo de construção do conhecimento lingüístico é a comunicação.

---

<sup>36</sup> Do inglês *output*.

<sup>37</sup> Do inglês *re-noticing*. Acredito não haver tal vocábulo em português.

### 3 METODOLOGIA

Essa pesquisa é um estudo qualitativo que objetiva verificar se uma abordagem contextual facilita a compreensão da noção aspectual subjacente ao PP e observar como ocorrem as associações temporal-aspectuais na IL dos participantes. O intento é, portanto, observar como esses aprendizes, futuros professores, entendem e utilizam o PP. Este capítulo apresenta o contexto e a metodologia utilizada no estudo.

#### 3.1 Contexto de Pesquisa

O experimento contou com 20 participantes de duas universidades públicas do interior do estado de São Paulo. Treze participantes são da Universidade 1 (doravante U1) e sete, da Universidade 2 (doravante U2). Cabe salientar que as duas universidades apresentam contextos distintos. A U1 possui dupla licenciatura (português/inglês) e a competência lingüístico-comunicativa é desenvolvida via conteúdo (*content based*), abordando os processos de ensino e aprendizagem e a formação de professores-pesquisadores. A U2 também possui dupla licenciatura nessas línguas e, embora o objetivo da instituição também seja a formação de professores-pesquisadores, seu contexto difere um pouco da outra universidade em questão, já que a competência lingüístico-comunicativa na LE é desenvolvida por meio de um foco mais direcionado para a parte estrutural da língua e habilidades. No entanto, gostaria de esclarecer que não tive a intenção de realizar um estudo comparativo por acreditar que os resultados desta pesquisa independem de contextos diferentes.

Ambas possuem alunos com níveis de proficiência e objetivos bastante heterogêneos, ou seja, desde aqueles que já tiveram experiência no exterior até aqueles que não possuíam conhecimento antes da graduação ou que não têm intenção de lecionar inglês. No entanto, o que me chamou mais a atenção foi a percepção crítica

de todos os participantes em relação à necessidade de um ensino de inglês mais reflexivo, tanto para aqueles que obtiveram uma instrução mais estrutural como também para os que não possuem nenhuma relação com o ensino do idioma.

Optei por trabalhar com alunos do último ano justamente porque eles já têm uma base teórico-prática e, portanto, já possuem suas próprias concepções acerca do PP. Assim, como futuros professores, eles precisam desenvolver uma competência aplicada que os capacite a ensinar de acordo com o que sabem conscientemente - subcompetência teórica (Almeida Filho, 1993:21).

### **3.2 Participantes do Estudo: Perfis e Observações**

Tendo o consentimento de dois professores das salas das duas universidades participantes do estudo, ex-professores meus da graduação, conversei pessoalmente com todos os alunos e expus o objetivo do trabalho. Aqueles que se mostraram interessados e tinham disponibilidade aceitaram participar do experimento, alegando que na posição de futuros pesquisadores também poderão necessitar desse tipo de colaboração em pesquisa. Entre os motivos que levaram alguns alunos a não participar estão o desinteresse pela LI, a não disponibilidade de horário e um certo receio de que suas competências lingüísticas pudessem ser avaliadas.

Em seguida, os participantes assinaram um termo de consentimento (anexo I) no qual concordavam em participar do estudo sem que suas identidades fossem reveladas. Dessa forma, enumeramos os participantes de 1 a 20 (P1 a P20), conforme a ordem de participação no experimento. Apesar de terem sido esclarecidos acerca da pesquisa, detalhes dos objetivos não foram revelados para que não fossem induzidos nas respostas dos experimentos.

O perfil dos participantes foi levantado antes do experimento por meio de questões dissertativas (anexo II) sobre idade, conhecimento prévio de inglês, tempo de estudo do idioma, tipo de exposição à língua, se leciona ou tem intenção de lecionar

inglês e uma pergunta sobre a opinião em relação ao ensino de gramática na sala de aula de LI. O objetivo desse primeiro levantamento foi, principalmente, observar o contexto em que aprenderam inglês e a relação dos alunos com o idioma, já que os cursos voltam-se também à formação em outras áreas, como por exemplo, língua portuguesa, estudos da linguagem e outras LEs.

A faixa etária dos participantes variou de 21 a 54 anos. Em relação à aprendizagem de inglês, temos o seguinte quadro:

**TABELA 5: Aprendizagem de Inglês**

<b>Aprendizagem de inglês</b>	<b>Número de participantes</b>
Não possuía conhecimento	4
Escola regular	2
Escola de idiomas	8
Escola regular e de idiomas	4
Escola de idiomas e curso no exterior	2

Para os participantes que relataram ter feito curso de inglês em escola de idiomas, o tempo de estudo variou de 6 meses a 10 anos. Dos 2 participantes que fizeram curso no exterior, apenas um teve uma vivência mais significativa pois morou cerca de 8 anos em país de LI. Interessante observar também que os participantes que responderam não ter tido conhecimento de inglês antes da graduação parecem não considerar a escola regular como fonte de aprendizado do idioma. No entanto, esse fato não é relevante para o estudo em questão.

Com relação à abordagem de ensino em que receberam instrução de inglês, os números são os seguintes:

**TABELA 6: Contexto de Aprendizagem de Inglês**

<b>Contexto de aprendizagem de inglês</b>	<b>Número de participantes</b>
Estruturalista	12
Estruturalista e comunicativo	4
Comunicativo	4

Dos participantes que responderam terem sido expostos ao inglês por meio de uma abordagem mais estrutural, 4 afirmaram que na Universidade, porém, o contato com a língua foi sob o viés comunicativo. Já os alunos da U2 afirmaram que seu aprendizado de inglês foi de base estruturalista assim como na graduação.

Os participantes, cujo contexto de aprendizagem do idioma foi estruturalista e comunicativo, apontaram que isso ocorreu com o decorrer do tempo, pois na fase inicial de aprendizagem a abordagem era mais estrutural e ao longo dos anos passou a ser mais comunicativa, creio que refletindo as tendências da área do ensino e aprendizagem de línguas. No geral, observa-se a predominância de um contexto estruturalista, presente na fala de 60% dos participantes.

Nove alunos afirmaram que lecionam inglês e o período varia de 6 meses a 29 anos. Cinco afirmaram já ter lecionado, quatro não têm intenção de lecionar e dois participantes responderam que não lecionam ainda, mas têm intenção de lecionar somente quando se sentirem seguros como falantes da língua.

A partir do levantamento desses perfis, foi possível certificar-me de que a maioria dos participantes está envolvida com os processos de ensino e aprendizagem da LI. Assim, será possível triangular melhor tais informações como os dados obtidos nas tarefas e perceber adiante que vários relatos resultantes dos experimentos refletem algumas questões abordadas nesse primeiro questionário.

### 3.3 Coleta de Dados e seus Instrumentos

A coleta de dados foi realizada em duas partes, sendo a primeira um experimento contendo duas tarefas distintas. A tarefa I (anexo IV), de cunho mais estrutural, constou de uma atividade de preencher espaços com 13 frases a serem preenchidas de acordo com os verbos em parênteses, retiradas das unidades 13 e 14 do livro *English Grammar in Use*, de Raymond Murphy. O número de EVs variou de 1 a 4 em cada sentença. Desta forma, 22 lacunas deveriam ser preenchidas, das quais 8 deveriam ser preenchidas com estruturas no PP, 11 no PS e 3 no PRE.

A segunda tarefa (anexo V), de cunho contextual, continha um texto retirado da unidade 14, também dedicada ao ensino do PP, do livro *Grammar Dimensions 3* de Stephen H. Thewlis. Nessa tarefa, os alunos deveriam grifar as EVs presentes nos três parágrafos que compunham o texto e relatar o porquê de sua utilização.

Tal escolha fundamenta-se em estudos (Cf Larsen-Freeman et al., 2002; Hopper, 1998; Hughes e McCarthy, 1998; Halliday, 1994; Batstone, 1994) que propõem uma abordagem contextual no ensino das EVs e apontam a premissa de que é insuficiente trabalhar com a forma e significado de cada combinação temporal-aspectual independentemente.

Certamente, é muito importante reconhecer que o maior desafio dos alunos está em saber a diferença entre o *present perfect simple* e o passado simples (...) bem desvinculado da própria semântica do verbo, o que compõe o desafio do ensino e aprendizagem. (Larsen-Freeman et al., 2002:4)<sup>38</sup>

Dessa forma, o intuito foi observar se uma tarefa baseada na maneira tradicional de se ensinar verbos, com sentenças fora de contexto, ofusca a escolha de EVs consideradas mais “elaboradas” como é o caso do PP. Em contrapartida, verifiquei se

---

<sup>38</sup> Tradução minha. Indeed, it's very important to recognize that students' greatest learning challenge lies in knowing the difference between the present perfect and simple past (...) quite apart from the semantics of the verb itself, which compounds the learning and teaching challenge (...).

uma tarefa mais contextualizada facilitou a compreensão da questão aspectual que subjaz à semântica da estrutura em questão.

Cada experimento foi áudio-gravado, uma vez que o participante deveria relatar seus pensamentos quando escolhia determinada estrutura ou quando tinha que comentar as escolhas da autora na segunda tarefa. Tal procedimento foi extraído da técnica de protocolos verbais que será explanada no próximo item.

A segunda parte da coleta de dados constou de um questionário (anexo VI) com quatro perguntas focadas principalmente na questão aspectual do PP e nas estruturas presentes nas tarefas, ou seja, o PRE e o PS. Tal instrumento foi aplicado por último para não induzir os participantes durante a realização do experimento.

Segundo Batstone (1994:57), algumas atividades de percepção podem guiar o aprendiz a fazer sua própria descoberta acerca da gramática. Creio que as questões 3 e 4 do questionário são um exemplo desse tipo de atividade, uma vez que parecem facilitar a percepção da questão aspectual do PP e podem nos revelar como o aprendiz estrutura suas associações na IL.

O intuito dessa segunda parte foi verificar, de uma forma mais precisa, se os alunos têm conhecimento da noção de Aspecto e interrelacionar as respostas com os dados obtidos nos protocolos verbais.

### **3.3.1 Protocolos Verbais**

De acordo com Ericsson e Simon (1993), a validade da técnica de protocolos verbais, por ter como base a análise introspectiva de experiências, foi debatida até os anos 50, quando as inovações tecnológicas, tais como o advento do computador, ocasionaram o surgimento de novas teorias cognitivas e de processamento de informação. A partir deste momento, o método utilizado passou a ser o de pensar alto<sup>39</sup>,

---

<sup>39</sup> Do inglês *think aloud*.

o que levou a um novo tipo de relatos verbais que se diferenciavam dos métodos de introspecção utilizados anteriormente.

A idéia central da análise de protocolos é instruir sujeitos a verbalizar pensamentos de forma que a seqüência deles não seja alterada diante da realização de uma tarefa e possam, portanto, ser aceitos como dados válidos. A estrutura teórica dos experimentos dos protocolos de pensar alto (doravante TAP)<sup>40</sup> é proposta principalmente pelo trabalho desses autores, os quais afirmam que a associação mais próxima entre pensamento e relatos verbais ocorre durante a realização de uma tarefa. Quando instruídos a pensar alto, alguns relatos parecem corresponder às “falas internas”, que poderiam ter sido não verbalizadas. Os sujeitos não são instruídos a descrever como resolvem as tarefas, mas sim a focar na resolução delas e simplesmente relatar os pensamentos que surgiram enquanto alguma solução era gerada.

Se o ato de verbalizar processos de pensamento não muda a seqüência deles, então a performance das tarefas também não muda durante a verbalização. Em vários estudos, Ericsson e Simon (1993) não encontraram evidências de que as seqüências de pensamento mudam quando os sujeitos pensavam alto enquanto realizavam as tarefas, se comparado aos sujeitos que completavam as mesmas tarefas em silêncio. Os autores concluem que se os sujeitos são instruídos a relatar seus pensamentos de forma correta, eles conseguem “pensar alto” sem mudanças sistemáticas em seus processos de pensamento.

Os TAPs têm sido utilizados na psicologia por mais de um século e Camps (2003:201) aponta que recentes estudos mostram a utilidade dos protocolos em entender o processo cognitivo dos aprendizes enquanto realizam tarefas designadas a ajudá-los a fazer associações de forma e significado. Além disso, o autor assegura que nas últimas décadas eles também estão sendo aplicados em diversas áreas no campo da aprendizagem de L2, tais como escrita, leitura, discurso, estratégias para interpretação e uso da língua.

Cohen (1989:2) enfatiza que a análise de protocolos verbais, além de representar uma outra alternativa de metodologia de pesquisa em Lingüística Aplicada,

---

<sup>40</sup> *Think aloud protocols.*

indica também uma direção nova quanto ao processo de ensino/aprendizagem de línguas. De acordo com o autor, relatos verbais tornaram-se cada vez mais freqüentes como meio de obtenção de dados que de outra forma não estariam ao alcance do pesquisador.

Além disso, observa-se a utilização desse tipo de instrumento em estudos sobre o papel da atenção ao insumo com o objetivo de analisar o efeito de uma variedade de tarefas experimentais. A maioria desses estudos sugere que a consciência das formas, por parte do aprendiz, está positivamente relacionada ao reconhecimento e aprendizado dessas. Conforme Leow (2000, apud Camps, 2003:215)<sup>41</sup>, explorar os processos internos dos aprendizes, por meios de elicitación de dados, pode oferecer evidência necessária para melhor entender o modo de agir dos participantes ao realizarem uma tarefa específica.

Com base nessas considerações, presumo que, ao analisar os relatos verbais dos participantes, as possíveis associações temporal-aspectuais presentes na IL desses aprendizes puderam ser observadas, relacionando-as às escolhas de determinadas EVs, principalmente no que diz respeito à opção (ou não) pelo uso do PP em certos contextos.

Primeiramente, os participantes foram instruídos acerca de como proceder perante as tarefas e também realizaram um exercício de aquecimento (*warm-up*) para se familiarizarem com o ato de verbalização (anexo III). Optei por não interferir durante a coleta dos protocolos para encorajar a interação participante-tarefa. Em alguns momentos, no entanto, houve interferência para incentivar os participantes a “pensarem alto”, a fim de evitar que os mesmos permanecessem muito tempo em silêncio.

---

<sup>41</sup> LEOW, R. P. A study of the role of awareness in foreign language behavior: aware versus unaware learners. **Studies in Second Language Acquisition** 22, p.557-584, 2000.

## **4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Com o intuito de responder as questões de pesquisa explicitadas na introdução e melhor interpretar as associações temporal-aspectuais presentes na IL dos aprendizes, os dados de cada participante foram analisados individualmente, destacando-se principalmente os relatos acerca do PP. Para a exposição das análises, optei por exemplificá-las a partir das amostras de dados de dois participantes que, de certa forma, são prototípicos do que ocorreu nos eventos de coleta dos protocolos verbais e em seguida proponho uma categorização dos resultados.

### **Tarefa I**

Conforme explicitado no item 3.3, a tarefa I constou de uma atividade de preencher 22 lacunas (13 sentenças) com EVs de acordo com os verbos em parênteses. Dessas, 8 deveriam ser preenchidas com estruturas no PP, 11 no PS e 3 no PRE. O PRE e o PS foram escolhidos por serem EVs temporalmente “vizinhas” do PP.

É importante ressaltar que tais respostas foram sugeridas pela gramática utilizada e, por se tratarem de frases fora de um contexto específico, várias estruturas e não apenas uma poderiam ser empregadas. No entanto, como as respostas não podiam ser induzidas, o enunciado continha apenas indicação de que as lacunas deveriam ser completadas com os verbos em parênteses, sem mencionar a EV.

Em alguns momentos, as respostas dadas pelos participantes, mesmo diferentes das sugeridas pela gramática, soam perfeitamente aceitáveis dentro de um contexto comunicativo. No entanto, o foco limitou-se a observar apenas a opção pelo PP, a fim de verificar a questão aspectual subjacente a essa EV e conseqüentemente sistematizar precisamente os dados obtidos.

A tabela 7 demonstra o ocorrido na tarefa 1. Na linha horizontal, os 20 sujeitos estão especificados por ordem de participação e , na vertical, as 22 lacunas preenchidas. As respostas corretas, de acordo com a gramática utilizada, estão em azul e as opções pelo PP em verde. Desvios, tais como forma errada do passado do verbo ou não colocação de auxiliar não foram considerados, pois o foco foi na significação e no uso das estruturas. Além do PP, PS e PRE, outras quatro estruturas também foram mencionadas e indicadas conforme a legenda abaixo:

PC = presente contínuo

PPC = *present perfect* contínuo

PAP = *past perfect*

PAPC = *past perfect* contínuo

FUT = futuro (will ou going to)

**TABELA 7: Respostas esperadas e fornecidas pelos participantes na tarefa I**

		Respostas dos Participantes																			
<i>Lacunas</i>	<i>Respostas esperadas</i>	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12	P13	P14	P15	P16	P17	P18	P19	P20
1	PP	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PP	PP	PS	PS	PS	PS	PS	PRE	PS	PS	PP	PS	PS	PP
2	PP	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PP	PS	PS	PP	PS	PS	PS	PP	PS	PS	PS	PS	PS
3	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PP	PS	PAP	PS	PS	PS	PP
4	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PP	PP	PS	PS	PP	PS								
5	PP/PS	PS	PS	PRE	PS	PS	PS	PP	PP	PRE	PP	PP	PS	PP	PP	PP	PS	PP	PS	FUT	PP
6	PS	PS	PS	PRE	PS	PS	PS	PS	PRE	PS	PRE	PRE	PS	PRE							
7	PP	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PP	PP	PS	PP	PP	PS	PP	PS	PS	PS	PP	PS	PS	PS
8	PP	PRE	PP	PS	PS	PS	PS	PP	PP	PRE	PP	PP	PS	PP	PP	PP	PRE	PP	PC	PP	PS
9	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PP	PRE								
10	PS	PS	PP	PS	PS	PS	PS	PAP	PAPC	PP	PAP	PP	PAP	PP	PS	PS	PS	PS	PAP	PP	PS
11	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS
12	PS	PP	PS	PS	PS	PS	PRE	PP	PP	FUT	PP	PP	PAP	PP	PP	PS	PS	PP	PAP	PP	PP
13	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PRE	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS
14	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PS	PRE	PRE	PRE	PS	PS	PRE								
15	PP	PP	PP	PP	PRE	PRE	PS	PP	PP	PP	PP	PP	PP	PPC	PC	PPC	PC	PP	PS	PPC	PP
16	PS	PS	PS	PS	PRE	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS
17	PS	PS	PP	PS	PRE	PS	PS	PS	PS	PP	PP	PP	PAP	PP	PS	PP	PS	PAP	PS	PP	PS
18	PP	PS	PS	PP	PS	PS	PS	PP	PP	PS	PP	PP	PS	PS	PS	PS	PS	PP	PS	PP	PS
19	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PP	PS	PS	PP	PS	PS	PP	PS	PS	PS	PS	PS	PS
20	PS	PS	PS	PS	PS	PS	PRE	PS	PS	PS	PS	PP	PS	PAP							
21	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE	PRE
22	PP	PP	PPC	PPC	PP	PP	PRE	PP	PPC	PP	PPC	PPC	PP	PPC	PPC	PP	PPC	PP	PS	PP	PS
<b>Total de acertos:</b>	<b>22</b>	16	18	14	16	13	11	18	17	13	17	14	14	16	14	18	14	18	11	15	13

A tabela 8 apresenta as lacunas que aceitavam exclusivamente o PP e o número de participantes que optaram por sua escolha.

**TABELA 8 – Porcentagem de utilização do PP**

<b>Lacunas</b>	<b>Número de participantes que optaram pelo PP</b>	<b>Porcentagem</b>
1	4	20%
2	3	15%
5	9	45%
7	6	30%
8	10	50%
15	11	55%
18	7	35%
22	9	45%

**Observações:**

A lacuna 8 exigia PP ou PS. As lacunas 1, 2 e 7 foram as que apresentaram um menor índice de acertos e acredita-se que isto tenha ocorrido pelo fato de possuírem mínimas dicas contextuais. Na última lacuna, 8 participantes optaram pelo PPC.

Já a tabela 9 apresenta as EVs fornecidas pelos participantes que não optaram pelo PP nas lacunas em que ele deveria ser utilizado.

**TABELA 9 – Respostas alternativas em contextos que exigiam o PP**

<b>Lacunas</b>	<b>Estruturas verbais escolhidas</b>
1	PS e PRE
2	PS
7	PS
8	PRE, PS e PC
15	PRE, PS, PPC e PC
18	PS
22	PPC, PRE e PS

## **Tarefa II**

Como também mencionado no item 3.3, a segunda tarefa, de base contextual, propunha que os participantes grifassem as EVs utilizadas pela autora do texto, nos três parágrafos que o constituíam, e discorressem sobre o motivo da escolha dessas estruturas. Os protocolos verbais podem ser conferidos pelas transcrições no anexo VII e parte deles serão analisados na próxima seção conforme a relevância para as discussões.

### **4.1 Análise dos Relatos e Triangulação dos Dados**

Em se tratando da questão aspectual subjacente ao PP, procurei observar se a noção de Aspecto presente na IL dos participantes está relacionada a traços de iteração ou de resultado / consequência. Como discutido anteriormente, Molsing (2006) assegura que tanto em português (pretérito perfeito composto) como em inglês (PP)

são possíveis referências resultativas e contínuas, mas em inglês a propriedade resultativa está lexicalmente embutida enquanto a contínua não está. Em português, ocorre justamente o oposto, ou seja, a propriedade contínua está lexicalmente embutida enquanto a resultativa, não. Verifiquei também se os dois tipos de tarefas, estrutural ou contextual, originam concepções distintas.

Quanto aos dados do perfil dos participantes e do questionário, serão comentadas apenas as informações relevantes à triangulação dos dados.

A seguir, analiso dados de 2 participantes, que por serem prototípicos, ilustram o que ocorreu em toda a coleta de protocolos verbais.

#### 4.1.1 Participante 1

A P1 declarou não ter tido conhecimento de inglês antes de ingressar na graduação e acredita não ter aprendido inglês na escola regular por ter sido exposta à língua através de uma abordagem estruturalista. Afirma também que o ensino de gramática deve partir do método comunicativo, sem a utilização de metalinguagem.

Na tarefa I, obteve 16 acertos e utilizou o PP em três lacunas, sendo que uma delas foi considerada “errada” de acordo com a resposta sugerida pela gramática. Em seus relatos, a participante constantemente vertia as frases para o português:

“Então, *speak* é no presente porque ela **fala** muito bem e que ela **tem estudado** isso desde os nove anos.” (Q13)<sup>42</sup>

Em relação ao PP especificamente, observou-se a utilização da perífrase verbal “ter + participio”, como por exemplo, “tem morado”, “tem estudado”, o que reflete a influência da LM e relaciona o PP a uma propriedade iterativa.

---

<sup>42</sup> Q será usado para indicar as questões da tarefa I – de 1 a 13.

Além disso, nota-se a preocupação com referências temporais já que, em alguns momentos, a participante referia-se às marcas de tempo nas frases.

“*Improve* no presente porque já tem o auxiliar, o **do**, que informa que é uma **coisa do presente**, então o verbo não muda.” (Q6)

“Então, ele saiu 10 minutos atrás, então é uma coisa do passado. É passado por causa do **ago**, dos **ten minutes ago**.” (Q10)

Em outros momentos, há também a presença de explicações freqüentemente encontradas em gramáticas e LDs, pois os relatos apresentaram frases como “idéia de alguma coisa que é passado”, “coisa do passado”, “passado porque já aconteceu”, entre outras.

“...teve estudado no *present perfect* dá idéia de uma coisa.... que é um processo **que vem acontecendo até agora**.” (Q13)

Interessante notar que, na lacuna 12, P1 optou por utilizar o PP em um contexto de passado. Acredita-se que isto tenha ocorrido pela presença do advérbio *never*, que costuma aparecer em contextos nos quais o PP é freqüentemente encontrado e também pela ênfase geralmente dada pelas gramáticas e LDs a essa ocorrência.

Portanto, mesmo com relatos fortemente relacionados a referências temporais, foi possível observar que nessa primeira tarefa, a noção aspectual do PP, para a participante, parece portar um traço de iteração.

Em relação à segunda tarefa, os resultados são um pouco diferentes. Observemos os seguintes relatos:

“...ela também usa o *present perfect* pra mostrar a **experiência** que ela tem tido de um certo tempo **até** agora.”

“...o **resultado da experiência** que ela teve, **as conseqüências** que isto trouxe para o presente, o que ela melhorou agora e aí ela usa de novo o *present perfect* pra mostrar o

que ela tem aprendido, o que ela tem feito e o que isto tem permitido a ela aprender, o que ela tem aprendido até agora.”

Apesar da forte presença da LM através da perífrase verbal “ter + particípio” como em “tem feito” e “tem tido” e clichês contidos em gramáticas e LDs como “coisa que aconteceu e que vem acontecendo até agora”, parece-me que esse tipo de tarefa facilita o entendimento da questão aspectual do PP uma vez que os relatos da participante apresentam não só a noção de iteração, mas também a visão do PP como resultado de experiência e consequência no presente, característica não observada na primeira tarefa.

As respostas do questionário demonstram novamente a forte influência da tradição gramatical, pelas mesmas explicações que surgiram nas tarefas anteriores:

“O presente perfeito dá uma idéia de **algo que aconteceu em algum tempo passado e continua até hoje**. “(Q1)

A P1 concebe Aspecto como “formas gramaticais” e “como se dá gramaticalmente as estruturas” e acredita que o PP e o pretérito perfeito composto têm o mesmo sentido. Apesar de não saber explicar muito claramente a noção de Aspecto, nota-se que a aprendiz compreendeu com certa clareza o uso do PP dentro de um contexto, como pode ser notado nos relatos da segunda tarefa. Esse resultado reforça a importância desse tipo de atividade, uma vez que propicia a percepção de certas peculiaridades lingüísticas. Como visto anteriormente, a percepção é uma das condições necessárias para a aquisição ocorrer (Schmidt 1990, 1993, 2001).

#### **4.1.2 Participante 8**

A P8 aprendeu inglês por meio das duas abordagens, estrutural e comunicativa, e possui vivência no exterior de 8 anos. Leciona o idioma há 13 anos e acredita que é

vital fazer os alunos se tornarem conscientes da gramática, por meio de exercícios e do uso dela em contexto, levando-os a inferências das regras através do seu uso, tornando-os conscientes de como e onde usá-las.

Na primeira tarefa, a participante obteve 17 acertos e utilizou o PP em 11 lacunas, sendo que duas delas foram consideradas “incorretas” pela gramática e em outras duas optou por utilizar o PP contínuo. Os relatos da P8 evidenciam a presença constante de clichês contidos em gramáticas e LDs para explicar o uso do PP, como também sua ligação a não definição de tempo, ou seja, a procura por referências temporais:

“Aqui tá perguntando onde ele está... eu vou usar aqui o... *he has gone out*... porque aqui é uma **ação**, quer dizer, ele já saiu, **passada, mas não determinada**, então eu vou usar o presente perfeito.” (Q1)

“Também eu usaria aqui o presente perfeito *I've forgotten* porque também aqui **não está determinando o tempo, mas é uma ação passada**... porque comecei a esquecer no passado e **contínuo até agora**. Então usa-se o presente perfeito pra isso, **pra uma ação indeterminada**... é... **uma ação indeterminada no passado**.” (Q2)

“... aqui eu poria *it has disappeared* porque aqui também é **uma ação passada, mas como não é definido o tempo passado aqui (quando) eu uso o presente perfeito**.” (Q5)

“Então aqui está falando de **uma ação que aconteceu no passado, mas não definido**, então **como é uma situação indefinida no passado** eu uso o presente perfect. Então seria “Ben has broken... Então aqui poderia usar o presente perfeito porque também **não está dizendo quando**, mas sim como né. Como isso aconteceu? Então seria melhor presente perfeito também porque é **uma ação passada, mas não definida**. “how has that happended?” Então seria ideal aqui porque **não está definindo o passado**.” (Q12)

A P8, da mesma forma que outros nove participantes da pesquisa, utilizou o PP quando se deparou com o advérbio *never* na questão 9. Minha hipótese de que esse advérbio parece estar atrelado ao uso do PP foi esclarecida na explicação da própria participante:

“...como eu tenho *I* e depois *never meet*... quer dizer eu nunca o encontrei e também não está definindo quando e **quando eu tenho esse never aqui eu uso o presente perfeito** *I have never met him* porque eu não o encontrei no passado e até agora eu não o encontrei né. Continua sendo verdade até esse momento, então o melhor tempo pra mim aqui é o presente perfeito.”

Certamente, esse é um dos mais conhecidos *chunks*<sup>43</sup> em relação a essa EV. Além desse, outros *chunks* conhecidos são *have you ever \_\_\_\_?*, *I have \_\_\_\_ for \_\_\_\_*, *I have already \_\_\_\_* e *I have \_\_\_\_ since*. Assim, é importante observar como certas noções acerca do PP parecem estar enraizadas na IL dos aprendizes. Considerando que, dos 20 participantes, P8 aparentemente é a que mais tem tido contato com a língua, percebemos como essas receitas internalizadas se sobrepõem às experiências e acabam, muitas vezes, prejudicando a compreensão do PP.

Além disso, o PP parece estar vinculado ao traço de iteração, como podemos observar nos excertos a seguir:

“...também usaria o presente perfeito porque também é uma ação que começou no passado e **até agora está acontecendo**, então o melhor tempo verbal aqui seria o presente perfeito *I have improved*.” (Q6)

“... quando é uma ação que **começa no passado e continua até agora** eu posso usar o presente perfeito simples ou contínuo...” (Q11)

Apesar da segunda tarefa também apresentar buscas por referências temporais e relacionar o PP a indefinição de tempo, em vários momentos a participante o relaciona à noção de resultado, ou seja, conseqüências no presente. Exemplos:

“...então é uma experiência que ainda influencia a vida dela né, então ela vai continuar viajando, quer dizer, a porta está aberta, então é uma situação que tem uma **interferência no presente...**”

---

<sup>43</sup> Partes de enunciados e até mesmo frases inteiras presentes na IL são chamadas de *chunks* (VanPatten, 1998:122). Exemplos: “have a nice day”, “see you”, “I am fine, thanks”, “as far as I am concerned” etc.

“O terceiro parágrafo tem principalmente o presente simples e tem também o presente perfeito. Então ela vai contar sobre a experiência, aquela experiência que ela teve em outros países influencia agora nessa situação, quer dizer, *as a result* tá falando de um **resultado de uma experiência que nesse momento da vida dela é verdade...**”

“...Então, o uso de presente perfeito nesse parágrafo aqui tem mais a ver com isso, quer dizer, alguma coisa que fala sobre experiência do passado, mas **que reflete no presente**, quer dizer, aquela experiência dela em outros países tem refletido ainda... então, ela aprendeu, ela se tornou uma pessoa adaptável e essa adaptabilidade tem permitido a ela entender as pessoas. Então, eu retomo aquela experiência no passado, mas **continua influenciando até o presente momento...**”

No questionário, a P8 respondeu que o PP indica situações no passado, mas que tem recorrência no presente, ou seja, ligando-o a uma noção de iteração. Ao diferenciar as sentenças no PS e PP, indica que, como o tempo não está definido, as duas estruturas podem ser utilizadas. Todavia, sabemos que relacionar o PS apenas à definição de tempo é uma concepção equívoca. Quanto ao Aspecto, a participante o descreve como “não define Tempo com precisão”.

A apresentação e análise dos dados dessas 2 participantes demonstram o que, de certa forma, ocorreu no processo de análise dos 18 restantes. Isso revelou a possibilidade da busca de uma categorização dos dados, a qual apresento na seqüência.

#### **4.1.3 Categorização dos Dados**

As análises provenientes dos relatos deram origem a seis categorizações distintas, exemplificadas a seguir com relatos de alguns participantes da pesquisa.

**1) Influência da LM** relação do PP ao pretérito perfeito composto do português e conseqüentemente, versão das frases para o português.

“Quantos anos que **tem morado** lá, então **tem morado** por 5 years, então, como é uma coisa que ele mora ainda em Boston, então por isso que é o *present continuous*.”<sup>44</sup> (P1, Q11)

“Então, *speaks* é no presente porque ela **fala** muito bem e que ela **tem estudado** isso desde os nove anos.” (P1, Q13)<sup>45</sup>

“Aqui não fala nada de data, em nenhuma das duas e não tem contexto também, então... *has given*... **tem me dado**... mas eu acho que eu perdi... *present perfect*. (P11, Q4)

**2) Indeterminação temporal:** relação do PP a indefinição de tempo.

“Também eu usaria aqui o presente perfeito *I've forgotten* porque também aqui **não está determinando o tempo, mas é uma ação passada**... porque comecei a esquecer no passado e **continuo até agora**. Então usa-se o presente perfeito pra isso, **pra uma ação indeterminada**... é... **uma ação indeterminada no passado**.” (P8, Q2)

“Eu esqueci a maioria do que aprendi, *I have forgotten*, coloquei porque **não tinha tempo determinado**.” (P11, Q2)

**3) Noção de iteração / continuidade:** relação do PP a algo que vem acontecendo até o presente momento.

---

<sup>44</sup> Acredito que P1 quis dizer *present perfect*.

<sup>45</sup> P refere-se ao participante e Q à questão da tarefa I.

“Jude *speaks*... fala alemão, *very well*. *She has studied*... *she has studied*...”<sup>46</sup> ela **tem estudado** desde os 9 anos... então aqui é uma **coisa que já vem acontecendo** há um tempo (*since*), eu uso o *present perfect*... né, uma coisa que **vem acontecendo**.” (P5, Q13)

“...*I have learned to understand different ways*... de novo o *perfect* porque ela **tá fazendo isso até este momento**, ela fez e ainda tá fazendo, isso foi o que ela fez até agora...” (P6, tarefa II)

**4) Noção de experiência:** relação do PP a indicação de experiências provenientes de ações do passado.

“...e depois ela usa o *present perfect* de novo porque a partir desta **experiência**... ela fala que com essa experiência que aconteceu esse fato acabado no passado ela foi juntando às outras experiências né... que ela vem tendo e adquirindo com esses fatos do passado...” (P9, tarefa II)

“Algumas vezes que ela fala que ela **ganhou experiência**, que ela fez algumas coisas no passado, ela vai usar esse *present perfect*. “ (P11, tarefa II)

“Tem dois exemplos de presente perfeito porque ela tá falando de **experiências** que ela teve no passado, mas que continuam tendo influência no presente dela.” (P12, tarefa II)

**5) Noção de resultado / consequência:** idéia do PP ligada a resultado ou consequências de situações no presente.

“...Já no terceiro aparece muitas vezes o *present perfect*, às vezes alternado com o presente... aí no terceiro parágrafo vai falar dos **resultados das experiências** dela, o que ela aprendeu com tudo... e aí o *present perfect* vai assumir um outro sentido que

---

<sup>46</sup> A forma gramaticalmente correta deveria ser *she has studied*. No entanto, não considerei errada uma vez que a participante considerou o uso do PP.

não é só de expressar uma ação no passado, mas também de falar de uma coisa que tá **perdurando no presente**... eu tenho aprendido, por exemplo... de uma ação que se fez e que **ainda se perdura**... vai assumir esse outro sentido também aqui... vai ter sentido de passado indefinido, mas também vai ter esse **sentido de permanência**, de coisa que se faz e que permanece, isso porque **ela vai falar dos resultados das experiências dela**, o que ela aprendeu e o que se fez..." (P11, tarefa II)

"Depois ela usou uma estrutura de *present perfect* pra falar primeiro de experiências que aconteceram sem tempo específico e de ações que começaram no passado, mas que têm uma **influência** ainda hoje, **resultados** no presente." (P15, tarefa II)

**6) Duração:** relação do PP a algo que explicita por quanto tempo determinada situação ocorreu.

"Então como é um período trabalhou por 15 anos então *has been worked*<sup>47</sup> porque *present perfect* indica **período de tempo**." (P3, Q8)

"...e como aqui tá falando que ela começou quando ela tinha 9 anos até hoje... então eu usaria o presente perfeito simples ou o contínuo, porque tem **um período de tempo**. Então eu usaria o presente perfeito contínuo porque é uma situação que começou no passado e vai até hoje..." (P8, Q11)

De acordo com os relatos provenientes das tarefas, são apresentadas nas tabelas 10, 11 e 12 as categorizações de como os participantes conceberam o PP.

---

<sup>47</sup> Gramaticalmente incorreto.

**TABELA 10: Relatos provenientes da Tarefa I**

<b>Participante</b>	<b>Categorização do PP</b>
1	Influência da LM Indeterminação temporal Noção de iteração / continuidade Noção de resultado / consequência no presente
2	Influência da LM Indeterminação temporal Noção de iteração / continuidade
3	Influência da LM Noção de iteração / continuidade Duração
4	Influência da LM Noção de iteração / continuidade
5	Noção de iteração / continuidade Influência da LM
6	Influência da LM
7	Indeterminação temporal Duração
8	Indeterminação temporal Noção de iteração / continuidade Duração
9	Influência da LM Indeterminação temporal
10	Noção de resultado / consequência no presente Indeterminação temporal Influência da LM Duração
11	Indeterminação temporal Influência da LM
12	Indeterminação temporal Noção de resultado / consequência no presente
13	Noção de iteração / continuidade

14	Influência da LM Noção de iteração / continuidade
15	Indeterminação temporal Noção de iteração / continuidade Noção de resultado / consequência no presente
16	Influência da LM
17	Noção de iteração / continuidade
18	Nenhum <sup>48</sup>
19	Noção de resultado / consequência no presente
20	Noção de resultado / consequência no presente

Os relatos provenientes da tarefa I mostram uma maior predominância de três categorias: influência da LM, busca por referências temporais e o traço iteração / continuidade. Suponho que as duas primeiras categorias tenham ocorrido, sobretudo, devido à falta de contexto, fato que foi mencionado nos relatos de alguns participantes:

“Sempre que a gente tem o contexto em mãos é fácil justificar o uso de alguma gramática. Esses *fill in*, eu acho eles terríveis porque só com uma frase você nem sempre tem todo o contexto e o uso de gramática depende do contexto (...) Então eu diria, por exemplo, que essa 11 e a 12 e assim como a 6 são mais difíceis porque o *present perfect* e o passado já são muito próximos no uso e sem o contexto então, piorou. Porque você pode inferir que ele morou, mas como ele não dá nenhuma referência de tempo fica difícil você empregar um tempo verbal assim. Então, pra mim é mais difícil quando não tem mais contexto (...)” (comentário de P10 sobre a tarefa I)

Já o traço de iteração / continuidade, observado na maioria dos relatos, tem a ver com o fato de os aprendizes relacionarem o PP ao pretérito perfeito composto em português, concebendo-o como algo que possui um caráter repetitivo. A falta de contexto parece proporcionar principalmente essa interpretação, não favorecendo a observação do traço resultativo.

---

<sup>48</sup> Não houve nenhum relato acerca do PP, pois a participante não o utilizou na tarefa I.

**TABELA 11: Relatos provenientes da Tarefa II**

<b>Participante</b>	<b>Categorização do PP</b>
1	Influência da LM Noção de iteração / continuidade Noção de resultado / conseqüência no presente
2	Noção de resultado / conseqüência no presente
3	Influência da LM Indeterminação temporal Noção de resultado / conseqüência no presente
4	Noção de iteração / continuidade
5	Noção de iteração / continuidade
6	Noção de iteração / continuidade
7	Noção de resultado / conseqüência no presente
8	Indeterminação temporal Noção de resultado / conseqüência no presente
9	Indeterminação temporal Noção de iteração / continuidade
10	Noção de resultado / conseqüência no presente
11	Noção de iteração / continuidade Noção de resultado / conseqüência no presente
12	Noção de resultado / conseqüência no presente
13	Noção de resultado / conseqüência no presente
14	Noção de resultado / conseqüência no presente
15	Noção de resultado / conseqüência no presente
16	Noção de experiência
17	Noção de resultado / conseqüência no presente
18	Noção de experiência
19	Noção de iteração / continuidade Noção de experiência
20	Noção de resultado / conseqüência no presente

A categoria mais saliente notada nos relatos da tarefa II é a noção de resultado / consequência no presente. Vimos que o traço resultativo presente no pretérito perfeito composto do português parece ser apenas perceptível por inferências pragmáticas. Uma vez que os aprendizes geralmente tendem a relacioná-lo ao PP, parece claro que o Aspecto resultativo do PP também seja mais perceptível dentro de um contexto.

“(…) Agora, a segunda tarefa é um texto inteiro, dividido em três parágrafos, então você tem todo um contexto e que ajuda você a identificar se ela está falando de uma situação presente, de uma situação imutável, se ela tá falando de um hábito, se ela tá falando de alguma coisa que passou, uma experiência totalmente passada né. Ela conta daquele tempo em que ela fazia parte do Corpo de Paz num país estrangeiro, então ela identifica bem o passado aqui, então você sabe que ela tá descrevendo aqui uma situação totalmente passada, então o tempo verbal seria o passado mesmo né, então identifica no contexto o tempo verbal. E também o fato de ela usar o presente perfeito né, retornando a realidade... o contexto todo te dá um *insight* daquele tempo verbal que seria interessante usar aqui. É muito mais fácil de identificar e até explicar né o uso desses tempos verbais.” (comentário de P8 sobre a tarefa II)

Embora em menor número, o traço de iteração / continuidade também esteve presente. Vimos anteriormente que o PP pode portar ambos os traços de iteração e resultado. Portanto, o tratamento contextual possibilitou a visualização dos dois Aspectos subjacentes à estrutura do PP.

**TABELA 12: Relatos provenientes do questionário**

<b>Participante</b>	<b>Categorização do PP</b>
1	Noção de iteração / continuidade Duração
2	Noção de iteração / continuidade Indeterminação temporal
3	Indeterminação temporal Duração
4	Noção de iteração / continuidade
5	Noção de iteração / continuidade
6	Noção de iteração / continuidade
7	Noção de iteração / continuidade
8	Noção de iteração / continuidade Duração Indeterminação temporal
9	Noção de iteração / continuidade Indeterminação temporal
10	Indeterminação temporal Noção de resultado / consequência no presente
11	Noção de iteração / continuidade Noção de resultado / consequência Indeterminação temporal
12	Noção de iteração / continuidade Noção de resultado / consequência no presente Indeterminação temporal
13	Noção de iteração / continuidade Indeterminação temporal
14	Noção de iteração / continuidade
15	Noção de resultado / consequência no presente Noção de iteração / continuidade Indeterminação temporal
16	Noção de resultado / consequência no presente Noção de iteração / continuidade

17	Noção de resultado / consequência no presente Noção de iteração / continuidade
18	Noção de iteração / continuidade
19	Noção de resultado / consequência no presente
20	Noção de resultado / consequência no presente

Apesar da busca por referências temporais, os traços de iteração e resultado também foram mencionados na maioria dos relatos do questionário. Isso parece comprovar o fato de que as tarefas de percepção são importantes na compreensão dos Aspectos subjacentes ao PP, ainda que os participantes já possuam uma noção de PP em suas ILs.

“Na minha opinião, não há como dizer isso em português exatamente da mesma forma que em inglês. Eu diria “eu ganhei três quilos”. Se eu quisesse expressar a mesma idéia, eu teria que fazer uma paráfrase do tipo “de uns anos pra cá eu ganhei três quilos. Em inglês o *present perfect* é um presente que se volta para o passado, isto é, o passado tem influência sobre o presente. Já o passado simples é definido como “começado e terminado” no passado.” (explicação de P20 para a questão 4 do questionário)

## 4.2 Discussão dos Resultados

Para a discussão, retomo as perguntas de pesquisa:

1. Uma abordagem contextual, ou seja, menos calcada em frases isoladas, facilita a compreensão da pragmática do PP e principalmente da noção de Aspecto subjacente a essa EV?

2. Os alunos têm consciência acerca dessa questão aspectual? Como ocorrem as associações temporal-aspectuais na IL desses aprendizes?

Em primeiro lugar, é importante observar que a análise de dados a partir da coleta de protocolos verbais deve levar em consideração que os participantes podem distorcer seus relatos para causar boa impressão. Dessa forma, seria comum questionar-se acerca da confiabilidade das declarações dos participantes. Todavia, Cavalcanti (1989:141) afirma que a confiabilidade é um problema não somente para técnicas introspectivas como também para outras, pois está relacionada à motivação e vontade de cooperar dos participantes. No entanto, se os participantes concordaram previamente em participar do estudo não há razão para supor que eles iriam mentir.

As verbalizações da primeira tarefa parecem fornecer evidências de que é insuficiente trabalhar com a forma e significado de cada combinação temporal-aspectual isolada e de que as obras didáticas ainda possuam resquícios de um estruturalismo puro, com explicações e análises de frases totalmente fora de contexto e pouca atenção à noção de Aspecto. De certa forma, o *background* de aprendizagem de LI dos participantes corrobora essas afirmações: 60% declararam ter aprendido inglês por meio de uma abordagem estruturalista. Portanto, é possível supor que vestígios dessa tradição estejam, de certa forma, enraizados em suas ILs.

Assim, a análise dos dados levou-me à conclusão de que um tratamento contextual poderia amenizar as dificuldades encontradas pelos aprendizes ao realizarem uma tarefa que envolve diversas EVs, pois proporciona uma maior possibilidade de focar na questão aspectual e menos na questão temporal. Considerando que o Aspecto define-se pela “forma como o falante vê determinada situação”, parece-me que tal abordagem faz com que o aluno compreenda melhor o enfoque do locutor, ou seja, o que ele quis dizer ao utilizar determinada estrutura em detrimento de outra. Os relatos apontaram que os alunos não têm conhecimento acerca da questão aspectual do PP, porém, o tratamento contextual parece permitir que certas noções implícitas venham à tona.

O tratamento estrutural da tarefa I parece possibilitar mais especificamente a percepção do traço de iteração, enquanto o contextual favoreceu a percepção dos dois traços, iterativo e resultativo / consequência no presente. Observemos a tabela 13:

**TABELA 13: Traços aspectuais observados nas tarefas I e II**

<b>Participante</b>	<b>Tarefa I</b>	<b>Tarefa II</b>
<b>P1</b>	Iteração e resultado	Iteração e resultado
<b>P2</b>	Iteração	Resultado
<b>P3</b>	Iteração	Resultado
<b>P4</b>	Iteração	Iteração
<b>P5</b>	Iteração	Iteração
<b>P6</b>	Sem valor aspectual	Iteração
<b>P7</b>	Sem valor aspectual	Resultado
<b>P8</b>	Iteração	Resultado
<b>P9</b>	Sem valor aspectual	Iteração
<b>P10</b>	Resultado	Resultado
<b>P11</b>	Sem valor aspectual	Iteração e resultado
<b>P12</b>	Resultado	Resultado
<b>P13</b>	Iteração	Resultado
<b>P14</b>	Iteração	Resultado
<b>P15</b>	Iteração e resultado	Resultado
<b>P16</b>	Sem valor aspectual	Sem valor aspectual
<b>P17</b>	Iteração	Resultado
<b>P18</b>	Sem valor aspectual	Sem valor aspectual
<b>P19</b>	Resultado	Iteração
<b>P20</b>	Resultado	Resultado

Acredito que isso tenha ocorrido pelo fato de que os aprendizes recorreram à LM para realizar a primeira tarefa, já que não havia contexto. Como o pretérito perfeito composto no português exprime iteração, a tendência dos alunos foi relacioná-lo à perífrase verbal “ter + participio”, uma vez que em nossa língua a utilizamos para falar

de ações que têm continuidade no presente. Por outro lado, o contraste das estruturas vizinhas do PP, presente e passado simples, propiciou a percepção do traço aspectual resultativo na segunda tarefa. Mesmo que os dois traços estejam presentes no PP, há indícios de que o resultativo seja mais perceptível se tratarmos essa EV dentro de um contexto, uma vez que a noção de consequência no presente não é semanticamente subjacente à estrutura do pretérito perfeito composto em português.

Além disso, a influência da LM na concepção do PP também foi observada, principalmente em frases nas quais ocorreu o aparecimento do PP de situação persistente, pois tende-se a dizer que é o tipo que mais se assemelha à definição do pretérito perfeito composto em português de que “exprime geralmente a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente em que falamos” (Cintra e Cunha, 1985). Isso até justifica o fato de que a maioria da porcentagem de acertos estarem relacionadas justamente às lacunas que requeriam o PP de situação persistente. Tais ocorrências puderam ser claramente notadas também na segunda tarefa, uma vez que os participantes freqüentemente traduziam as frases como “tem tido”, “tem sido”, “tem estado”, entre outras.

Presumo que a influência da LM faz com que noções como essas sejam incorporadas à IL dos aprendizes na forma de *chunks* e isso acaba interferindo na compreensão e produção, uma vez que o traço aspectual de resultado que abarca o PP não está presente semanticamente no pretérito perfeito composto do português. Assim, em certos contextos, a perífrase verbal “ter + particípio” do português parece estar possivelmente internalizada como o único equivalente do PP. Porém, sabemos que em certos contextos, o PP também pode ser pragmaticamente representado no português por outras EVs, como o PRE e o PS por exemplo.

EI-Dash (2005:41) afirma que o conhecimento das diferenças semânticas entre duas línguas e um entendimento dos seus papéis semânticos e sintáticos podem ser de grande ajuda para o aprendiz. A autora acredita que em português a semântica das EVs envolve principalmente considerações temporais, e isso pode ser observado nos relatos dos participantes, uma vez que, em vários momentos, buscavam essas referências nas tarefas. No entanto, vimos que as considerações subjacentes as EVs incluem ambas noções de Tempo e Aspecto.

Embora os participantes tenham mostrado não dominar o conceito de Aspecto, os dados do questionário reforçam a idéia de que as atividades de percepção são bastante válidas para a observação da questão aspectual subjacente ao PP, já que os traços iterativo e resultativo foram mencionados nas explicações. Mesmo que os aprendizes já possuam em suas ILs uma concepção dessa EV, creio que tarefas desse tipo, aliadas à prática, podem propiciar o entendimento de certas peculiaridades lingüísticas. Isso também pode ser notado nas respostas da última pergunta do primeiro questionário (anexo II), sobre a instrução de gramática:

“É vital fazer os alunos se tornarem conscientes da gramática, através de exercícios e uso dela em contexto, levando-o a inferência das regras gramaticais através do seu uso, tornando-o consciente de *como* e *onde* usá-las.” (P8)

Tais resultados são coniventes com as teorias atuais de aprendizagem de L2. Ellis (2001:161) defende a idéia de que os alunos devem ter conhecimento explícito de gramática<sup>49</sup> uma vez que ele é importante em um número de motivos. Primeiramente, ajuda os aprendizes a ser mais gramaticalmente precisos monitorando o que dizem ou escrevem. Em segundo, ajuda-os a adquirir o conhecimento implícito. Dessa forma, se os aprendizes compreenderem como as características gramaticais funcionam, serão mais propícios a observar quando lerem ou escutarem-nas. As pesquisas atuais mostram que a percepção é essencial para o desenvolvimento do conhecimento implícito.

Portanto, o autor assegura que esse conhecimento explícito deve ser ensinado por meio de uma abordagem de descoberta (grammar-discovering approach). Isso envolve o fornecimento de dados aos aprendizes em forma de atividades de leitura ou compreensão de linguagem oral a fim de ilustrar uma determinada característica gramatical e levá-los a uma análise de forma que eles próprios cheguem a um entendimento acerca da peculiaridade em questão. Essa abordagem auxilia a aguçar a curiosidade e desenvolver habilidades necessárias a se trabalhar com a língua de

---

<sup>49</sup> Para o autor, conhecimento explícito é o conhecimento sobre a gramática, ou seja, o entendimento das regras. Conhecimento implícito é o conhecimento das regras gramaticais de forma intuitiva, permitindo ser acessado fácil e rapidamente para o propósito da comunicação.

forma autônoma, fazendo com que os aprendizes tornem-se pensadores ativos em descobrir o funcionamento da gramática.

Fotos (1993, apud Larsen-Freeman, 2003:93) também mostrou que os aprendizes são mais propícios a notarem estruturas alvo em tarefas de conscientização (consciousness-raising) do que quando orientados de outra maneira (como por exemplo em tarefas puramente comunicativas) e que essas tarefas são tão eficazes quanto as de instrução explícita. Portanto, creio que os resultados desse trabalho reforçam a importância de atividades contextualizadas para a percepção de certas peculiaridades lingüísticas, principalmente de estruturas mais complexas, como é o caso do PP.

Respondidas as questões de pesquisa, passo agora às considerações finais e encaminhamentos.

## 5 CONCLUSÃO E ENCAMINHAMENTOS

Primeiramente, é importante ressaltar que os resultados apresentados nessa pesquisa são limitados. Porém acredito que podem trazer uma contribuição significativa para os estudos envolvendo o PP, uma vez verificado que a noção do traço resultativo subjacente à sua semântica não é claramente compreendida pelos aprendizes devido, principalmente, ao tratamento das EVs de forma fragmentada. Além disso, o ensino parece não dar ênfase às diferenças de marcação aspectual entre a LM e a LE.

Durante todo esse trabalho, defendi a idéia de que vários problemas referentes ao aprendizado da gramática seriam melhor enfrentados se o aprendiz pudesse contar com informações abrangentes sobre a enunciação, especificamente sobre a intenção do falante. E isso raramente é considerado no ensino de EVs, já que elas geralmente são abordadas por meio de frases totalmente descontextualizadas.

Assim, presumo que qualquer EV ou qualquer item gramatical deva ser ensinado contextualmente, uma vez que significados e valores se perdem ao se extrair uma sentença de seu discurso. Além disso, a adoção de uma abordagem contrastiva poderia complementar as teorias de ensino e aprendizagem de línguas já existentes, especialmente no que diz respeito às características aspectuais que abarcam as EVs em inglês, em contraste com as do português.

Embora não seja uma atividade comunicativa, Bond (2001) sugere que os professores dêem aos aprendizes exercícios de tradução porque isso poderia conscientizá-los acerca da influência da LM. Ela recomenda que inúmeras atividades sejam dadas para a reflexão acerca da questão aspectual dos verbos em inglês. Dessa forma, talvez, aprendizes brasileiros possam perceber e compreender, através de uma abordagem contrastiva, a diferente expressão do Aspecto nas duas línguas.

Tal discussão aponta para uma quebra de paradigma, uma vez que essa forma de apresentar o sistema temporal-aspectual dos verbos difere de toda a tradição da abordagem gramatical. Entretanto, adotar essa perspectiva e refutar a maneira tradicional de conceber LDs e gramáticas como depositários de um saber

inquestionável, representam, certamente, um desafio para todos nós, professores e aprendizes.

Todavia, o fato de se “descartar” o LD não significa que o tradicional também seja descartado, uma vez que nós, professores, ainda nos sentimos inseguros para abrimos mão do paradigma “transmissão de conhecimento via LD”. Além disso, a tentativa de ruptura com tais padrões esbarra na própria tradição e herança da história do ensino no Brasil, que desconhece outra forma de organização do conhecimento a ser transmitido em sala de aula que não seja por meio de obras didáticas.

De acordo com a proposta de Larsen-Freeman (2003) não se pode enxergar um item gramatical apenas como uma forma lingüística cujo aspecto semântico e cujo contexto em que ocorre não possui relevância alguma. Por outro lado, não se deve simplesmente ignorar a análise da estrutura da língua, uma vez que ela é relevante para o entendimento de certas peculiaridades em um determinado idioma.

O PP é uma EV não existente no sistema de verbos da língua portuguesa, mas que, em certos empregos, coincide com o pretérito perfeito composto, e isso deve ser compartilhado com o aprendiz. É preciso que as três dimensões (forma, significado e uso) sejam levadas em consideração para que o ensino de uma LE seja bem conduzido. Além disso, é extremamente necessário que o aprendiz “note” certos elementos da língua. Como já comprovado por Schmidt (1990)<sup>50</sup>, a aprendizagem significativa de um idioma requer não só a interação, mas também a percepção de estruturas lingüísticas.

Cabe ao idealizador de gramáticas, LDs e ao professor de línguas levar o aluno a uma reflexão sobre a ocorrência do PP em enunciados que dão sentido a realidades variadas. A tarefa do aprendiz é pensar a língua no funcionamento dos enunciados a partir de sua própria realidade, isto é, estudar a ocorrência de determinadas EVs a partir de uma observação de discursos próprios do dia-a-dia. Por isso, a noção de gramática apenas como descrição de formas lingüísticas não auxilia totalmente o aprendiz.

---

<sup>50</sup> SCHMIDT, R. Input, attention and awareness: The base for consciousness raising in second language teaching. X Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Inglesa (ENPULI), Rio de Janeiro, 30 de Julho a 03 de Agosto, 1990.

Assim, os LDs poderiam focar o porquê do aparecimento do PP em certos enunciados e não em outros, ou seja, qual a razão de um enunciado e não outro em seu lugar. Essa perspectiva contextual difere da sentencial, na medida em que não trabalha com a possibilidade de enunciados ideais.

Proponho que pesquisas futuras, envolvidas mais especificamente com o ensino do PP, levem em consideração algumas das discussões aqui realizadas. Considerando que os alunos participantes do estudo já tinham em suas ILs concepções do PP, seria interessante trabalhar com a abordagem contextual na introdução dessa EV, de forma a verificar a validade das conclusões apresentadas neste trabalho.

Retomando a epígrafe utilizada no início dessa dissertação, reconheço que, embora eu ainda não tenha encontrado tudo o que procuro, *I have tried*, ou seja, tentei e continuarei tentando. Tal desfecho torna-se oportuno para essa conclusão, uma vez que certamente não acharia meios para expressar em português exatamente o que sinto ao finalizar esse trabalho. Isso evidencia a complexidade do PP e aponta para a necessidade de investimento em seu ensino, mesmo que, para tanto, a quebra de paradigmas seja necessária. Espero ter acrescentado com os estudos da área e contribuído para preencher uma pequena lacuna em toda a produção de conhecimento no que diz respeito a essa intrigante EV, cuja equivalência perfeita em nossa LM dificilmente será encontrada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP: Pontes, 1993.

BATSTONE, R. **Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

BOND, K. **An investigation into the equivalents of the present perfect in Brazilian Portuguese and the challenges that students face**. Disponível em <http://www3.telus.net/linguisticsissues/presperfect.html>. Acesso em 10/07/2007.

CAMPS, J. Concurrent and retrospective verbal reports as tools to better understand the role of attention in second language tasks. **International Journal of Applied Linguistics**, 13, p. 201-221, 2003.

CAVALCANTI, M.C. **Interação leitor-texto: aspectos da interpretação pragmática**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1989.

CHAFE, W. L. **Significado e estrutura lingüística**. Tradução de Maria Helena de Moura Neves. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CINTRA, L., CUNHA, C. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

COHEN, A. **Metodologia de pesquisa em lingüística aplicada: mudanças e perspectivas**. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 13, p.1-13, 1989.

COMRIE, B. **Aspect**. London: Cambridge University Press, 1976.

CORDER, S. P. A role for the mother tongue. In GASS, S. & SELINKER, L. (eds). **Language transfer in language learning**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992.

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 2002.

CRANMER, D. Present perfect or past simple?. **The Appi Newsletter** 3(3), p.14-17, abril 1989.

DULAY, H.C., & BURT, M.K. Should we teach children syntax? **Language Learning**, 23/2, p. 245-258, 1973.

EL-DASH, L. G. O ensino do present perfect para brasileiros: A contribuição da semântica contrastiva para o desenvolvimento do conhecimento sistêmico. In: VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada. Belo Horizonte. **Anais do VI Congresso brasileiro de lingüística aplicada**. Belo Horizonte : UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_. A questão de aspecto nos tempos verbais em inglês. **Trabalhos em linguística aplicada**. Campinas / SP, v. 44, n. 2, p.201-214, 2005.

\_\_\_\_\_. State verbs in English: pragmatic and syntatic implications. **Revista Contexturas**, vol.8, 2005, p.41-54.

ELIZI, C.E.D. **Foco na forma e *present perfect*: o efeito da atenção e da conscientização**. Dissertação de mestrado em Lingüística Aplicada. Campinas, Unicamp, 2004.

ELLIS, R. **Second language acquisition**. Oxford University Press. OUP, 1997.

\_\_\_\_\_. Methodological Options in Grammar Teaching Materials. In Hinkel, E. e Fotos, S. (eds), **New Perspectives on Grammar Teaching in Second Language Classrooms**. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, p.155-179, 2001.

ELSNES, J. **The perfect and the preterite in contemporary and earlier English**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

ERICSSON, K. A & SIMON, H. A. **Protocol analysis: verbal reports as data**. MIT Press, Cambridge, MA, 1993.

FONSECA, M.C.M. **A semântica e a pragmática na compreensão das oposições present perfect X past simple do inglês e pretérito perfecto X pretérito indefinido do espanhol**. Tese de doutorado em Semiótica Lingüística Geral. USP, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Por quê é tão difícil ensinar o present perfect na escola?** Fátima Cabral Bruno. (Org.). Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras: Reflexão e Prática. 1 ed. São Carlos, 2005, v., p.103-114.

GASS, S. & SELINKER, L. **Second language acquisition: An introductory course**. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2001.

\_\_\_\_\_. Introduction. In **Language transfer in language learning**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Second edition. London: Edward Arnold, 1994.

HOPPER, P. Emergent Grammar. In M. Tomasello (ed.), **The new psychology of language**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, p.155-175, 1998.

HUGHES, R. & MCCARTHY, M. From sentence to discourse: discourse grammar and English language teaching. **TESOL Quarterly**, 32, p. 263-287, 1998.

ILARI, R. **Notas sobre o passado composto em português**. Disponível em <http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/viewFile/2822/2304>. Acesso em 10/07/2007.

KRASHEN, S. **Second language acquisition and second language learning**. Oxford: Pergamon Press, 1981.

LARSEN-FREEMAN, D., HACCIOUS, M. & KUEHN, T. Helping students make appropriate English verb tense-aspect choices. **TESOL Journal** 11 (4), 2002.

LARSEN-FREEMAN, D. **Teaching language: from grammar to grammaring**. Boston, MA: Heinle, 2003.

\_\_\_\_\_. Second language acquisition research: Staking out the territory. **TESOL Quarterly**, 25 (2), p. 315-350, 1991.

LI, C. N., THOMPSON, S. A. & THOMPSON, R. M. The discourse motivation for the perfect aspect: the Mandarin particle *le*. In Hopper (ed). **Tense-aspect: Between semantics and Pragmatics**: John Benjamins, 1982.

LIGHTBROWN, P.M. & SPADA, N. **How languages are learned**. NY: Oxford University Press, 1993.

LINDSTEDT, J. The perfect-aspectual, temporal and evidential. In Östen Dahl (ed.). **Tense and aspect in the languages of Europe**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000.

LONGO, B. N. O. et al. Uma abordagem contrastiva do tempo verbal. **Alfa**, São Paulo, v. 36, p.159-169, 1992.

MARCELLO, N. **Perfect Tenses: como entender e empregar**. São Paulo: Disal, 2006.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. **Princípios de Lingüística Geral**. 4a. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

MCLAUGHLIN, B. Restructuring. **Applied linguistics**, 11, p. 113-128, 1990.

MARX, F. **O uso do presente perfeito simples por aprendizes brasileiros de inglês como língua estrangeira**. Dissertação de mestrado em Letras. Porto Alegre, UFRGS, 2004.

MOLSING, K. V. **The present perfect at the semantics/pragmatics interface: American English and Brazilian Portuguese**. Disponível em [http://www.zas.gwz-berlin.de/index.html?publications\\_zaspil](http://www.zas.gwz-berlin.de/index.html?publications_zaspil). Acesso em 10/07/2007.

MONTEIRO, D. C., NEVES, M. H. M. & RODRIGUES, S. V. The perfective aspect in English and Portuguese: a contrastive study on semantic basis. **Alfa** 24, p.137-148, 1980.

MURPHY, R. **Essential grammar in use**. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NISHIYAMA, A., KOENIG, J. **What is a perfect state?** Disponível em: <http://wings.buffalo.edu/linguistics/people/faculty/koenig/papers/WCCFL23Proceedings.pdf>. Acesso em 15/12/2006.

POWELL, G. **What is the role of transfer in interlanguage?** Disponível em: [www.ling.lancs.ac.uk/groups/crile/docs/crile33powell.pdf](http://www.ling.lancs.ac.uk/groups/crile/docs/crile33powell.pdf). Acesso em 10/01/2007.

SANTOS, D. **Tense and aspect in English and Portuguese: a contrastive semantical study.** Disponível em <http://www.linguateca.pt/Diana/download/ResumoAlargadoTese.pdf>. Acesso em 10/07/2007.

SILVA, A. **A expressão da futuridade no português falado**. 1ª. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

SOUZA-PINHEIRO PASSOS, D. M. Do monumento ao documento. In: Maria José Rodrigues Faria Coracini. (Org.). **O jogo discursivo na aula de leitura - língua materna e língua estrangeira**. Campinas: Pontes, p. 119-122, 1995.

SCHMITT, C. Cross-linguistic variation and the present perfect: the case of Portuguese. **Natural Language & Linguistic Theory** 19, p. 403-453, 2001.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no Português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1981.

TREGIDGO, P.S. How far have we got with the present perfect? **ELT Journal** 38/4, p. 286-289, 1984.

THEWLIS, S. **Grammar dimensions: form, meaning and use**. Book 3. Platinum Edition. Boston, MA: Heinle & Heinle, 2000.

VANPATTEN, B. Cognitive Characteristics of Adult Second Language Learners. In: Heidi Byrnes, ed. **Learning Foreign and Second Languages: Perspectives in Research and Scholarship**. Teaching Languages, Literatures, and Cultures. Vol. I. New York: MLA, p. 105-127, 1998.

WEINRICH, H. **Estructura y function de los tiempos en el lenguaje**. Madrid: Gredos, 1974.

ZHANG, L. **Language differences and communication: Contrastive analysis revisited**. Disponible en: [http://www.uwo.ca/sogs/academic/WJGR/2005/WJGR2005\\_v12\\_p113\\_Zhang.htm](http://www.uwo.ca/sogs/academic/WJGR/2005/WJGR2005_v12_p113_Zhang.htm), 2005.

## ANEXOS

### ANEXO I

#### TERMO DE CONSENTIMENTO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa *Present Perfect: Uma Questão de Aspecto*.

O objetivo desta pesquisa é investigar o entendimento da questão aspectual no que diz respeito às combinações temporal-aspectuais na escolha de uma determinada estrutura verbal.

Afirmo que minha participação é voluntária e que nenhum tipo de coação foi usado para obter a minha participação.

Estou ciente de que fui informado (a) dos procedimentos que serão utilizados neste estudo e de que serei requisitado (a) como participante desta pesquisa.

Estou ciente de que todas as minhas respostas, escritas ou orais, serão divulgadas de forma anônima. Meu verdadeiro nome não será usado, a não ser que eu manifeste esta preferência. Também estou ciente de que trechos dos questionários, entrevistas, tarefas e verbalizações gravadas serão utilizados em relatórios, apresentações e artigos sobre a pesquisa.

Desejo dar minha contribuição voluntária como participante.

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_

Disponibilidade: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ /2006

## ANEXO II

### DADOS PESSOAIS

1. Nome: \_\_\_\_\_

2. Idade: \_\_\_\_\_

3. Você já possuía conhecimento de inglês antes da graduação? Onde você aprendeu o idioma?

escola regular                       curso no exterior. Por quanto tempo?

escola de idiomas                       vivência no exterior. Por quanto tempo?

autodidata                               não possuía conhecimento

4. Caso tenha feito algum curso de inglês, por quanto tempo estudou e há quanto tempo?

\_\_\_\_\_

5. Sua exposição ao inglês foi através de uma abordagem mais estruturalista ou comunicativa? Explique.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5. Você leciona inglês? Se sim, há quanto tempo? Se não, tem intenção de lecionar?

\_\_\_\_\_

6. Qual sua opinião em relação ao ensino de gramática na sala de aula de língua inglesa? Você considera importante haver, em alguns momentos, a instrução acerca de alguns elementos da língua? Explique.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## **ANEXO III**

### **INSTRUÇÕES**

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

### **EXPERIMENTO DE PESQUISA**

Nesse experimento, estamos interessados no que você pensa enquanto realiza duas tarefas acerca de estruturas verbais em inglês. Para tal, iremos pedir a você que **PENSE EM VOZ ALTA** enquanto as realiza, ou seja, gostaríamos que você falasse **TUDO** o que está pensando e que falasse **CONSTANTEMENTE**.

Não queremos que você planeje o que vai dizer ou tente explicar o que você está dizendo. Somente aja como se você estivesse sozinho(a) falando consigo mesmo(a). Sua voz será gravada durante a realização das atividades.

O mais importante é que você fale, e fale claramente e alto o suficiente no microfone. Não poderemos ajudá-lo(a) de forma alguma no esclarecimento de dúvidas acerca das tarefas. Você será instruído a falar caso permaneça em silêncio por muito tempo.

Exemplo:

Como você faz essa conta:  $24 \times 65$ ? Verbalize seus pensamentos enquanto você a realiza.

## Warm-up

Circule a estrutura verbal apropriada nas sentenças abaixo, verbalizando seus pensamentos enquanto escolhe a resposta adequada:

1. My father usually is going / goes to work by car.
2. Please, don't interrupt me. I try / am trying to concentrate on this task.
3. John has said / said goodbye to his classmates at school when he started packing for his trip.
4. We live / have lived in the same house since we moved here.

## ANEXO IV

### TAREFA I

Complete as frases abaixo como os verbos em parênteses utilizando a estrutura verbal adequada.

1. 'Where's Ken?' 'He \_\_\_\_\_ (1. go) out. He'll be back in about an hour.'
2. I did German at school but I \_\_\_\_\_ (2. forget) most of it.
3. I \_\_\_\_\_ (3. have) a headache earlier but I feel fine now.
4. Ann \_\_\_\_\_ (4. give) me her address but I'm afraid I \_\_\_\_\_ (5. lose) it.
5. Where's my bike? It \_\_\_\_\_ (6. be) outside the house. It \_\_\_\_\_ (7. disappear)
6. What do you think of my English? Do you think I \_\_\_\_\_ ? (8. improve)
7. Susan and her brother \_\_\_\_\_ (9. work) at the same company.
8. Mr. Clark \_\_\_\_\_ (10. work) in a bank for 15 years. Then he gave it up.
9. My grandfather \_\_\_\_\_ (11. die) 30 years ago. I \_\_\_\_\_ him. (12. never meet)

10. A: When exactly \_\_\_\_\_ (13. he/go) out? B: About 10 minutes ago.

11. A: Where \_\_\_\_\_? (14. you/live) B: In Boston.

A: How long \_\_\_\_\_ there? (15. you/live) B: Five years.

A: Where \_\_\_\_\_ before? (16. you/live) B: In Chicago.

A: And how long \_\_\_\_\_ (17. you/live) in Chicago? B: Two years.

12. A: Ben \_\_\_\_\_ (18. break) his leg.

B: Really? How \_\_\_\_\_ (19. that/happen)?

A: He \_\_\_\_\_ (20. fall) off a ladder.

13. Jude \_\_\_\_\_ (21. speak) German very well. She \_\_\_\_\_ (22. study) it since she was 9.

## ANEXO V

### TAREFA II

Leia o seguinte texto escrito por uma candidata pleiteando uma vaga no North American Institute of International Studies. Grife os verbos e identifique as estruturas verbais que são utilizadas (por exemplo, presente simples, passado simples, etc). Em seguida, reflita acerca dessas questões:

- 1) Que estruturas verbais a autora utilizou no primeiro parágrafo e por que?
- 2) Que estruturas verbais a autora utilizou no segundo parágrafo e por que?
- 3) Que estruturas verbais a autora utilizou no terceiro parágrafo e por que?

Personal Essay

By Aliona Fernandez

(1) One of the characteristics that makes me different from many people is my adaptability. I am flexible and comfortable in new or unusual situations. I think this is because I have had a lot of experience living in foreign countries. This has given me a lot of opportunities to face unfamiliar situations and to learn about unfamiliar customs and beliefs.

(2) My first experience in a foreign country was at Peace Corps volunteer. I taught English in a small town in a rural area. Life in my town was very simple. Because there was no electricity and rather little contact with the outside world, my life was a lot like living in an earlier century. I have been to other countries since that first experience, and everywhere that I have traveled has been interesting and educational.

(3) As a result of my experience in other countries, I speak other languages and understand other cultures. I have learned that relationships between people are very much the same, whether they have modern, busy lives, or old-fashioned, more peaceful lives. I have learned to understand different ways of doing things and different ways of looking at the world. Most of all, I have learned that “new” doesn’t necessarily mean “better”. My experiences have made me adaptable, and this adaptability has allowed me to understand other people and cultures.

## ANEXO VI

### QUESTIONÁRIO

1. Como você diferencia o **presente simples** e o **presente perfeito** em inglês?

---

---

---

---

2. Em se tratando de verbos, o que você entende por **Tempo** e **Aspecto**?

---

---

---

---

3. Há diferença aspectual entre as sentenças abaixo? Explique.

(1) *I live in Brazil.*

(2) *I have lived in Brazil for 10 years.*

---

---

---

---

4. Como você diz *I have gained 3 kilos* em português? É diferente de *I gained 3 kilos*?  
Porque pode ser utilizada uma estrutura verbal diferente em inglês?

---

---

---

---

## ANEXO VII

### TRANSCRIÇÕES

#### 1) Participante 1 – U1 / Tarefa I

1. Eu pus *went* porque dá idéia de alguma coisa que é passado, que ele foi embora e que vai voltar daqui um tempo.

2. *Forgot* – porque *I did German* é uma coisa do passado e tá falando que esqueceu tudo então *forgot* – do passado.

3. *I had*, passado, porque é uma coisa que aconteceu antes e agora eu me sinto bem, então agora (presente) eu me sinto bem – é o *had* no passado porque já aconteceu.

4. *Gave*, no passado, pensei isso porque “ela me deu o endereço dela e agora tô com medo que eu perdi, que eu não estou encontrando, então, *lost* no passado porque ela me deu e eu perdi.

5. *Was* porque ela estava fora da casa e depois ela desapareceu. *It disappeared, disappeared* no passado porque ela estava lá e ela não está mais.

6. *Improve* no presente porque já tem o auxiliar (o *do*) que informa que é uma coisa do presente, então o verbo não muda.

7. *Work* porque eles ainda continuam trabalhando na mesma companhia. Tem uma idéia que é uma coisa que é presente, que é verdade.

8. *Worked* no passado porque ele trabalhou no banco e depois ele desistiu, então já aconteceu e por isso que o verbo vem com o –ed no passado.

9. *Died* no passado porque *30 years ago* dá uma idéia de uma coisa que já aconteceu, que é passado, então *died* por causa disso. *I have never met him* porque eu nunca pude conhecer ele. Tá, por isso que eu não conheço ele, *present perfect*.

10. Então, ele saiu 10 minutos atrás, então é uma coisa do passado, então. É passado por causa do *ago*, dos *10 minutes ago*.

11. Aqui normal, presente, a idéia que eu tive é onde você mora, ah, em Boston e onde você morou, por isso...

Quantos anos que tem morado lá, então tem morado por *5 years*, então, como é uma coisa que ele mora ainda em Boston, então por isso que é o *present continuous*.

Passado, *did you live*, o *did* porque *before* é uma coisa antes, então aqui o contexto é que ele morou em Chicago antes de Boston, então é uma coisa passada que já acabou, que ele não mora mais.

Então, como na pergunta anterior era passado, quanto tempo ele morou antes, agora quanto tempo ele esteve morando lá, *did you live*, é passado porque conexão com a frase anterior e porque a gente já sabe que ele já morou lá e não mora mais.

12. *Broke* porque ele quebrou a perna dele porque se ele tivesse – não podia ser presente *break* porque se ele quebrasse a perna agora não teria como, eu não teria como saber que ele tinha quebrado a perna, porque isso é uma consequência de hospital, então eu sei que ele quebrou e não quebra – passado por causa disso.

Então, como dito anterior – *broke* – de passado, então eu pergunto: quando isso aconteceu? Por isso eu uso o *did*. Tá, então ele quebrou, quando ele quebrou?

E aí *fall*, o passado, só que eu não sei a forma do verbo no passado, mas essa forma vai ficar no passado porque ele caiu de algum lugar, desse modo que ele quebrou a perna, que isso aconteceu, então aqui o verbo vem no passado.

13. Então *speak* é no presente porque ela fala muito bem e que ela tem estudado isso desde os 9 anos. Então pra ela falar hoje perfeitamente, ela teve que estar estudando isso, então por isso que o *speak* é no presente, teve estudado no *present perfect* dá idéia de uma coisa que é um processo que vem acontecendo até agora.

## **Participante 1 – U1 / Tarefa II**

No primeiro parágrafo a pessoa que escreve usa o presente porque ela está escrevendo uma carta falando sobre ela hoje, então ela tá usando o presente, ela também usa o *present perfect* pra mostrar a experiência que ela tem tido de um certo tempo até agora.

No segundo parágrafo, ela usa o passado porque ela está contando sobre a experiência que ela teve de morar em outro país, com o que ela trabalhou, onde ela morou, como foi morar nesse lugar, como foi a vida dela nesse lugar e depois ela usa nas duas últimas frases ela usa o *present perfect* pra falar que ela viajou pra esse lugar, mas que ela teve estado antes em outros

e que ela tem estado viajando e que isso tem sido interessante pra ela, então não é uma coisa acabada, é uma coisa que aconteceu e que vem acontecendo até agora, por isso o uso do *present perfect* e do *present perfect continuous* porque isso continua sendo interessante, tem sido muito interessante pra ela.

No terceiro parágrafo, ela usa o presente de novo, porque ela volta a falar da vida dela, o resultado da experiência que ela teve, as conseqüências que isto trouxe para o presente, o que ela melhorou agora e aí ela usa de novo o *present perfect* pra mostrar o que ela tem aprendido, o que ela tem feito e o que isto tem permitido a ela aprender, o que ela tem aprendido até agora, por isso o uso do *present perfect*.

## 2) Participante 2 – U1 / Tarefa I

1. Eu colocaria *went*, passado simples, porque foi uma coisa que aconteceu, ele saiu outra pessoa chegou e não o encontrou e perguntou aonde ele foi.

2. Então, ele já começa com o *did* né, o *did*, auxiliar, então, ele fez alemão na escola. Hã, então colocaria *forgot* passado simples também porque como ele aprendeu ele já esqueceu a maior parte disso né, passado simples.

3. *I had*, no passado simples também, porque eu tenho o verbo, quer dizer, eu tenho o indicativo *earlier* né, que me diz que aconteceu de manhã, hã, então no passado simples porque agora ele já se sente melhor.

4. Também passado simples, então quer dizer, ela deu né, mas ele perdeu, mas ele está com medo de que ele tenha perdido o endereço dela.

5. Então, hã, passado simples de novo porque ele chegou e não encontrou a bicicleta né, então ele tá narrando o que aconteceu antes dele não encontrar a bicicleta, quer dizer, *it was, it disapperead*, então quer dizer, antes dele chegar lá a bicicleta estava fora da casa, mas agora desapareceu, então aconteceu antes de ele chegar lá e não encontrar a bicicleta.

6. Hã, aqui eu colocaria o *present perfect, I have improved*, porque ou o passado simples também, mas o presente perfeito encaixaria melhor aqui porque é como se fosse uma coisa que tivesse acontecendo desde que ele começou o inglês né, ele está perguntando se você acha que ele melhorou desde que ele começou a fazer inglês. *So, do you think I have improved?*

7. Então, aqui eu usaria o presente simples né, o *work*, porque aqui eu não tenho nenhum vestígio de passado simples, então eu usaria o *work*, quer dizer, eles trabalham ainda na mesma empresa né.

8. Aqui eu usaria o passado simples, Mr. Clark trabalhou no banco por 15 anos e após esse período ele desistiu né, então eu usaria o passado simples.

9. Então aqui eu usaria também o passado simples porque como eu tenho o indicativo de 30 anos atrás. *I never met him*, quer dizer eu nunca o conheci.

10. Então, hã, aqui foi uma coisa que aconteceu há 10 minutos atrás, ou seja, a pessoa saiu há 10 minutos atrás, então, a pergunta deve ser no passado simples né.

11. Bom, aqui há, colocaria no presente simples porque tá fazendo uma pergunta que está acontecendo agora, ou seja, onde a pessoa mora.

Na segunda, eu poderia usar tanto o *have been living there* ou *how long have you lived there*. Como eu não tenho um contexto geral da pergunta, tanto faz essas duas né. Vou colocar *how long have you been living there* considerando que ele ainda mora lá né.

Tá, então ele quer saber onde a pessoa morava antes de Boston, então tem que usar o passado simples né.

Bom, ele está remetendo ao passado, então antes de Boston ele morou em Chicago e ele quer saber quanto tempo ele morou em Chicago, então aqui tem que tá no passado simples também.

12. Aqui a gente tem outro contexto aqui. Então ele começa narrando o que aconteceu no passado. Então, *broke*. Aí o outro pergunta *really*, então ele quer saber como aconteceu né, no passado. Aqui no passado também, ele tá narrando como aconteceu.

13. Então aqui é uma coisa que ainda acontece, ele ainda fala muito bem, então vou usar o presente simples. Então aqui pelo *since* eu posso perceber que ele tá querendo dar uma idéia de continuidade né, então eu vou usar o *she has been studying*, então quer dizer ela tem estudado alemão desde que ela tinha 9 anos.

## **Participante 2 – U1 / Tarefa II**

Bom, no primeiro parágrafo, ela usou presente simples, presente perfeito. Então tá, ela tá narrando uma coisa que ainda... que é uma verdade sobre ela, ela se tornou uma pessoa,

então ela é flexível e fica confortável em diferentes situações né, é em inusitadas situações. Aí ela vai explicar o porque disso né, então ela usa o *present perfect* como uma maneira de expressar um passado que acabou, mas ainda deixou alguns resquícios então, é como se o passado dela ainda tivesse, há, como se tivesse alguma consequência nela ainda porque ela ainda, é..., entra em contato com essas diferentes situações e ela utiliza do aprendizado que ela teve do passado pra lidar com elas né.

No segundo parágrafo ela utilizou bastante passado simples, *was*, *taught*, e no final ela usou o *present perfect* também né. Bom, o passado simples porque ela começou a narrar quais foram as experiências dela né, então quer dizer aí foi um passado que aconteceu, que já acabou e que não tem como ela voltar atrás né.

Aí quando ela utiliza o *present perfect* ela vai mostrar que ela, depois dessa experiência que ela teve no *Peace Corps*, ela esteve em outros países, então quer dizer, não é uma coisa que tá acabada ainda, ela ainda pode visitar outros países né. Então quer dizer, as chances para ela ir a outros países ainda ocorrem. Então ela usa aí o *present perfect*.

No terceiro parágrafo ela usou no começo bastante presente simples. A primeira *I speak*, é uma coisa que ainda acontece, ou seja, ela ainda fala outras línguas né, e depois pra falar das pessoas né, ela tá falando de uma característica ainda corrente das pessoas né, então ela usa o presente simples. Mas antes disso, ela tem um *I have learned*, então quer dizer, foi uma experiência que começou no passado né, quando ela foi voluntária e que ainda acontece esse aprendizado dela né, que ela aprende que essas relações das pessoas são as mesmas né, variando só as experiências de vida que cada uma tem né, as diferenças de vivências né, mas as relações entre elas são as mesmas. Aí ela usa novamente o *have learned* né, dando essa característica de que ela ainda aprende né, não é uma coisa inacabada, que ela começou essa ação no passado desde que ela foi voluntária e que ainda não acabou. Novamente com *have made me* e *has allowed me*, então quer dizer, ela fecha o texto também com o *present perfect*, ainda é deixando aberto essas experiências e essas situações que ela vai encarar né, hã, novamente porque ela começou isso no passado, mas continua carregando essa experiência agora no presente.

### 3) Participante 3 – U1 / Tarefa I

1. Aqui eu acho que é *went out*, porque é uma pessoa perguntando onde está o outro e a resposta é que vai voltar em uma hora, se ele vai voltar em uma hora então ele saiu. Então, he *went out*.

2. Então aqui se a pessoa fez no passado, mas esqueceu então é *I forgot*.

3. Então se a pessoa tá bem agora e não tava antes, então *I had*.

4. Então, Ann deu, então *gave* no passado, mas eu tenho medo de perder isso então *I'm afraid of losing it*.

5. Aqui se ela fica, então, *it is, it disappeared*. É a pessoa que deve ter pensado que a bicicleta não tava e *disappeared*.

6. *Improved*. Porque o que você acha do meu inglês, você acha que eu melhorei, então se está no passado, *improved*.

7. Como é uma rotina, uma verdade, então *they work*. Porque se fosse no passado alguma coisa ia estar indicando que era *worked*.

8. Então como é um período trabalhou por 15 anos então *has been worked* porque *present perfect* indica período de tempo.

9. *Died* porque morreu, então já morreu - *died*. *I never metted him* porque eu nunca conheci então *I never met*, oh meu Deus – *met him*.

10. *When exactly he went out*, porque aqui na frente tá a resposta é *about 10 minutes ago*. Se ele saiu há 10 minutos atrás, então, ele *went out*.

11. *Do*, então provavelmente perguntou para a pessoa. Tá se dirigindo a uma outra pessoa e não tá se referindo a quem aqui. Então, se é *how long* viveu por lá e a resposta é *five years*, isso poderia ser *I have lived there for five years* porque é período também. *How long have you lived there?*

A outra... *where you live before* então...

*And how long... In Chicago... two years*. Então, se é uma outra pergunta e tá falando do período que a pessoa ficou em Chicago, então, é *how long have you lived in Chicago? I have been living in Chicago for 2 years*, porque é também um período.

12. *Ben break...* se a perna tá quebrada é porque ele quebrou então tá no passado, então *Ben broke his leg*. Como aqui não tem nenhum contexto então é *has broken*. Se tivesse um contexto, se tivesse *yesterday*, eu colocaria o *simple past*.

*Really?* Então, como isso aconteceu? Não posso por no infinitivo, então *how that happened*, a resposta é *he fall off a ladder*, então se ele caiu é *fell*, então, *he fell of a ladder*.

13. Se é a terceira pessoa do singular então é *speaks* porque é uma afirmação, *speaks*. Então, se ela estudou durante isso desde que ela tinha 9 anos, então, *she has studied*, não, *she has been studying* porque ela tem estudado desde aquela época.

### Participante 3 – U1 / Tarefa II

No primeiro parágrafo do texto, ela faz várias afirmações então tem uma preponderância aqui do *simple present*, porque ela tá afirmando características dela, então isso são verdades sobre ela. *Simple present* com esse intuito aí de afirmar uma verdade.

*I think this is* porque ela continua afirmando que isso aconteceu porque *she has had*, então ela teve um monte de experiências, por viver em países. *She has had* porque esta estrutura de *present perfect*, ela também tem intenção de falar do passado que ela não lembra exatamente quando. Então, quando não pode precisar um período ela usa esse.

*This has given me...* então, isso, esse fato de viver em outros países, deu, então, *has given me*, porque aqui ela usa também isso tem dado a ela muitas oportunidades, ainda, é um *present perfect* porque começou num passado, ela não precisou um período, mas que ainda tem conseqüências presentes porque como conseqüência disso ela consegue to face *unfamiliar situations and learn about customs and beliefs*.

Então, isso é o primeiro parágrafo, ela utilizou a maior parte de *simple present* e dois *present perfect* porque são passados que não são determinados e que tem influências presentes ainda.

Segundo parágrafo, então, como ela já precisou que foi nesse passado, ela já começa usar aqui um *simple past*, que já tá determinado esse passado. Então, isso já aconteceu no passado e não acontece mais.

*I taught*, então ela ensinou, então também *simple past*, porque é algo que já aconteceu no passado, ela já tinha determinado antes e passado que acabou.

Life was very simple, mesmo caso, *simple past*. Ela viveu lá e acabou. *There was* também, então, tudo *simple past* isso aqui. Até aqui *my life was a lot like living...* é tudo *simple*

*past* pra falar que tudo isso aconteceu e acabou no passado e não tem mais influência, não se estende até o presente dela.

*I have been...* então ela, esse *I have been since...* então ela tem um *since* aqui então ela tem vivido em outros países, então *I have been, present perfect* porque algo que aconteceu no passado e se estende até o presente.

Então pra todo lugar que ela viajou, essa estrutura aqui *I have traveled, present perfect*, é porque ela não precisou o período pra onde ela viajou, mas esse fato tem sido até o presente também, *present perfect*, mas está tendo conseqüências até o presente dela.

No terceiro parágrafo, *I speak* e *I understand*, tudo *simple present* então isso significa que é uma afirmação, uma verdade sobre ela.

*I have learned...* então ela aprendeu também é *present perfect*, ela aprendeu e não tá determinando quando, isso aqui é pra fazer a ênfase de que ela aprendeu, quando na verdade, não importa, porque ela fez referência anterior.

Então, se os relacionamentos entre as pessoas são exatamente os mesmos, então, é porque é uma verdade, um fato inquestionável que ela viu.

*I have learned...* ela tem aprendido a entender, então aí já é *present perfect* de novo porque é algo que aconteceu no passado e tem conseqüência, influência no presente, então ela tem aprendido a entender diferentes modos de fazer as coisas...

Então, *I have learned...* mais do que qualquer coisa ela aprendeu também, *present perfect*, que o novo não é necessariamente o melhor - *doesn't mean* - esse *doesn't* porque também é uma afirmação como se fosse uma verdade, a verdade dela, que ela aprendeu, que é uma verdade por isso está no *simple present*.

*My experiences have made me adaptable*, então as experiências tornaram essa moça aqui adaptável porque também foi algo no passado, no caso é *present perfect*, ela tá enfatizando o fato de que tudo isso tornou ela uma pessoa adaptável, então começou no passado e tem conseqüência presente. *And this adaptability...* então, essa adaptabilidade é que permitiu com que ela entendesse pessoas e culturas, então o *present perfect* também é pra enfatizar o fato de que ela aprendeu, e também não importa quando, é uma questão de ênfase só.

#### 4) Participante 4 – U1 / Tarefa I

1. *Went* porque é passado, saiu... bom, saiu então eu vou usar o passado.
2. Ele esqueceu *most of it... but I... forgot*, passado.
3. *I had*, então ele teve, mas agora ele tá bem.
4. *Ann gave me*, ela me deu, mas *I'm afraid I lost*, mas... ela deu e tem medo que ela tenha perdido.
5. *It was*, estava lá fora,... ela desapareceu, *it disappeared*. Ela estava né, e ela desapareceu.
6. Você acha... *do you think I improve... improved...* você acha que eu melhorei?.
7. *Works*, eles trabalham... presente. *Works*, é.
8. Trabalhou né, por tantos anos...
9. *Died... I... I never...* morreu 30 anos atrás... ela nunca o encontrou né... *I never met him*, passado de *meet* tem um “e” só.
10. *When exactly he...* essa daqui é passado... *when exactly... went*, verbo irregular.
11. *Where do live... where...* tem que ter pessoa... *in Boston...How long you live... how long do you live there...* ai... *do you...* não pode ter *do...How long you live... Where before...* bom, se é *live... where they live...Where you lived...* é, porque aqui já é antes, ele morou antes em Chicago então é diferente das outras. *How long you lived..* é também, porque, quanto tempo a pessoa morou em Chicago... é no passado... ai ai...
12. *Ben broke...* bom, ele quebrou né, não tá quebrando agora... *broke...* então, no passado... *Really... how...* como aconteceu... *how that happened...* é... como isso aconteceu né... *He... falled... he fall...* vixe, como é o passado disso aqui? Passado... bom, é o passado... hum... eu não lembro como é o passado... *falled...* deve ser isso... é porque é uma coisa que aconteceu no passado...
13. *Jude speaks...* é uma coisa que ele faz... *she... she studies...* mas é aí... não aí é presente perfeito, ele tem estudado, então é *she has study...* vixe... como é que é mesmo?... acho que é *she has studied...*

## Participante 4 – U1 / Tarefa II

No primeiro parágrafo, ela utilizou o presente né e o presente perfeito. Dessa maneira, eu acho que ela utilizou o presente principalmente pra mostrar como ela é hoje, ela diz as características que ela tem, no caso o segundo parágrafo vai suportar isso, porque ela vai falar que tudo que ela aprendeu, por isso ela é desse jeito hoje, que é no primeiro parágrafo. Então ela utiliza o presente pra afirmar o que ela é, nela o que ela hoje é.

O passado ela vai utilizar no segundo parágrafo pra mostrar o que aconteceu né, as experiências que ela teve, as coisas que aconteceram pra que ela se tornasse hoje o que ela é e mostrar o que ela aprendeu pelo que ela passou e porque que ela faz diferença por isso.

No terceiro, então ela vai confirmar né, que em conseqüência de tudo que ela passou né, ela hoje tem grande experiência, então ela utiliza o presente né, e o que ela tem feito, então, no caso o presente perfeito, ela fala outras linguagens, ela tem aprendido a se relacionar com as outras pessoas muito melhor, ela consegue entender as necessidades dos outros, as diferenças, então, as coisas que ela tem aprendido em conseqüência das experiências que ela teve e ela demonstra isso pelo presente perfeito. Ela demonstra que ela tem capacidade de ser flexível, de se adaptar, então acho que é por isso que ela utiliza esse *present perfect*.

## 5) Participante 5 – U1 / Tarefa I

1. *He went out... he went out...* porque ele foi, ele saiu né, porque é passado, e ele vai voltar em uma hora.

2. Eu aprendi... *but I forgot*, mas eu esqueci *most of it...*

3. *I had...* eu tive uma dor de cabeça, mas eu me sinto bem agora.

4. *Ann gave me... I lost it...* ela me deu o endereço dela, mas eu estou preocupado porque eu perdi o endereço, os dois no passado porque é passado.

5. *It were outside... it were...* ela estava fora da casa... *it disappeared...* ela estava fora da casa e ela desapareceu.

6. *I improved...* o que você achou do meu inglês? Você achou que ele melhorou? Sim... porque a pessoa já falou né.. a pessoa já tinha falado inglês aí a pessoa perguntou pra ela: o que você achou do meu inglês, você achou que ele melhorou? É uma ação que aconteceu no passado e a pessoa está perguntando sobre ela.

7. *Work...* trabalham *at the same company...* trabalham, então tempo presente mesmo porque não tem nenhuma evidência de passado. Né, uma coisa no presente.

8. *Mr. Clark worked...* porque foi há 15 anos atrás... ou por 15 anos, durante 15 anos, então... passado.

9. *My grandftaher died...* hã, *30 years ago*, porque foi há 30 anos atrás, *ago*, evidência de passado... *I never met him* porque também é passado, uma coisa que aconteceu num tempo passado, você não encontrou ele.

10. *When exactly he went out...* não, espera aí... *when exactly he go out...* é presente, aí a pessoa responde... pergunta no presente... não... *when exactly he went out...* quanto tempo exatamente ele saiu... saiu... pergunta no passado. É, acho que é isso...

11. *Where... live... where you lived?... where you lived?.... where you live?* Onde você mora?... *How long you live there...* quanto tempo você mora lá? *Where you lived.... where you live before...* tudo presente... se eu mostrar *lived* já mostra que é passado, então fica redundante... *And how long you live...* quanto tempo você vive em Chicago? É isso...

12. Ben quebrou né, não sei explicar porque... *breaked his leg...* porque não existe Ben quebra sua perna... ou quebrará... mas aí ela tem que ser cartomante né... *Really... how that happened?* O que aconteceu? *He fallen off a ladder...* ele caiu... não sei onde... *he fallen... fall... fallen....* Não, *fell...* tem que ser a segunda fileirinha lá dos verbos... *he fell off a ladder.*

13. *Jude speak...* fala alemão, *very well.* *She have studed... she have studed...* ela tem estudado desde os 9 anos... então aqui é uma coisa que já vem acontecendo a um tempo – *since* - eu uso o *present perfect*. Né, uma coisa que vem acontecendo.

## Participante 5 – U1 / Tarefa II

No primeiro parágrafo a autora usou o *present* e o *present continuous* porque ela está contando da experiência, contando não, ela está relatando o que se passa agora né, o seu

comportamento, o que ela pensa, é... experiência de morar em um outro país... uma coisa que está passando na cabeça dela neste exato momento... e suas sensações a respeito do assunto.

Já no segundo parágrafo, ela usa a estrutura verbal de passado porque ela tá relatando a primeira experiência dela num outro país né, então isso tudo é como se fosse uma narração do que aconteceu né... tudo isso tem que ser relatado com tempos verbais no passado né... e também ela usa *I have been*... tipo... ter ido pra outros países desde a primeira experiência... tipo... ter viajado... ela usa o passado e também uma coisa assim que já tá acontecendo no passado e que vem acontecendo agora.

E ela dá continuidade nisso no terceiro parágrafo... ela também continua usando o *present perfect* pra mostrar uma coisa que vem acontecendo.. que já aconteceu né desde a primeira experiência dela e que está se prolongando até o período atual ou pelo menos durou um certo período de tempo toda essa experiência do que ela aprendeu é... como ela diz *I have learned*... tipo ela diz já tem aprendido muito... é... com essas experiências que ela tá tendo de conhecer o mundo tal...

## 6) Participante 6 – U1 / Tarefa I

1. *He... went*... porque ele foi embora, no passado...
2. *But I forgot*... passado também...
3. *I had*... passado... porque eu tive...
4. Ann... me deu seu endereço?... *gave me... her address*... no passado, me deu... *but I'm afraid... I... lost*... eu esqueci...
5. *It is*.... presente... *outside the house... it*... ah, não.... Ela estava...porque ela depois desapareceu... então is não... *it was... it disappeared*... ela desapareceu...
6. *Do you think I improved?*... *improved*... com "ed"...
7. *Work*... eles trabalham...presente...
8. Ele... trabalhou no banco... trabalhou... *worked*... ok... *then he gave it up*.
9. *My grandfather... died*... morreu... porque usa *ago*... passado... *I never meet him*... fato...
10. *When exactly he go... when exactly... about 10 minutes ago?*... hum... *he go out*... é... *about 10 minutes ago... he go out*...

11. *Where...live...* que é que eu ponho aqui?... onde vive? onde viveu?... *How long you live there.... where you lived?... where...* acho que é *you lived* né... *How long you live...* onde você vive... em Boston... *how long you live...* quanto tempo você vive lá?... há 5 anos... quanto tempo você viveu lá... 5 anos... *you lived...* *Where you lived before?...* onde você morou antes... *in Chicago... And how long you lived...* você viveu em Chicago...

12. Ben... *broke his leg...* quebrou... no passado... *Really?... how... that happen... how...* como isso aconteceu?... *happened...* com “ed” no final, passado?... *He... fall off a ladder... fall off...* no presente eu acho... continua....

13. Jude... ela fala... no presente... há... *she study since she was 9...* ela estuda ainda... *she study...* ela ainda estuda...

### **Participante 6 – U1 / Tarefa II**

Hum... no primeiro parágrafo ela utilizou presente, presente... presente simples... presente simples... presente... porque ela tá falando... *one of the characteristics...* ela tá falando de um fato, de uma coisa... que... das características dela... que ela tem no momento... *I think...* eu penso... *I am...* eu sou... ela usa o *living...* usa o *living...* no *continuous...* com o *present perfect...* *I have had a lot of...* porque ela tem vivido... ela tem tido muitas experiências vivendo em países estrangeiros...

No segundo parágrafo ela usa o *was...* passado... *thought...* passado... passado... passado... porque ela tá falando de uma experiência anterior...da primeira experiência que ela teve... num país estrangeiro... aí também ela usa... *I have been to other countries...* aqui ela usa o presente perfeito porque é até hoje... até hoje ela tá fazendo isso... até este momento...

No terceiro passado usa *I speak...* presente porque ela fala... e *understand...* ela entende... é um fato... ela usa o *present perfect*, não... o *past perfect...* *I have learned... I have learned...* de novo... *I have learned to understand different ways...* de novo o *perfect* porque ela tá fazendo isso até este momento, ela fez e ainda tá fazendo, isso foi o que ela fez até agora... *I have learned* de novo... *that new... my experiences have made me... have made...* passado... porque as experiências passadas fizeram ela se adaptar... foi... *allowed... to understand other people... to understand* porque ela entende e se ela entende ela entende alguma coisa... só presente.... *finished.*

## 7) Participante 7 – U1 / Tarefa I

1. *He's gone out*. Não tem indicação de tempo.
2. Não comentou nada.
3. Não comentou nada.
4. Bom, aqui não tem indicação, então é *have lost*.
5. Não comentou nada.
6. Também não tem indicação nenhuma de tempo, então é presente perfeito.
7. *Work*. Rotina né?
8. Aqui tem passado já... *gave... Had worked...* mas aqui no caso... passado perfeito? Já está acabado... não... mas aqui tem o *for...* não pode ser *has worked* porque já acabou. Já está acabado então tem que ser passado e não presente perfeito.
9. *Died*. Tá terminado... *ago. I've never met him* – eu nunca o conheci, em nenhum período. Eu nunca o conheci, não é eu nunca o tinha conhecido.
10. Aqui não tem referência, mas também eu não posso falar... eu já sei que ele já saiu, ele já saiu então... *when exactly did he go out?*
11. *Do you live?* – aqui não tem erro, se mora em algum lugar... *Have you lived?* – por quanto tempo... então é presente perfeito mesmo. Também não tem indicação - *did you live before* - mas aí é ação acabada né, então eu sei que é passado. É passado, já acabou, tá acabado. Então não tem que passar no *present perfect...* é só *past* mesmo, o *simple*.
12. Não tem indicação também, mas se tudo que não tiver indicação tem que usar o *perfect...* *Did that happen* – passado, normal. Passado simples porque eu já sei que é ação que aconteceu, então foi antes... não... espera aí... será que é *perfect?* Quando aconteceu? Também não tem indicação né?
13. *Since...* tá, indica que ela não parou ainda né...

## **Participante 7 – U1 / Tarefa II**

No primeiro parágrafo, ela usou o presente simples, presente perfeito e infinitivo, mas a questão aqui é mais presente simples e presente perfeito.

Bom, presente simples porque ela fala de características dela, então são coisas que ela é né, por exemplo, o verbo to be... então não teria como ela usar o presente perfeito então é o presente simples o verbo adequado para usar...

E agora o presente perfeito ela diz de situações que ela já vivenciou né e que fizeram com que ela adquirisse essas características que ela fala... então esse presente perfeito é pra relatar coisas que ela vivenciou mesmo.

E ela não usa nem um tempo marcado... então não dá pra ser passado simples. Ela não tem determinação de tempo.

No segundo parágrafo, ela usa predominantemente o passado simples porque ela está relatando uma experiência, ela não passa a data exatamente, mas a gente sabe que é uma experiência que já se concretizou então ela usa o passado simples.

Daí também ela fala de... ali é, depois que ela teve essa experiência, então que ela usou o passado simples, ela retrata, ela fala também que ela já teve outras que além dessa experiência no Peace Corps ela foi para outros países. Então como ela também não determina, não é importante saber “quando”, ela acaba usando o presente perfeito de novo.

Já no terceiro ela usa presente simples, presente perfeito... ela tá falando de características dela novamente então ela fala várias línguas e entende... então é são noções do tempo, o passado, então são coisas de rotina né... falar e entender outras culturas... então ela relata que o fato dela entender...

## **8) Participante 8 – U1 / Tarefa I**

1. Aqui tá perguntando onde ele está... eu vou usar aqui o... *he has gone out...* porque aqui é uma ação, quer dizer, ele já saiu, passada, mas não determinada, então eu vou usar o presente perfeito. Porque é ação passada, não determinada e vou usar gone porque é o verbo que está entre parênteses. Então esse contexto aqui *he'll be back in about an hour* também é

importante para identificar que ele saiu e vai voltar em uma hora, ainda não voltou. Então inclusive eu usei *gone* aqui em vez do verbo *been* por causa disso que ele foi e ainda não voltou, mas não é determinado o tempo. Então o tempo verbal aqui mais apropriado é o presente perfeito.

2. Também eu usaria aqui o presente perfeito *I've forgotten* porque também aqui não está determinando o tempo, mas é uma ação passada... porque comecei a esquecer no passado e continuo até agora. Então usa-se o presente perfeito pra isso, pra uma ação indeterminada... é... uma ação indeterminada no passado.

3. Então como agora *but I feel fine now* é uma ação que está dizendo que terminou, tá definindo aqui, eu usaria *I had*, o passado simples seria melhor pra usar aqui porque a ação está realmente findada, então como agora eu não tenho... então esse *earlier* aqui... pra mim seria passado simples, porque está definindo o tempo – *earlier*.

4. Eu usaria aqui nos dois... eu usaria aqui o presente perfeito porque é uma ação passada, não definida... então eu usaria nas duas aqui... ela me deu quando? Não sei... né, quer dizer... eu perdi e também não sei quando... então, quando eu não sei quando eu uso o presente perfeito, no sentido de passado.

5. Então aqui... eu usaria o *to be* no presente simples “*is*” porque é uma situação... é um estado que estou definindo no presente e... o segundo... aqui eu poria “*it has disappeared*” porque aqui também é uma ação passada, mas como não é definido o tempo passado aqui – quando - eu uso o presente perfeito.

6. Também usaria o presente perfeito porque também é uma ação que começou no passado e até agora está acontecendo, então o melhor tempo verbal aqui seria o presente perfeito *I have improved*.

7. Aqui tá descrevendo um estado, uma situação que não muda... então eu usaria o presente simples. Tá descrevendo uma situação real, verdadeira... *work* né... porque é plural.

8. Aqui o contexto *then he gave up* está no passado simples, então eu usaria aqui o passado perfeito *had worked* porque é uma ação... primeiro ele trabalhou por 15 anos, depois ele desistiu. Então quando eu tenho uma situação em que temos uma situação passada, mas uma anterior no passado, eu uso o passado perfeito. É aqui eu posso usar o passado perfeito simples... é melhor aqui... embora também eu possa usar o contínuo *had been working*... aqui seria até mais apropriado aqui porque você está definindo um período. Quando você define um período, é melhor colocar no “*ing*” *form* né.

9. Ah tá... quando você tem a palavra *ago*... *ago* é passado simples... *died*... e como eu tenho *I* e depois *never meet*... quer dizer eu nunca o encontrei e também não está definindo

quando e quando eu tenho esse never aqui eu uso o presente perfeito *I have never met him* porque eu não o encontrei no passado e até agora eu não o encontrei né. Continua sendo verdade até esse momento, então o melhor tempo pra mim aqui é o presente perfeito.

10. Como a resposta tem *ago*, define o tempo aqui também, então eu uso aqui o passado simples porque esse *ago* dá resposta define o tempo verbal aqui.

11. *Where do you live?* O presente simples porque está perguntando uma situação que é verdade no momento, uma situação verdadeira, que não muda. *How long... there?* Aqui tá perguntando por quanto tempo tem vivido lá, quer dizer, a resposta define aqui pra mim a estrutura porque *5 years* está dizendo o seguinte, eu comecei 5 anos atrás e continuo até agora... quando é uma ação que começa no passado e continua até agora eu posso usar o presente perfeito simples ou contínuo. Aqui seria até ideal mais o contínuo porque tá se referindo a um período de tempo - 5 anos. Então seria *how long have you been living there?* Essa palavra *before* aqui tá definindo que foi antes, passado... mas, é passado... aqui seria melhor... não sei se seria o passado simples ou o past perfect. Aqui seria talvez por causa de *before* que tá definindo o tempo, eu poderia usar, como eu sei que é passado, porque agora ele não vive mais e por causa do contexto anterior, eu posso usar aqui o passado perfeito - *where had you lived before?* *And how long...* hum... então tá falando também de uma situação passada porque agora ele vive em Boston. Então como agora é uma situação passada, bem definida, eu poderia colocar passado simples. Eu acho que também na anterior seria melhor colocar passado simples - *where did you live before?* - porque também está falando sobre um tempo passado, que não tem nada a ver com o presente. Hum... pode ser os dois aqui. Tanto o passado simples, talvez como o passado perfeito.

12. Então aqui está falando de uma ação que aconteceu no passado, mas não definido, então como é uma situação indefinida no passado eu uso o presente perfect. Então seria *Ben has broken*. Então aqui poderia usar o presente perfeito porque também não está dizendo quando, mas sim como né. Como isso aconteceu? Então seria melhor presente perfeito também porque é uma ação passada, mas não definida. *How has that happened?* Então seria ideal aqui porque não está definindo o passado. Agora *he...* ele caiu da escada... mas como é uma situação naquele momento que ele quebrou a perna, aqui está definindo... uma ação bem passado, eu usaria aqui o passado simples... acho que *fell* é melhor, porque naquele momento que ele quebrou a perna, está definindo aquele momento... então eu uso o passado simples.

13. Aqui seria presente simples porque é uma coisa que é verdadeira, uma ação que é verdadeira no momento da fala... está descrevendo um estado também... então quando se fala de um estado, de uma coisa que é verdadeira, usa-se o presente simples.

E como aqui tá falando que ela começou quando ela tinha 9 anos até hoje... então eu usaria o presente perfeito simples ou o contínuo, porque tem um período de tempo. Então eu usaria o presente perfeito contínuo porque é uma situação que começou no passado e vai até hoje. Então *she has studied* ou *she has been studying* - aqui pode ser os dois.

### Participante 8 – U1 / Tarefa II

No primeiro parágrafo ela usou presente simples e também o presente perfeito simples. Então, ela usa o presente simples aqui para falar sobre aquilo que é verdadeiro, ela está falando sobre experiências que é verdadeira, alguma coisa que nunca muda, por exemplo, *I am flexible*, quer dizer, ela tá definindo um estado imutável da personalidade dela e depois ela passa para o uso do presente perfeito porque ela está falando sobre a experiência que ela teve quando ela morou em países estrangeiros. Quer dizer, essa experiência... ela teve no passado e continua até agora, então é uma ação que tem uma influência no presente então por isso ela usou o presente perfeito. E não tá dizendo quando também que ela viveu nesses países estrangeiros e também *this has given me* quer dizer ela continua usando aqui o presente perfeito simples pra dizer o seguinte: essas experiências que aconteceram que ela viveu num país estrangeiro, que ela não identifica quando, é que tem dado a ela muitas experiências. Quer dizer, deu no passado e continua dando até agora. Então usa-se o presente perfeito por causa disso, é uma situação que aconteceu no passado mas que tem um reflexo no presente, continua no presente. Então por isso que ela usou o presente perfeito e o presente simples pra identificar situações “agora” que não mudam né e que são verdadeiras no momento presente.

No segundo parágrafo, ela usa principalmente o passado simples e também o presente perfeito simples. Primeiro ela usa o passado simples porque ela, ela está agora descrevendo uma situação passada e ela define o passado aqui, como voluntária do Corpo de Paz, então ela fala “minha primeira experiência foi lá”. Ela tá falando sobre uma situação que já passou num tempo que não tem influência nenhuma agora no presente. E ela quando esteve naquele lugar no passado, que ela define aqui, ela usa *I taught English*, então ela não está agora ensinando inglês, ela ensinou lá naquele país estrangeiro. Então também identifica o passado, então é uma situação passada e acabada então ela usa o passado simples. E continua assim né, então ela conta a experiência quando ela viveu ali na cidade, então ela tá contando de uma situação

passada, terminada e que não tem nada a ver com o presente agora. Então aí... a segunda parte do parágrafo *I have been to other countries* aí ela retoma o seguinte, eu estive em outros países, quer dizer, uma experiência que aconteceu, mas ela não identifica quando, então, quer dizer, ela foi e essa palavra *since* define, quer dizer, naquele momento ela esteve em outros países e vai ainda continuar indo, quer dizer, não terminou ainda. Então por causa disso usa-se o presente perfeito simples é... também ela usa *and everywhere that I have traveled* quer dizer, os lugares que ela tem viajado, que ela viajou, também, ela não define aqui o tempo né, então é uma experiência que ainda influencia a vida dela né, então ela vai continuar viajando, quer dizer, a porta está aberta, então é uma situação que tem uma interferência no presente... que aconteceu também, ela fez antes e vai continuar fazendo e ela define aqui *has been interesting* quer dizer, ela tá descrevendo uma experiência no passado, mas que foi relevante no passado educativo e continua sendo até hoje então por isso ela usou o presente perfeito.

O terceiro parágrafo tem principalmente o presente simples e tem também o presente perfeito. Então ela vai contar sobre a experiência, aquela experiência que ela teve em outros países influencia agora nessa situação, quer dizer, *as a result* tá falando de um resultado de uma experiência que nesse momento da vida dela é verdade. Então se é verdade, se ela tá falando sobre uma realidade presente, verdadeira, uma verdade nesse momento presente da vida dela, então ela usa o presente simples né, ela tá descrevendo um estado presente - *speak* e *undersand*. E aí ela diz *I have learned*, ela tá dizendo o seguinte, então, aquela experiência que eu tive tem me ensinado... então, ela tá usando o presente perfeito aqui porque ensinou, continua ensinando né, quer dizer, uma ação que começou no passado, uma coisa que era pertinente, e continua sendo pertinente nesse momento né, então tem uma continuidade, tem uma influência no presente, então ela usa o presente perfeito.

As pessoas são as mesmas, então, aqui o *are* - presente - é uma situação imutável, então usa-se o presente pra definir isso né. Então, o uso de presente perfeito nesse parágrafo aqui tem mais a ver com isso, quer dizer, alguma coisa que fala sobre experiência do passado, mas que reflete no presente, quer dizer, aquela experiência dela em outros países tem refletido ainda... então, ela aprendeu, ela se tornou uma pessoa adaptável e essa adaptabilidade tem permitido a ela entender as pessoas. Então, eu retomo aquela experiência no passado, mas continua influenciando até o presente momento. Então, toda vez que tem essa situação em que fala-se de um passado não determinado, mas cuja influência atua no presente, a gente usa presente perfeito.

## 9) Participante 9 – U1 / Tarefa I

1. Aí eu vejo que tem o futuro aqui, então se eu usei o futuro depois eu deduzo que aqui é o passado – ele saiu e voltará.

2. Bom, ele usou o passado, então aqui é passado também.

3. Aqui também é passado porque ele tá falando de um fato anterior e agora ele está bem.

4. Então, de novo está falando de fatos que aconteceram – *gave* – e eu, e aqui fala de presente – eu estou com medo de perder – *lose*.

5. Ela está fora da casa... não... se ela desapareceu, não podem acontecer duas ações ao mesmo tempo então ela estava porque agora ela desapareceu. *It was... it disappeared*.

6. Ele tá fazendo uma pergunta, mas de um fato passado porque se ele usou *do* eu só tenho que ter acompanhador do tempo né... tenho o *do* aqui... às vezes não adianta só pensar no contexto porque por mais que você usa esse verbo em certas situações porque existem marcas na estrutura da língua que te dão um caminho mais fácil do que ficar pensando no sentido... infelizmente.

7 *Work*. É um fato.

8. Eu acho que é *present perfect*.

9. Morreu – *died*, ação acabada, terminada. Eu nunca o encontrarei – *I'll never meet him*.

10. Ele saiu... mais ou menos há 10 minutos atrás... *did he go out?* Pergunta *did... ago...* acabou.

11. Onde você vive... *where do you live?* How long... pode ser *present perfect... have you lived?* *Where...* é que essas frases têm pouco contexto então, são *short answers* né... então eu posso escolher então eu posso escolher como se ele já tivesse vivido lá, mas eu também posso escolher um *present perfect* pra mostrar que ele viveu e ainda vive... como não tem contexto acho que dá pra escolher um dos dois. Onde você viveu antes... *where did you live?...* agora não porque tá falando de um fato acabado no passado... *And how long time... 5 years...* parece que agora ele tá vivendo em Chicago então eu usaria o *present perfect* aqui... mas eu não considero que as frases têm uma seqüência então eu vou usar de novo o *present perfect*.

12. Quebrou né... porque não dá pra quebrar a perna todo dia.... *broke...* Como isso aconteceu né? *How did that happen?* Ele caiu de uma ladeira.... *fall... fell... fallen – fell*, acho que é isso...

13. *Speaks... She has studied since...*

### **Participante 9 – U1 / Tarefa II**

Bom, a autora utilizou o presente simples porque tá falando das características, das verdades da pessoa... tá falando como ele é, então tá usando o presente simples. Usou o *present perfect* porque tá falando das experiências que ele já teve e pode vir a ter, então não tem um tempo determinado. Ele ainda pode ter experiências deste tipo, não é um passado acabado, está continuando né, começou no passado e continua ainda no presente. E de novo ela usa o *present perfect* pra dar a mesma idéia.

No segundo parágrafo, ela usa o passado simples porque tá contando de uma experiência que ela teve num determinado lugar, numa determinada data, então, que acabou porque naquele lugar ela ficou uma vez e teve uma experiência única. Aí ela usa de novo o passado simples e fala que lá não tinha eletricidade... nada... contando...

E depois ela usa o *present perfect* de novo porque a partir desta experiência... ela fala que com essa experiência que aconteceu esse fato acabado no passado ela foi juntando às outras experiências né... que ela vem tendo e adquirindo com esses fatos do passado... e a experiência não é uma coisa... o fato é um só, mas a experiência é a união desses fatos, dessas ações marcadas, pontuais no passado... por isso que não usa-se passado simples pra falar que ela acontece ao longo da vida.

No terceiro parágrafo de novo, a autora volta e fala presente simples porque devido a isto o que ela é hoje... é fala isto, fala aquilo, ela pode entender certas coisas né... então é uma coisa que ela pode, uma ação habitual dela... uma característica dela... ela faz isso todo dia, ela pode fazer.

Aí depois ela volta de novo a falar que ela tem aprendido muito e tal... então, de novo, *present perfect*... e ela termina com *present perfect* porque ela fecha isso como tudo aquilo que ela vem aprendendo e que ela ainda vai aprender muito mais né... se ela continuar assim... e é isso.

## 10) Participante 10 – U1 / Tarefa I

1. Então, se ele vai voltar é porque ele saiu... *he went out*.
2. *I forgot...* porque eu estudei alemão na escola e esqueci, então é uma coisa do passado.
3. Se ele está se sentindo bem agora é porque teve a dor de cabeça mais cedo – *I had a headache*.
4. São duas ações no passado porque a Ann entregou o endereço, mas tem medo que tenha perdido. Então, *Ann gave me... I lost it...* mas pode ser o *present perfect* também... como foi uma ação no passado... *Ann gave me... but I'm afraid I have loosened it...* porque ela deu o endereço no passado e ele perdeu e continua perdido, tem uma ligação com o presente.
5. Estava fora de casa e desapareceu... *It was...* e desapareceu. Então, como não tem mais contexto dá a impressão de que está desaparecido ainda, então, *it has disappeared*.
6. Aqui também tem uma ligação com o presente... *I have improved*. Que dá a entender de um processo de melhorar o inglês.
7. Então eles trabalham, pode ser um presente. *Work*.
8. Bom, ele trabalhou e já saiu de lá. Então, *he worked*. Não, fiquei com uma dúvida... é, eu acho que é *had worked* porque ele está falando de duas ações no passado, então... ele tinha trabalhado por 15 anos e aí desistiu...
9. *My grandfather...* então, se o pai morreu há 30 anos atrás – *died* - e se a pessoa nunca o conheceu... *I have never met him...* ou *I haven't met him...* nunca o conheceu.
10. Então, quer saber o tempo exato quando ele saiu... então, *when exactly did he go out?*
11. Então, tá perguntando onde ele morou.... *where did you live?* Foi no passado... em Boston. Então, *how long have you lived there? Have you* porque é espaço de tempo no passado... *five years... Where did you live before? É, onde você morou antes?... And how long have you lived in Chicago?* Porque se refere a um tempo no passado, um espaço de tempo.
12. Ok... tá falando de uma situação no passado, então Ben... ah tá, pode ser ainda que ele esteja com a perna quebrada, então *Ben has broken his leg. Really? How did that happen?* Como aconteceu? *He felt* porque ele caiu, pronto. Caiu, acabou. Como aconteceu, é um fato no passado.

13. *Jude speaks...* porque ele fala e ela fala porque ela tem estudado desde que ela tinha nove. Então, *she has been studying* porque é uma ação que começou no passado e continua até o presente.

### **Participante 10 – U1 / Tarefa II**

No primeiro parágrafo, ela começa a dizer coisas da vida dela hoje em dia. Então, o que a faz diferente das outras pessoas, as características dela aqui... então ela usa presente simples. Depois pra explicar essas qualidades atuais, ela remete a fatos do passado, então ela usa o *present perfect*, que serve exatamente pra falar do passado quando não há ênfase no tempo, mas ênfase no acontecimento que foi realizado. Então ela fala da experiência, mas como ela não pontua uma data no passado, ela usa o *present perfect*.

No segundo parágrafo, ela começa com passado simples porque ela tá contando de como era a vida dela e da experiência que ela teve ensinando inglês numa cidade, então já aconteceu, é um fato terminado no passado, então ela usa o presente simples. Inclusive ela cita que foi a outros países e também viajou a outros lugares e aí ela volta exatamente no *present perfect* porque ela diz uma ação no passado que não tem um tempo delimitado. Então ela usa o *present perfect* dando ênfase na experiência dela e não no tempo, ou quando ela foi pra lá... por isso ela usou o *present perfect*.

No terceiro parágrafo, ela volta a usar presente simples porque ela vai falar do resultado da experiência que ela teve hoje em dia, então ela diz hoje como ela é devido a experiência que ela teve, então ela usa presente simples.

Depois ela vai dizer, ela também vai descrever outras pessoas hoje em dia, então ela continua usando o presente simples. E ela volta a usar o presente perfeito porque ela vai falar dessas coisas que aconteceram no passado que têm feito ela refletir sobre coisas o presente, então é algo que aconteceu no passado e tem uma reflexão no presente. Então ela usa o *present perfect*, coisas que aconteceram no passado, mas que têm um reflexo no presente. Bom, acho que é isso... quando ela fala do presente ela usa presente simples, quando ela fala de fatos que aconteceram na vida dela, que são importantes no passado, dando ênfase aos fatos e não ao tempo que aconteceu, ela usa o *present perfect* e quando ela fala da experiência em outro lugar ela usa o presente simples que foi algo que aconteceu, está

marcado lá no passado e aí quando ela volta a falar o que isso remeteu na vida dela, ela usa o presente simples e o *present perfect* porque são fatos do passado refletidos no presente.

### 11) Participante 11 – U1 / Tarefa I

1. *He went out* porque aqui ele saiu.
2. Eu esqueci a maioria do que aprendi - *I have forgotten*, coloquei porque não tinha tempo determinado.
3. *I had* - eu tive uma dor de cabeça, mas agora me sinto bem. Como dá a idéia de que aconteceu há pouco tempo e tal então coloquei o passado simples.
4. Aqui não fala nada de data, em nenhuma das duas e não tem contexto também, então... *has given*... tem me dado... mas eu acho que eu perdi... *present perfect*.
5. *It was... it has disappeared*...
6. *I have improved*? Aqui caiu bem... não tem tempo determinado.
7. *Have worked*... também *present perfect*... não tinha o tempo também, mas na maioria dos contextos também dá pra usar o verbo no passado simples. Aqui você bota o *present perfect*, mas se você tiver numa conversação dá pra você variar, mas aqui não dá pra saber direito, a frase é solta... então não sei...
8. Na 8 então tem o *for*... então completo com o *present perfect*, é indicativo de *present perfect*.
9. Tem *ago*, indicativo de *simple past*, então a gente já mata a charada... *died*... e na sequencia é *present perfect* - *have never met*...
10. A resposta aqui é há 10 minutos atrás então dá pra colocar o *did he go out*...
11. *Where did you live*? Uma pergunta direta... sabe-se que ele viveu em algum lugar e por algum período. *How long have you lived there? 5 years*... quando você quiser saber o tempo e está indeterminado você usa o *present perfect*. Ele vai perguntar onde você viveu antes... *where did you live before*? E *how long have you lived*... é, talvez...
12. Não fala o tempo, *has broken*... *Really? How did that happen? He fell*... *How has that happened*?... *he has fallen of a ladder*... eu não teho o tempo, então a gente jogou tudo no *present perfect*.

13. *She has been studying...* aqui no caso primeiro a gente põe no presente porque fala alemão muito bem e depois ela tem estudado desde os 9. Presume-se que quem fala uma língua não para de estudar ela, então o *present perfect continuous*.

### **Participante 11 – U1 / Tarefa II**

No primeiro parágrafo aqui ela utiliza na maioria das estruturas *simple present* e algumas vezes o *present perfect*. Ela faz isso porque ela está primeiro se apresentando, falando das próprias características, ela está narrando alguma coisa que ela faz, o que torna ela flexível, como ela é mais ou menos... e pra se descrever, para falar como se é, ela vai usar o presente. Algumas vezes que ela fala que ela ganhou experiência, que ela fez algumas coisas no passado ela vai usar esse *present perfect*, mas bem pouco porque ela vai principalmente falar dela no primeiro parágrafo, falar como ela é, características dela e tal.

No segundo, ela vai usar na maioria aqui o *simple past* porque ela vai narrar as experiências dela em outros países e como ela tá fazendo isso e elas aconteceram num determinado tempo e num determinado lugar ela vai narrar no passado. Então, tem uma abundância grande de expressões no passado aqui. Bom, uma ou outra vez aqui também o *present perfect*... aliás aparece aqui duas vezes.

Já no terceiro aparece muitas vezes o *present perfect*, às vezes alternado com o presente... aí no terceiro parágrafo vai falar dos resultados das experiências dela, o que ela aprendeu com tudo... e aí o *present perfect* vai assumir um outro sentido que não é só de expressar uma ação no passado, mas também de falar de uma coisa que tá perdurando no presente... eu tenho aprendido, por exemplo... de uma ação que se fez e que ainda se perdura... vai assumir esse outro sentido também aqui... vai ter sentido de passado indefinido, mas também vai ter esse sentido de permanência, de coisa que se faz e que permanece, isso porque ela vai falar dos resultados das experiências dela, o que ela aprendeu e o que se fez.

## 12) Participante 12 – U1 / Tarefa I

1. *Went out*. Passado... porque a pessoa perguntou onde está o Ken agora e o interlocutor responde que ele já saiu e ainda não tá presente.

2. *I forgot*... de novo o passado, por causa do contexto... *I did*... e é por isso que a pessoa esqueceu.

3. A marca *earlier* indica que a situação já aconteceu, então é *had*.

4. De novo pelo contexto, as duas opções no passado, *gave* e *lost*.

5. A pessoa pergunta sobre uma coisa no momento, no presente, mas de novo pelo contexto sabemos que é passado... *it was*... *it disappeared*.

6. *am improving*... *improved*... *Do you think I improved?* Bom, aqui tá subentendido que a pessoa começou a fazer o curso e quer saber sobre o desempenho dela no momento e pra tal ela faz uma pergunta usando o passado, quer dizer, se ela melhorou, se o que ela começou no passado tem resultados agora... então, *improved*.

7. Aqui não tem nenhuma marca de tempo... tá com cara de fato, então é presente simples... *work*.

8. Tem uma marca de tempo, *for 50 years*, então... *then he gave it up*... então é passado perfeito, *had worked*.

9. Tem a marca de tempo *ago*, então é o passado simples... *died*... eu nunca o conheci... eu nunca o tinha conhecido... duas ações no passado, então passado perfeito - *I had never met him*.

10. *Did he go out*... situação com dois interlocutores. Por causa da marca de tempo *ago* sabemos que tá no passado simples.

11. Situação com dois interlocutores... por conta da resposta do interlocutor B... sabemos que é presente simples... *where does he live?* Por ser uma pergunta, usamos o auxiliar... não... parece que é um diálogo entre A e B... então é do... *where do you live? How long*... por causa da resposta do interlocutor B sabemos que é presente perfeito... *how long have you lived*... *5 years*... significa que a pessoa ainda mora lá... *Where... before*... passado simples por causa da marca *before*... *where did you live before?* Tá implícito aqui *this moment*... E por causa da resposta de novo aqui... é uma ação que começou no passado e tem uma influência no presente... então *How long have you lived in Chicago?*... não... por causa do contexto não é presente perfeito é passado perfeito... *and how long had you lived in Chicago?*

12. Não tem nenhuma marca de tempo, mas por causa do contexto é o verbo no passado simples... *Ben broke his leg... Really? How did that happen?* Mais uma vez por causa do contexto, como se trata de um diálogo... é passado simples... *he fell off a ladder...* aqui a mesma coisa, por causa do contexto... passado simples.

13. *Jude speaks...* presente simples... *she...* é um fato presente, portanto, presente simples. Por causa da marca *since*, temos um exemplo de presente perfeito... *she has studied...*

### **Participante 12 – U1 / Tarefa II**

No primeiro parágrafo, a maior parte dele é composta por verbos no presente simples porque a pessoa está definindo as suas características no momento presente, no momento da fala. Tem dois exemplos de presente perfeito porque ela tá falando de experiências que ela teve no passado, mas que continuam tendo influência no presente dela.

No segundo parágrafo, a maior parte dos verbos está no passado simples porque ela vai contar de uma experiência que ela teve num país estrangeiro. Então como foram coisas que aconteceram num tempo específico do passado o uso dos verbos no passado simples. De novo ela faz uso de três estruturas de presente perfeito por conta da influência que estas ações, que começaram no passado, têm no presente dela.

No terceiro parágrafo é misturado. Tem tanto presente simples quanto presente perfeito, o uso do presente simples acontece toda vez que ela fala de condições que ela tem nesse momento e o uso do presente perfeito vai tratar de fatos que aconteceram no passado, mas que continuam acontecendo e que influenciam o presente dela.

### **13) Participante 13 – U1 / Tarefa I**

1. *He went out...* *went* por ser passado simples, uma ação que ocorreu, ele ter ido embora e pelo fato da próxima estrutura que ele vai voltar ainda, então a ação anterior seria no passado.

2. *Forgot*. Assim como na primeira questão, passado simples... uma ação que aconteceu de eu ter estudado a língua alemã na escola e eu já ter esquecido... remete no presente que eu já esqueci tudo o que eu já aprendi.

3. *I had*. Também no passado simples, por ser uma ação num passado que terminou, eu tive uma dor de cabeça e hoje neste momento eu não tenho mais... eu me sinto bem agora.

4. É uma ação que aconteceu no passado – *gave* ... de ela ter me dado o endereço dela e *have lost*, no presente perfeito, por eu ter perdido o endereço dela e ainda não ter encontrado, então é uma ação que aconteceu no passado e tem uma continuidade até hoje porque eu ainda não achei o endereço dela, ainda estou procurando.

5. É a mesma estrutura da questão 4. Primeiro é *lost* porque é uma ação que aconteceu no passado, a bicicleta estava atrás da casa e *has disappeared* porque ela desapareceu e ainda não foi encontrada. Então é uma ação que aconteceu no passado e ainda tem uma continuidade até no presente, eu ainda estou procurando a bicicleta.

6. Presente perfeito por eu estou aprendendo inglês, então eu comecei de um certo nível e eu ainda estou avançando... num passado e até hoje eu tenho desenvolvido essa língua.

7. Presente simples por ser uma ação cotidiana, no dia-a-dia dos irmãos trabalharem numa mesma empresa, uma ação pontual.

8. *Have worked*, presente perfeito, porque é uma ação que aconteceu por 15 anos, então teve uma continuidade do primeiro ano até o 15º, do passado até esse presente de 15 anos, então *have worked*, até pela estrutura *for 15 years* e que hoje então ele desistiu muito tempo depois né.

9. Na primeira estrutura é passado simples, por ele morreu já um fato acabado, não tem mais volta né e a segunda estrutura é *I have never met*, presente perfeito, porque é eu nunca o conheci, então desde o momento que eu tenha nascido até hoje... é... uma progressão que eu nunca conheci e nunca vou conhecê-lo.

10. *When exactly did he go out?* Estrutura de passado simples por ser uma ação que a pessoa foi embora, então já tá acabada, minha pergunta de quando ela foi, então quer dizer que realmente essa ação não perdura mais e pela resposta também que já tem 10 minutos que a pessoa se foi.

11. *Where do you live?* A primeira é uma ação pontual, de onde eu moro, e pela resposta in Boston, ainda moro em lá, tenho uma residência fixa. Depois é *how long have you been living there?* Então seria o presente perfeito contínuo, é uma ação de desde quando eu estaria em Boston, então... do momento que eu mudei lá até hoje, então quanto tempo faz que eu estou lá né. *Where did you live before?* Então né, antes de morar em Boston eu morei em

Chicago, então passado simples que é uma ação também pontual, mas acabada. E *How long have you been in Chicago?* É quanto tempo eu estive em Chicago né, até antes de eu morar em Boston. Então existiu uma ação de eu morar em Chicago num certo presente até Boston... então tem uma certa continuidade até eu morar em Boston por dois anos. Então, *have you been*.

12. *Ben broke his leg*, passado simples, uma ação pontual, acabada, ele quebrou, não vai continuar quebrando. *Really? How did that happen?* É... também é continuação da conversa né, então a pessoa tá querendo saber como isso aconteceu, uma ação acabada mesmo. *He fell...* a explicação de como o Ben quebrou a perna, passado simples também.

13. Primeira estrutura *Jude speaks...* presente simples, porque é uma ação pontual... ela fala alemão muito bem... e *she has been studying*, presente perfeito contínuo porque é uma ação que ela vem produzindo, de fala alemão, desde os nove anos, é uma ação progressiva.

### **Participante 13 – U1 / Tarefa II**

No primeiro parágrafo, a autora usou presente simples, incluindo o verbo *to be* e presente perfeito. Acredito que ela utiliza desses tempos verbais porque ela está contando a história de como ela passou por diversos países e de como ela é, ela se sente adaptável às mudanças, então ela se baseia num presente, hoje, que ela conta porque ela se sente diferente de muitas pessoas por causa dessa adaptabilidade de como ela é flexível e ela remete a essa explicação, ela pensa dessa maneira né, no presente hoje, porque ela teve muitas experiências de ter passado por diferentes países né, por ter tido muitas oportunidades, então seriam fatos, essas passagens por outros países, essas oportunidades, situações, e ter conhecido costumes e crenças de outras culturas... um passado que aconteceu, todas essas ações, mas ela não pontua de quando aconteceu esse passado né, então ela não disse se foi ontem ou ano passado, mas num passado qualquer... o que importa no caso não é o passado, mas a ação em si, o que aconteceu com ela.

No segundo parágrafo, ela se utiliza das estruturas de passado simples, incluindo o verbo *to be*, e de presente perfeito, então ela vai contar de como foi a primeira experiência dela, num país estrangeiro, e esse contar então remete a um passado pronto, acabado, que não tem mais volta... de como ela ensinou inglês numa pequena cidade, de como era essa pequena

cidade, de como as pessoas viviam... e ela usa a estrutura do presente perfeito é... cortando um pouco a estrutura do passado simples quando ela remete à mesma idéia do parágrafo anterior, de ter passado pelos países, o fato de ela ter passado por esses países né... ela ter viajado e ela ter achado tudo interessante e educacional... é um passado também que não é pontual, aconteceu... e ela não quer pontuar exatamente quando foi.

No terceiro parágrafo, ela volta então à fala dela... num momento circular do primeiro parágrafo que ela tá contando a história, então ela remete pro presente de novo, ela se utiliza de presente simples... eu falo outras línguas... ela se justifica então para o resultado de falar outras línguas e de entender outras culturas... então ela tá no presente, na explicação de hoje e porque ela é entendida no assunto e novamente ela constrói essa explicação, essa justificativa, através da estrutura de presente perfeito... que ela aprendeu... então, as relações, as pessoas, elas são mais ou menos semelhantes, não importando o tipo social que elas estão inseridas e que ela entendeu esses modos diferentes de fazer as coisas, o que ela aprendeu, o que permitiu a ela chegar onde ela está, a entender a língua. Então, novamente o presente perfeito com a estrutura de um passado que aconteceu, não volta mais, mas que não é pontual, o que importa mesmo é a ação em si e não de quando aconteceu.

#### **14) Participante 14 – U2 / Tarefa I**

1. Bom, na primeira questão é utilizado o presente simples... *he is out...* porque tá perguntando onde está a pessoa, então tem que ser usado o presente.

2. Na segunda questão, tá dizendo que eu fiz alemão na escola, mas eu esqueci muitas coisas... então, passado simples.

3. Na terceira questão... é, tem um pronome, não... um advérbio, ultimamente... *earlier...* então, uma atividade no passado... então... *I've gotta...* ou *I had*.

4. Na quarta questão... *Ann gave me her address...* no passado e depois na continuação tem que ser no presente porque diz *I'm afraid...* estou com medo de ter perdido... *I'm afraid I have lost...* *I've lost...* então seria no presente perfeito.

5. *Where is my bike? It was...* a bicicleta estava fora da casa e ela desapareceu... *disappeared*.

6. *What do you think of my English? Do you think I have improved?* Tem que ser presente perfeito porque é uma atividade que começou no passado e continua no presente... *have improved*.

7. *Susan and her brother works...* um hábito né... uma atividade no presente.

8. *Mr. Clark has been working...* não, *worked...* tem que ser *worked* porque *then he gave it up...* trabalhou né... no passado então, trabalhou no banco por tanto tempo.... *worked*.

9. *My grandfather* morreu há 30 anos... eu nunca o conheci... então *my grandfather died 30 years ago and I've never met him*.

10. *When exactly he...he went out?*

11. *Where do you live? How long have you living... how long are you living there? Where did you live before...* porque já tem as respostas né, então tem que concordar diretamente com a resposta... *and how long... did you live there...*

12. Na 12ª é uma questão também como a 11ª que é um diálogo, então... *Ben broke his leg... really?... how... how has that happened?* Como aquilo aconteceu... ele caiu... *fell off a ladder*.

13. *Jude speaks...* ela fala... aqui é uma qualidade dela... *and she has been studying...*

## **Participante 14 – U2 / Tarefa II**

Bom, na tarefa 2, no primeiro parágrafo, a maioria das estruturas verbais são presente simples porque ela tá falando de uma característica dela em primeira pessoa... é... como ela está falando dela mesma, ela utiliza principalmente presente simples e algumas coisas ela utiliza... é... em dois tempos verbais ela utiliza o passado perfeito e o presente perfeito pra uma coisa que ela fez no passado mas que ela está falando agora no presente.

No segundo parágrafo, ela utiliza é... principalmente verbos no passado, no passado simples e no passado perfeito, por ela estar justificando a experiência dela, está explicando, ela está desenvolvendo a experiência dela, por todos os lugares por onde ela passou, como foi a experiência... por isso ela utiliza verbos no passado.

Já no terceiro parágrafo, ela utiliza é... presente simples e passado perfeito para justificar o resultado da experiência dela em outros países e como ela está vivendo agora, e o

que modificou na vida dela depois disso. O que tem possibilitado ela de melhora, como adaptação e permissão para entender outros povos e outras culturas.

### 15) Participante 15 – U2 / Tarefa I

1. *He went out...* ele saiu... porque na próxima frase eu tenho uma estrutura de futuro.
2. *I've forgotten...* *present perfect* porque é uma ação que não tem tempo específico.
3. *I had a headache earlier...* eu estava com dor de cabeça antes, mas agora estou me sentindo bem.
4. Na primeira tempo específico, na segunda eu perdi mas eu não sei em que instante da linha do tempo... então, *present perfect*.
5. *It was...* it disappearead... passado simples.
6. *I have improved...* ação continua... começou no passado e desenvolveu até agora.
7. Tem várias opções aqui porque eu não tenho advérbios de tempo então eu vou optar por presente simples... *Susan and her brother work at the same company*.
8. *Mr. Clark worked in a bank...* ação começou e acabou.
9. Tempo estável... 30 anos atrás. *I have never... I never met him*, eu nunca o conheci, passado simples.
10. *When exactly did he go out?* Ação com tempo específico.
11. *Where do you live?* Rotina, presente simples. *How long... have you been living there?...* *Where... have you lived before... did you live before... did...* ação já aconteceu. *How long... have you been in Chicago?...* está em Chicago há 2 anos... ação de passado com consequência presente.
12. *Ben broke his leg...* ação específica... *how... did it happen?* Como isso aconteceu... *he fell off a ladder...* ação passada e estável.
13. *Jude speaks... she has studied...* primeira é ação de presente, a segunda é ação de passado com consequência agora, já que ela ainda fala alemão.

## Participante 15 – U2 / Tarefa II

Bom, no primeiro parágrafo, ela começou com uma estrutura de presente pra mostrar as características da vida dela agora né, faz parte da rotina, das ações de presente. Depois ela usou uma estrutura de *present perfect* pra falar primeiro de experiências que aconteceram sem tempo específico e de ações que começaram no passado, mas que têm uma influencia ainda hoje, resultados no presente.

No segundo parágrafo ela usou *simple past*, *present perfect*. Primeiro ela usou *simple past* porque ela estava determinando as ações, quando elas aconteceram, então as ações começaram e terminaram no passado, num tempo bem específico... é... e depois ela voltou a falar de experiências a partir deste fato passado que também influenciaram no presente e por isso que influenciam até hoje, por isso que ela usou o *present perfect*.

No terceiro parágrafo, ela também mesclou as estruturas do *simple present* com *present perfect* como se ela retomasse o primeiro parágrafo, no *simple past* para mostrar como os fatos do passado acabaram se incorporando ao fato de presente, hoje faz parte da rotina dela e o *present perfect* pra também mostrar ações que começaram e que vem se desenvolvendo e que ainda podem mudar.

## 16) Participante 16 – U2 / Tarefa I

1. *He went* porque tá pedindo pra colocar no passado... e o passado de *go* é *went*.
2. Pasado... por causa do *did*... não sei explicar muito bem o motivo, mas acho que é passado e eu vou colocar no passado.
3. *I had have*... porque é o passado do passado... eu tive antes e agora já estou bem, então eu escolhi esta estrutura.
4. Aqui eu coloquei no passado porque ela me deu o endereço e estou com medo que eu perdi... então, *I lost*.
5. Ela estava fora da casa então eu escolhi a estrutura no passado também, *was*, *it disappeared*... ela desapareceu... também escolho o passado.
6. Aqui eu tô em dúvida, mas eu vou colocar no presente mesmo.

7. Trabalham na mesma companhia, é *work* mesmo, são duas pessoas.
8. *Worked*... vou colocar no passado porque eu tenho um tempo aqui já fixo... ele não está trabalhando mais então... passado simples.
9. *Died*... passado... *I never met him*... passado também.
10. Esta eu estou em dúvida... mas eu vou usar o passado... *did he go out*.
11. *Where do you live? How long... are you living?* Porque está perguntando já quanto tempo eu estou morando... *where*... não sei se está certo, mas eu vou no *did*... *how long*... também vou continuar na mesma... eu acho que estas duas estão incorretas, mas minha mente não está funcionando...
12. *Ben broken*... ele quebrou sua perna... eu já vou pular pra outra *he fallen... really... how*... to com dificuldade pra saber como colocar isso no passado...
13. Tá no presente, então é mais fácil pra colocar... eu vou escolher o *she has been studying* porque ela está estudando isso desde os 9 anos... eu utilizei uma estrutura um pouco mais complexa do que as outras que eu usei... que eu também gostaria de ter usado antes, mas eu acho que eu não usei em nenhuma...

## Participante 16 – U2 / Tarefa II

Bom, em relação ao texto, no primeiro parágrafo dá pra perceber que ela usa um pouco mais de verbos no presente porque ela tá falando sobre ela né, ela está contando um pouco das experiências dela. Ela também usa o present perfect, pra falar sobre as experiências dela. Na verdade, todo o texto fala sobre a vida dela, sobre este tipo de coisa.

No segundo parágrafo, ela já usa o passado simples, também a gente encontra o *present perfect*, porque ela tá falando de coisas que aconteceram no passado dela, e explicando também as experiências dela com a língua, em outras culturas, a vida dela, então ela tá contando algumas coisas que ocorreram no passado. É diferente do primeiro que ela tá falando dela no hoje, tá se colocando no texto né.

No terceiro ela volta novamente ao presente, ela volta a falar... né, que ela fala outras línguas, entende outras culturas, ela tá falando dela novamente, se colocando no texto. Também usa o present perfect. Em nenhum momento ela usa o *past perfect*... então ela tá sempre falando de um passado que se coloca presente na vida dela... como no segundo

parágrafo usando o *simple past*... esse passado que já ocorreu né... quando ela fala que a vida dela era como... *a lot like living in an earlier century*... nossa... que é isso?

Mas ela usa essas 3 estruturas, pra falar sobre ela, pra falar sobre as experiências... pra contar um pouco da vida dela. Em alguns momentos ela se coloca mais presente no texto com o uso do presente.

### 17) Participante 17 – U2 / Tarefa I

1. *He has gone out*. Uma coisa que aconteceu e ainda tá acontecendo.
2. *Forgot*. Passado.
3. *I had*. Porque *I feel fine now*.
4. *Ann gave*... porque é um passado que já acabou, *but I'm afraid I have lost it* porque... é algo que aconteceu e um fato que ainda está acontecendo, perdi e não achei.
5. *It isn't*... não tá lá... *it has disappeared*... desapareceu e ainda não encontrei.
6. *Have improved?* Porque é uma coisa que é contínua, não acabada.
7. *They work*.
8. *Worked* porque já acabou... *he gave it up*.
9. *Died*... *I've never met him*... porque tem o *never*... já indica *present continuous* e eu nunca o conheci, não acabou.
10. Questão, tem que usar o *did*... ele já foi.
11. *Where do you live?* É uma rotina. *Do* porque *you*. *How long have you been living there?* Ele ainda mora? É a mesma conversação... *Where do you live? In Boston*... tá acontecendo agora... *how long have you been there? Five years*... *Where did you live before? Did you live ou have you lived? Did you live before*... *And how long had you lived in Chicago*... passado anterior.
12. *Ben has broken*... ainda tá quebrada. *How did that happen?* É um ato, um acontecimento, acabou. *He fell*...
13. *Jude speaks*, porque ela ainda fala... *she has studied*... porque ela ainda não terminou de estudar.

## Participante 17 – U2 / Tarefa II

No primeiro parágrafo, é usado o tempo presente, a gente tem *simple present* e *present perfect*, mas mais *simple present* porque ela fala de uma rotina, de como ela é, de suas próprias características.

No segundo parágrafo, já predomina o passado, principalmente o *simple past*, porque ela fala de todas as experiências que ela já teve, de trabalho ou em outros países...

No terceiro é presente novamente, mas a gente percebe que nesse é mais o *present perfect* porque ela vai falar de coisas do passado que influenciaram o presente agora... *I have learned to understand...* ela aprendeu porque é algo que aconteceu no passado que influenciou o presente dela que ela vive agora, a rotina.

## 18) Participante 18 – U2 / Tarefa I

1. Aqui eu acho que é passado, tá perguntando onde ele está e eu vou falar que ele saiu... *he went out*. E ele estará de volta em uma hora.

2. Passado, eu fiz alemão na escola... mas eu esqueci... eu fiz, mas esqueci... acho que é tudo no passado... *I forgot*.

3. Quer dizer que agora ele está bem, então ele teve uma dor de cabeça. *I had a headache*.

4. Ela me deu... *Ann gave me.... I'm afraid I lost it...* tudo no passado.

5. Quer dizer que ela não está fora da casa... ela desapareceu... *it is not... it disappeared*. Ela está fora da casa e desapareceu.

6. O que você acha sobre o meu inglês... você acha que eu estou aprendendo, melhorando... improvisando.... não lembro o significado direito.

7. *Work* porque é plural.

8. Quer dizer, ele trabalhou lá por 15 anos... *then he gave it up...* depois ele deixou... então, se ele trabalhou por... então... eu sempre confundo essas coisas... não dá pra ser *have been working...* tem que ser *had worked*.

9. *Died*...ele morreu, quer dizer, ação acabada no passado. *I had never met him*.

10. Quando exatamente ele saiu... *he went out*.

11. Onde você vive... *how long*... quanto tempo você viveu lá... se viveu, não vive mais... *How long... have you been living there...* isso que eu confundo... *where did you live before... and how long have you...* Vou começar de novo... Bom, não pode ser *have you been living there* porque ele não vive mais... então, quanto tempo você viveu lá... *how long did you live there...* Porque ele não mora mais lá... *where did you live before... and how long did you live in Chicago?* Acho que eu posso... dizem que os Americanos usam mais o passado simples e que os ingleses usam mais os tempos corretos...

12. *Ben broke...* *how...* como isso aconteceu... bom, aqui ele quebrou a perna... verdade? Como isso aconteceu?... *how did it happen...* como isso aconteceu?... *he fell...*

13. *Jude speaks...* se ela fala, então é presente... *she...* quer dizer, ela estudou ele desde - *since* - ela tinha 9 anos... *she studied...*

### **Participante 18 – U2 / Tarefa II**

No primeiro parágrafo predomina características que ela acha que ela tem, então ela fala do presente, *simple present* e da experiência que ela já teve, então ela usa tempos do perfeito.

No parágrafo dois, ela já usa o *simple past* pra falar de coisas que ela já fez e que não está fazendo no momento agora, então ela fez no passado e também ela usa os tempos do perfeito, mas acho que o enfoque é mais no passado simples.

No terceiro parágrafo há uma mistura de presente com passado simples, com presente contínuo, bom, na verdade, mais com presente perfeito, ela vai falar das experiências dela, que ela tem agora, e de coisas que ela aprendeu e que continuam sendo importantes agora.

### **19) Participante 19 – U2 / Tarefa I**

1. Verbo no passado porque diz respeito a uma pessoa que não está no lugar, a pessoa saiu, então achei óbvio por no passado.

2. A segunda também usei passado, pelo contexto da frase.
3. A terceira também, por causa de marcas na frase. Porque diz de uma coisa que tinha acontecido e não acontece mais.
4. Na quarta frase, o primeiro verbo eu usei passado e o segundo futuro. Os dois verbos estão ligados um ao outro, diz respeito a uma coisa que aconteceu e a outra ao que a pessoa teme acontecer.
5. Também passado, por causa do contexto.
6. Na sexta, dá até uma dúvida em relação a que tipo de verbo utilizar porque o contexto não é muito claro, dá pra usar passado, dá pra usar futuro também, mas eu escolhi o passado porque pra outra estrutura teria que mexer em mais coisas da frase.
7. Presente simples porque indica um hábito, uma coisa que acontece sempre.
8. Eu usei o presente perfeito porque diz respeito a uma ação que foi realizada durante um tempo, mas não especificamente quando.
9. Primeiro verbo no passado simples porque marca exatamente quando a ação aconteceu e no segundo espaço eu pus presente perfeito.
10. Passado simples porque também diz exatamente quando o evento aconteceu.
11. Presente simples, no segundo presente perfeito progressivo, no terceiro passado simples e no quarto presente perfeito por causa do contexto. Fica difícil aqui de explicar exatamente porque mas...
12. O presente perfeito, fala a respeito de uma ação no passado, mas pelo que dá pra entender no contexto, a pessoa quebrou a perna, mas pelo contexto parece que ela ainda está com a perna quebrada então eu usei o presente perfeito por causa disso. No segundo espaço eu coloquei o passado simples e na terceira também.
13. No primeiro espaço eu coloquei presente simples porque diz respeito a uma habilidade que a pessoa tem e no segundo espaço eu coloquei presente perfeito pelo contexto.

### **Participante 19 – U2 / Tarefa II**

No primeiro parágrafo a autora usou bastante presente e o presente perfeito. Presente pra dizer como ela é e o presente perfeito pra dizer a respeito de experiências que ela já teve na vida dela.

No segundo, ela usa também o presente perfeito, não usa em nenhum momento o presente simples, mas usa o passado simples pra dizer a respeito de uma determinada experiência que ela teve que foi a primeira experiência dela num país estrangeiro. Então ela usa o passado simples pra dizer como era a vida dela naquele momento e usa o presente perfeito pra citar outras experiências que ela vem tendo na vida dela.

Na terceira, ela usa a estrutura volta a ser mais ou menos parecida com a do primeiro parágrafo porque ela usa o presente pra falar agora, quais foram as conseqüências, como ela é hoje, de novo, características dela e o presente perfeito pra dizer também, voltar a dizer sobre as experiências todas que ela teve, vem tendo até o momento da vida dela.

## 20) Participante 20 – U2 / Tarefa I

1. *Present perfect* porque eu acho que como foi uma ação que ele fez, como Ken já saiu e a pergunta tá sendo feita no presente, então acho que é o passado que tem influência no presente, então eu colocaria no *present perfect*. *He has gone out...* e voltará em uma hora.

2. Não sei se eu colocaria passado simples porque ele diz que fez alemão na escola e esqueceu a maior parte do que ele aprendeu. *I forgot...*

3. Eu também colocaria o present perfect porque ele teve uma dor de cabeça mais cedo, mas está se sentindo bem agora. *I have had.*

4. Eu colocaria o passado porque ela deu o endereço, mas eu estou preocupado porque eu acho que eu perdi, talvez eu tenha perdido... nesse sentido... acho que é o *present perfect*.... *I have lost.*

5. Eu colocaria presente porque é uma ação costumeira... onde está minha bicicleta? Ela costuma ficar fora da casa. Se ela desapareceu então quer dizer que a frase anterior se referia a uma coisa que é algo usualmente comum. *It is outside the house, it disappeared.* Passado... desapareceu, ela desapareceu.

6. Eu colocaria passado, mas porque eu penso em português... você acha que eu melhorei? Eu penso mais em português... *improved.*

7. Presente porque eles trabalham juntos na mesma empresa, mesma companhia.

8. Eu colocaria passado simples porque tá relatando uma coisa do passado, datada né... tá relatando então, *worked.*

9. *Died...* Eu nunca o conheci... eu colocaria o *present perfect*, mas é uma coisa que eu tenho que ter mais dados, é meio de ouvido assim não que eu saiba direitinho estruturalmente. *I have never met him.*

10. Eu colocaria passado simples também porque a pergunta quer saber exatamente quanto tempo ela saiu. Pela resposta que é definida, que foi há 10 minutos atrás eu colocaria acho que passado simples. *When exactly did he go out?*

11. Na primeira eu colocaria presente simples... *how long...* eu colocaria *did you live there*, porque é definido né... há 5 anos atrás... se bem que não, eu acho que seria o *present perfect* porque tem influencia no presente, se ela mora lá ainda... *how long have you lived there...* se ela mora lá ainda. A outra seria passado, onde você morou antes... por quanto tempo você morou lá... porque é definido, no passado, ela não mora mais, então seria o passado simples.

12. Eu colocaria, quebrou, *broke...* *really?...* como aconteceu?... eu colocaria passado simples... *how did that happen...* e a terceira eu acho que colocaria aquele passado perfeito... *he had fallen...* porque é anterior ao passado... porque ele quebrou e antes de ele quebrar ele caiu de uma escada, então acho que é esse passado que vem antes do passado simples.

13. Eu colocaria *Jude speaks...* porque é... uma coisa que ela faz bem, deve ser presente... *she...* aí aqui eu não sei se tem influência no presente porque é desde que ela tinha 9 anos... não sei se ela continua estudando, eu acho que não, pela frase, então eu colocaria passado simples... *she studied...* estudou desde que ela tinha 9 anos... porque eu não vejo evidências de que no presente ela ainda estude o alemão, nessa frase.

## **Participante 20 – U2 / Tarefa II**

No primeiro parágrafo ela usou o presente porque ela tá falando de uma característica dela que é adaptabilidade né e usou o *present perfect* também pra explicar o porquê dela ser assim porque é uma coisa que vem já do passado que tem influência no presente, que é a experiência de morar fora... e conhecer outras famílias, aprendeu sobre os costumes.

No segundo parágrafo ela já usa o passado simples porque ela tá falando das experiências dela no passado, que não acontecem mais no presente, mas que influenciaram o presente de certa forma, mas se ela tá relatando, tá narrando, então ela tá usando o passado

simples. Usou também o *present perfect* porque ela, a certa altura do texto ela queria explicar de que maneira ou até que ponto essas experiências que ela narrou no passado foram importantes pra ela, foram interessantes e educacionais como ela disse no fim do segundo parágrafo.

No terceiro, ela volta para o presente de novo porque ela continua explicando pra que serviu toda essa experiência que ela narrou no passado, serviu pra ela entender outras culturas... e ela também usa o *present perfect* novamente porque é uma coisa que ela aprendeu no passado mas que continua tendo influencia no presente dela... a experiência que ela teve no passado ajuda a entender as pessoas, as diferentes formas de lidar com as pessoas e de que isso tudo serviu pra ela até hoje no presente.